

HISTÓRIA SOCIAL

Número 1 1994

REVISTA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
IFCH - UNICAMP

O ÍNDIO E O RENASCIMENTO PORTUGUÊS

RONALD RAMINELLI*

Nas primeiras décadas após o descobrimento, os europeus que aportaram nas terras do além-mar se impressionaram com a vegetação e com sinais da proximidade do paraíso terreal. Montanhas de ouro, monstros, sereias e amazonas eram apontados como maravilhas da América. Os aventureiros encontraram aqui indícios de um mundo há muitos séculos presente na literatura de viagem, aproximando o novo continente das fronteiras conhecidas pelo imaginário europeu. A percepção destes homens procurava organizar o Novo Mundo a partir dos seus pressupostos culturais, relutando em reconhecer as especificidades dos territórios localizados além da Europa¹. A comunhão entre o imaginário e a natureza da América era uma prova cabal da resistência, ou melhor, da negação de autonomia cultural de povos ainda desconhecidos. Os relatos de viagens unindo a realidade à fantasia demonstravam que o legado greco-romano e medieval poderia dar racionalidade a mundos distantes, a homens e comunidades perdidos na imensidão.

O colono português por vezes mitigou a visão fantástica do Novo Mundo, possuindo senso utilitário e pouco chegado a perseguir quimeras. Como disse Duarte Pacheco Pereira, a experiência é a "madre" das coisas, ou melhor, o experimento tem o caráter de desvelar dúvidas, solucionar os mistérios e conter a "obsessão de irrealidades". Sérgio Buarque de Holanda atribui praticidade ao português baseado na

* Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo

¹ Laura de Mello e Souza, *O diabo e a terra de Santa Cruz*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, pp. 21-32.

precocidade do Estado, na expansão ultramarina e da tradição mercantil. A história de Portugal, sobretudo da atuação no além mar, faria dos colonos e viajantes homens mais dedicados ao comércio do que afoitos em encontrar o eldorado². Os pressupostos defendidos pelo historiador são, em parte, irrefutáveis, sobretudo quando se analisa a narrativa deixada por Gabriel Soares de Sousa. O explorador em questão descreveu a costa e o interior do nordeste a partir de um prisma marcadamente utilitarista, preocupando-se em enfatizar as potencialidades econômicas da colônia.

Contudo, os portugueses permaneceram à margem dos debates em torno dos modelos aristotélicos, da cosmovisão de Ptolomeu. Os avanços lusitanos foram pragmáticos, ligados ao cotidiano das navegações e do comércio; não promovendo uma ruptura entre os dogmas e a realidade, simplesmente conviviam sem conflitos com a ortodoxia cristã e as diversidades do ultramar. A descoberta do caminho das Índias, o contato com os povos da Ásia e a vida nos trópicos poucas vezes suscitaram discussões teológicas semelhantes às ocorridas em Valladolid em meados do século XVI³. Enquanto isto, em outras regiões da Europa, a Igreja, e logo a ortodoxia, encontrava-se em crise, atormentada por críticas e projetos religiosos antagônicos. A conjuntura favoreceu a transformação da religiosidade, esta tornar-se-ia um mera convenção, um sentimento individual, dando origem ao aparecimento de um ateísmo prático, "à investigação científica e à

² Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do paraíso*, 4ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985, pp. 5-14 e 304-323.

³ Lewis Hanke, "Aristóteles e os índios americanos: um estudo do preconceito de raças no Novo Mundo", *Revista de História*, n° 37: pp. 15-43; n° 38: pp. 307-337; n° 39: pp. 33-66; n° 40: pp. 325-352, São Paulo, 1959.

discussão racional"⁴.

Os descobrimentos portugueses não interferiram nos debates teológicos ou filosóficos. Assim sendo, os relatos sobre o Novo Mundo passaram despercebidos dos eruditos lusitanos. "A dinâmica científica e cultural das navegações ibéricas não afectou a sua inteligência de universitário metido na torre de marfim de uma pesquisa e de uma problemática perfeitamente esclerosadas". A contestação das teorias aristotélicas, muito em voga na época, não despertou a atenção dos jesuítas de Coimbra. A filosofia dos conimbrences rompeu, em parte, com a antiga escolástica, reabilitando-a sob as luzes do humanismo. A união entre humanismo e escolástica, designada por Silva Dias como ecletismo industrioso, tornou-se necessária para a aclimação da Igreja e da Companhia de Jesus à realidade cultural do Renascimento. Neste sentido, os discípulos de Loyola distanciaram-se dos descobrimentos, reafirmando a ciência tradicional e o valor de seus métodos de análise. "Os jesuítas não puseram em causa a autoridade de sua ciência nem a sua validade da metódica lógico-formalística no plano da filosofia natural"⁵.

Sylvie Deswart viu sob outro prisma a intelectualidade portuguesa, analisando o pensamento de Francisco de Holanda (1517-1584), personagem chave da cultura portuguesa do século XVI. A obra do célebre iluminador e teórico da arte permite entender com maior profundidade o impacto dos descobrimentos sobre a cultura portuguesa do Renascimento. Holanda é contemporâneo a Camões, Gil Vicente e

⁴ Agnes Heller, *O homem do Renascimento*, Lisboa, Presença, 1982, p. 64.

⁵ J.S. da Silva Dias, *Os descobrimentos e a problemática europeia*, Lisboa, Presença, 1982, pp. 33, 38 e 40.

Frei Heitor Pinto, homens que vivenciaram a epopéia portuguesa nos quatro cantos do mundo. Deswart procurou analisar o neoplatonismo e sua difusão entre os intelectuais portugueses. Contudo, centrou a atenção sobre o mais instigante deles.

Em *Idea*, Panofsky admira-se pelo emprego tardio da idéia platônica na literatura artística dos séculos XV e XVI, a despeito da grande voga neoplatônica entre os intelectuais florentinos. Somente no maneirismo tardio essa corrente filosófica teria uma difusão maior. Os primeiros estudiosos a recorrer a este legado foram Giovan Paolo Lomazzo (1590) e Frederico Zuccaro (1607). No entanto, Panofsky desconhecia a obra de Francisco de Holanda; do contrário, segundo Sylvie Deswart, recuaria em meio século sua análise sobre as idéias de Platão na literatura artística. Em *Da Pintura Antigua*, obra cujo primeiro volume data de 1548, Francisco de Holanda realizou um feito notável, empregou o neoplatonismo à teoria da arte, procurando algo que permitisse unir objetos de arte das mais diversas civilizações.

Para o teórico, o desenho é a essência da pintura, a primeira forma de tradução da idéia, tomando-se, portanto, a origem absoluta de toda a materialização do pensamento e de todo o intelecto humano. Partindo deste princípio, Holanda estudou obras de arte das mais variadas procedências, beneficiando-se da expansão portuguesa. Por intermédio da coleção, comenta a historiadora, buscou-se "encontrar reflexo da nova imagem do Mundo, subitamente dilatada. Ao lado das antiguidades clássicas, deseja-se que junto delas figurem as antiguidades da Índia e de outras civilizações recentemente descobertas"⁶.

Francisco de Holanda maravilhou-se ao constatar a mesma razão

⁶ Sylvie Deswart, *Idéias e imagens em Portugal na época dos descobrimentos*, Lisboa, Difel, 1992, p. 23.

e disciplina dos clássicos entre a "gente bárbara" do Brasil e Peru, demonstrando que os princípios da arte existem entre povos desconhecidos e distantes da tradição greco-romana. Assim, até os "antípodas" contribuíam para confirmar a validade de suas "teorias neoplatônicas universalistas duma *prisca pictura*". Francisco de Holanda fora o primeiro estudioso a adaptar a teoria da arte ao conceito ficiniano de *prisca theologia*, além de inovar ao colher, em toda a sua extensão, as expressões artísticas da Índia e de outros mundos revelados pelos viajantes portugueses. Seus contemporâneos presenciaram igualmente a dilatação das fronteiras do mundo. No entanto, assegura Deswart, nem José de Castro, nem André de Resende, nem Camões conseguiram ou preocuparam-se em realizar tais correlações. "Foi assim, por intermédio do neoplatonismo e de sua visão universalizante oriunda dos cosmógrafos e navegadores portugueses que Francisco de Holanda, o antiquário, conseguiu englobar toda a arte do mundo"⁷.

No entanto, uma pesquisa realizada nos arquivos portugueses não encontrou um material semelhante ao analisado por Sylvie Deswart, corroborando a tese de Sérgio Buarque de Holanda. Evidenciou-se a quase inexistência de debates teológicos e filosóficos em torno das descobertas advindas da América. As referências aos índios, excetuando as crônicas e as cartas jesuíticas, encontram-se maciçamente entre os documentos administrativos. Os intelectuais lusitanos eram pouco sensíveis ao exotismo americano: o canibalismo, as cerimônias gentílicas e a nudez não suscitaram querelas moralistas ou teológicas. Neste sentido, o exemplo da Inquisição torna-se um

⁷ *Idem, ibidem*, p. 54.

ponto de partida para a análise da percepção do outro na cultura portuguesa do Renascimento.

Inicialmente, um dos principais enfoques da presente pesquisa destinava-se a estudar como os inquisidores, os colonos e os mamelucos interpretaram a cultura indígena, ressaltando as representações do índio provenientes dos processos inquisitoriais, seja por intermédio dos pareceres e das perguntas dos inquisidores, seja através dos depoimentos dados pelos colonos e mamelucos acusados de gentilidades. No Arquivo Nacional da Torre do Tombo, consultei 19 processos envolvendo mamelucos, julgados durante a Primeira Visitação do Santo Ofício na Bahia. Através deles poderia chegar às práticas gentílicas, pois os pagãos não poderiam ser julgados pelo Santo Ofício, já os mamelucos, sendo batizados, meio brancos e meio índios, poderiam ser alvos das investidas dos inquisidores.

Perante a mesa do Visitador Heitor Furtado de Mendonça, os mamelucos relataram práticas de antropofagia, de bigamia, de encontros noturnos aos moldes do sabá, de metamorfose, entre outras transgressões. O mameluco Simão Dias confessou sua participação na abusão do Jaguaripe, levante indígena de caráter messiânico, ocorrido entre o anos de 1570 e 1580 na Bahia. Nas cerimônias realizadas no sertão, o mameluco zurrava e uivava como onça, falava em linguagem incompreensível e "rebatizou-se" ao modo da abusão, mudando seu nome⁸. Lázaro da Cunha, outro mameluco que se apresentou ao Visitador do Santo Ofício na Bahia, confessou ter feito guerra contra os brancos, comido carne em dia defeso, pintado o corpo ao modo

⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Inquisição de Lisboa, processo número 13090. Sobre a abusão do Jaguaripe ver: José Calasans, *A Santidade de Jaguaripe*, Bahia, 1952; Ronald Raminelli, *Tempo de Visitações*, dissertação de mestrado, USP, 1990; e Ronaldo Vainfas, "Idolatrias luso-brasileiras: as santidades indígenas", in *América em tempos de conquista*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

gentílico, perturbado a catequese dos jesuítas, perpetrado pecado nefando com uma índia e fingido comer carne humana⁹. Lázaro da Cunha era um grande guerreiro, lutando junto aos índios contra as tribos inimigas. Nos combates fez muitos prisioneiros, que tempos depois seriam sacrificados em rituais de antropofagia. Dificilmente o mameluco deixou de comer carne humana, pois o ritual era amplamente difundido entre os Tupinambá, sendo marcante para estas comunidades, sobretudo para os guerreiros¹⁰.

A metamorfose, a antropofagia, a troca de nome, o pecado nefando constituem características comuns ao sabá das bruxas, evento amplamente difundido entre os eruditos do Renascimento europeu¹¹. Os inquisidores portugueses certamente conheciam estas práticas através dos tratados de demonologia, mas nem por isso castigaram-nos com as mesmas penas atribuídas a elementos suspeitos de terem pacto com o demônio. Os mamelucos não foram enviados ao Tribunal de Lisboa, sendo processados, admoestados e julgados em Salvador. Em outras ocasiões, saíram em Auto-de-Fé realizado nas ruas da cidade, mas nenhum foi preso nos cárceres do Santo Ofício ou enviado a Lisboa. Os processos estudados são sumários, muitos deles não possuem vinte páginas¹². Neles não há contraditas, debates teológicos, nada que

⁹ ANTT, Inquisição de Lisboa, processo número 11068.

¹⁰ Sobre o assunto ver: Ronald Raminelli, "Da vila ao sertão: mamelucos como agentes da colonização", *Revista de História*, São Paulo (no prelo).

¹¹ Sobre o sabá ver: Carlo Ginzburg, *História noturna: decifrando o sabá*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, pp. 93-186. Sobre a difusão dos tratados de demonologia ver: Stuart Clark, "Inversion, misrule and the meaning of witchcraft", *Past & present*, 87: pp. 98-127, 1980.

¹² ANTT, Inquisição de Lisboa, processos número 1058-A; 2559; 7950; 10714; 10776; 10874;

viabilize uma pesquisa rigorosa sobre a visão dos portugueses sobre os ameríndios.

Não satisfeito com as informações obtidas junto aos processos, procurei ler os livros de correspondência entre a Inquisição de Lisboa e a Inquisição Geral sem obter sucesso. Tentei ainda consultar, em vão, outros papéis da Inquisição Geral, procurando encontrar algum debate em torno dos aspectos demoníacos dos índios, assunto abordado em tantas cartas jesuítas e relatos de colonos. O resultado deste empreendimento provou-me que os inquisidores não consideravam graves os desvios da fé perpetrados pelos índios e mamelucos.

Seguindo um caminho sugerido pelo Professor Francisco Bethencourt, consultei vários processos inquisitoriais envolvendo pessoas de origem mourisca, mas que haviam se convertido ao cristianismo e depois retomado à costa da África, onde voltaram às origens e abraçaram a religião de Maomé. A leitura dos mesmos objetivava comparar as sentenças dos "desvios da fé" perpetrados pelos mamelucos e pelos mouriscos. O processo da Inquisição de Lisboa contra Martinho exemplifica a disparidade de sentenças. O réu fora batizado aos 16 anos, tempos depois se encontrava com o seu senhor na guerra da África, quando os mouros o capturaram. Entre os "hereges", converteu-se ao maometanismo, sendo apóstata da fé durante mais de vinte anos. No entanto, em Ceuta os cristãos capturaram-no e trouxeram-no para o território da Cristandade, onde sabiamente confessou suas culpas e caiu nas malhas da Inquisição. Os inquisidores atenuaram a sentença devido à confissão, mas nem por isso ela foi menos branda. Martinho recebeu a pena de cárcere e hábito penitencial

11068; 11072; 11075; 11632; 11635; 11666; 12229; 12927; 13098; 16897; 17762; 17809 e 17813. Solange Alberro nos informa sobre a complacência dos inquisidores espanhóis em relação às idolatrias americanas. Ver: *Inquisición y sociedad em México*, México, FCE, 1980, pp. 21-22.

perpétuos¹³. O contraste entre as penas é notável e demonstra o caráter irreversível da heresia propalada pelos célebres rivais da Cristandade.

Busquei, então, em alguns catálogos sobre publicações portuguesas dos séculos XVI e XVII, obras onde havia referências ao Brasil. Constatei que em Portugal não ocorreu o mesmo fenômeno editorial notado em outras regiões da Europa, havendo um quase silêncio sobre os ameríndios. No além-Pirineus, em meados do século XVI, grandes coleções foram dedicadas à América, levando as narrativas de viagem e um acervo iconográfico àqueles que não tinham oportunidade de aventurar-se no além-mar. A coleção de Théodore de Bry, denominada *Grandes Viagens*, dedicou-se em grande parte às Índias Ocidentais. No terceiro volume da coleção, encontram-se os relatos de Hans Staden e Jean de Léry. A coleção teve grande sucesso, com tiragens em latim, alemão, francês e italiano, constituindo a primeira tentativa, em grande escala, de apresentar à Europa uma imagem visual do Novo Mundo¹⁴.

O relato de Jean de Léry, antes de constituir um volume da Coleção de Théodore de Bry, foi publicado em La Rochelle por André Chupin, 1578. O livro teve várias edições, traduzido para o holandês, alemão e latim, gozando de popularidade até o século XVIII. A França Antártica e o exotismo dos trópicos também aguçaram a curiosidade da aristocracia francesa, levando-a a promover uma "festa brasileira" em Rouen. A festividade reuniu boa parte das cabeças coroadas da Europa em um ambiente artificialmente tropical. Cerca de 50 índios foram

¹³ ANTT, Inquisição de Lisboa, processo número 12876, maço 1072. Agradeço a Adriana Romeiro pela localização deste documento.

¹⁴ Bernardette Bucher, *La sauvage aux seins pendants*, Paris, Hermann, 1977, pp. 1-14.

levados do Brasil, e ainda havia palmeiras e a vegetação nativa. Um cenário exótico reunia os costumes indígenas e a natureza dos trópicos em uma cidade francesa¹⁵. O "índio brasileiro" despertou, igualmente, a atenção de intelectuais como Montaigne, Rabelais e Ronsard, que recorreram ao exotismo indígena para consolidar um pensamento destinado a combater o artificialismo da sociedade francesa¹⁶. Os franceses, então, desenvolveram uma percepção do outro muito original, buscando encontrar em outras culturas elementos para pensar a própria sociedade francesa. Em contrapartida, em Portugal, na metrópole de um dos maiores impérios coloniais, houve uma certa "banalização" dos ameríndios, um quase silêncio em relação a costumes tão estranhos à tradição europeia.

Durante o século XVI, sete obras sobre o Brasil foram publicadas em Portugal:

1 - *Cópia de unas cartas embiadas del Brasil ... tresladas de Portugueses em Castilhano recebidas el ano de MDLI*;

2 - José de Anchieta, *Excellentissimo, singularis Fidei ac Pietatis Viro Mendo de Saa*, Coimbra, na casa de João Alvares, 1563;

3 - Pedro de Magalhães Gandavo, *História da prouincia Sãcta Cruz a qui vulgarmente chamamos Brasil*, 1576;

4 - *Naufragio, que passou Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernanbuco*, opúsculo impresso (?), 1584 e 1592 ou 1601;

5 - José de Anchieta, *Arte da gramatica da lingoa mais usada*

¹⁵ Ferdinand Denis, *Une fête brésilienne célébrée a Rouen en 1550*, Paris, J. Techner, 1850, pp. 15-22.

¹⁶ Gilbert Chinard, *L'exotisme américain dans la littérature française du XVI siècle*, Paris, 1911, e *L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVII et au XVIII siècle*, Paris, Droz, 1934.

na costa do Brasil..., Coimbra, António de Mariz, 1595;

6 - *Carta Regia de 13 de janeiro de 1596 com a transcrição da lei de 11 de novembro de 1595 sobre a liberdade ds gentios do Brasil*, opúsculo de quatro páginas, Lisboa, 1596 (?);

7 - *Gravura impressa em Portugal, entre 1565 e 1569, a representar um animal estranho, visto e matado na Capitania de São Vicente, no Brasil*¹⁷.

Segundo Luís Filipe Barreto, os textos de Gandavo foram impressos por constituírem um elogio à Colônia, incentivando a colonização sem dar muitos detalhes sobre a estrutura econômica da possessão portuguesa. Outras narrativas não passaram do manuscrito para o impresso devido às valiosas informações ali contidas, capazes de chamar a atenção de outros Estados europeus para as riquezas do Brasil¹⁸. Por este e por outros motivos os trabalhos de Gabriel Soares de Sousa e Frei Vicente do Salvador, entre outros tantos, permaneceram desconhecidos até a segunda metade do século XIX, quando pesquisadores como Adolfo Varnhagen e Capistrano de Abreu os localizaram, ou mesmo descobriram, em arquivos portugueses. Porém, as interpretações de Luís Filipe Barreto não consideram as razões para a existência de apenas uma edição da obra de Gandavo, não levam em

¹⁷ Sobre o assunto ver: Francisco Leite Faria, "Livros sobre o Brasil no século XVI; os impressos quinhentistas portugueses referentes exclusivamente sobre o Brasil", *Revista de ciência do homem*, IV A: pp. 135-195, 1972; Anselmo António & Raúl Proença, *Bibliografia de obras raras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1977; e A. Moreira Sá, *Índice dos livros proibidos em Portugal no século XVI*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.

¹⁸ Luís Filipe Barreto, *Os descobrimentos e a ordem do saber: uma análise sócio-cultural*, Lisboa, Graduíva, 1987, pp. 48-49.

conta a apatia dos intelectuais em relação ao índio. Luís Filipe Barreto não se espanta com a "banalização da alteridade". Nomes como Luís de Camões e Gil Vicente ignoraram quase por completo o exotismo americano, contrariando a valorização deste aspecto encontrada na literatura francesa do século XVI.

A especificidade lusitana deve ser pensada no âmbito dos contatos culturais. A estrutura social e o grau de complexidade dos povos do além mar tiveram, com certeza, influência sobre as narrativas de viagens produzidas na ocasião. Os navegantes poderiam se encantar pela simplicidade e pela vida bucólica de uma pequena aldeia da África, ou pela suntuosidade dos pagodes chineses. O encontro de povos tão díspares deve ser analisado a partir da comparação de suas estruturas sociais, de suas hierarquias e de suas economias. A relação entre povos complexos e sociedades menos hierarquizadas é um dado da maior importância quando se pretende entender os contatos culturais.

Durante as primeiras viagens na costa africana e asiática, os portugueses recorreram a mecanismos analógicos para descrever a nova realidade, encontrando semelhanças entre os costumes nativos e os portugueses, por isso percebiam rastros do apóstolo São Tomé em sítios os mais distantes. Os portugueses procuravam, assim, abarcar ou dominar as novas informações provenientes dos primeiros contatos. "Ao assimilar traços da realidade oriental ao mundo familiar, tentava-se metamorfosear a diferença em identidade, o desconhecido é sistematicamente apreendido através de um jogo de comparações que o transmutam em variantes do mundo do mesmo. Por outro lado, nota-se nos primeiros relatos de viagens à Índia um intrigante silêncio sobre os múltiplos aspectos da realidade oriental: os portugueses parecem não mostrar grande surpresa perante o novo mundo com que entram em

contato..."¹⁹. Depois de algum tempo, a estratégia de dominação colonial inverteu o conteúdo das narrativas, transformando-as em minuciosas descrições dos hábitos e curiosidades reunidas durante as viagens. Contudo, os observadores continuavam presos aos referenciais europeus, pois não toleravam organizações sociais radicalmente opostas às europeias, "sua simpatia e compreensão dirigiam-se, sobretudo, para aquelas formas asiáticas de vida e de governo que encontravam paralelo nas sociedades orientais da época"²⁰.

O Estado, as hierarquias e o ativo comércio da China despertaram grande curiosidade entre os portugueses, permitindo a publicação de dezenas de relatos sobre a vida no Império chinês. O padre Gaspar da Cruz da ordem de São Domingos escreveu um livro, publicado em 1569, sobre a China e suas maravilhas. O religioso demonstrou em inúmeras ocasiões o fascínio promovido pelo império do centro. Por vezes, chegou a criticar Portugal por intermédio da realidade chinesa, ressaltando a abundância de alimentos, o centralismo do Estado, a presteza da justiça, a valorização dos intelectuais e das regras de sociabilidade. Os pobres da China, argumentou o padre, "não vivem tão pobres e tão maltratados no traje como os que vivem

¹⁹ Rui Loureiro, "O encontro de Portugal com a Ásia no século XVI", António Luís Ferronha (coord.), *O confronto do olhar: o encontro dos povos na época das navegações portuguesas séculos XV e XVI*, Lisboa, Caminho, 1991, p. 168.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 189.

pobrememente em Portugal"²¹.

Frei Gaspar da Cruz não conteve elogios em relação à organização do Estado chinês e comentou: "Quam polidaa he esta gente, no regimento e governo da terra e no comum trato, tam bestial he em suas gentilidades, no tratamento de seus Deoses e idolatrias"²². O dominicano ressaltou portanto a harmonia das relações sociais, a precisão e ordenamento do Estado; em contrapartida, a religião os afastava da perfeição idealizada pelo cristianismo. Em várias narrativas de viagens, os portugueses encantaram-se com as hierarquias, pelo alto grau de civilidade. O Japão e a China provocaram ainda uma enorme admiração nos homens letrados de Portugal, ocasionando, por vezes, uma comparação entre os Estados, os sistemas administrativos, as justiças e as urbanizações chinesas e portuguesas. "Será talvez interessante observar que a imagem da China nas fontes portuguesas quinhentistas se lê como um retrato da realidade portuguesa da época"²³. Deste modo nota-se que os portugueses foram sensíveis a aspectos da sociedade chinesa, sociedade bárbara e não-cristã, ausentes em Portugal.

A idéia de um evolução do bárbaro ao cristão está presente em dezenas de relatos quinhentistas; a própria catequese procurava levar os selvagens da barbárie à civilização cristã. O jesuíta José de Acosta estabeleceu alguns estágios dessa evolução, criando categorias capazes de abarcar diferentes comunidades não-cristãs ou bárbaras. O religioso

²¹ Gaspar Cruz, *Tractado em que secõtam muito por estenso as cousas da China, cõ suas particularidades, assi do Reyno Dormus cõposto por el padre frey Gaspar da Cruz da ordem de Sam Domingos. Dirigido ao muito poderoso Rey Dom Sebastiam nossos senhor*, Impresso com licença, 1569, caderno D fol. 5.

²² *Idem, ibidem*, caderno K, fol. V verso.

²³ Loureiro, *op.cit.*, p. 205.

classificou-as por intermédio de "níveis de comunicação", ou seja, pelo seu grau de interação social. Para tanto, levou em consideração a língua, a escrita, a organização do Estado e a religião. O mundo dos bárbaros, segundo Acosta, era dividido em três categorias.

A primeira reuniria os povos organizados em república estável, em cidade fortificada e regidos por leis civis. Nela a escrita é ponto alto na comunicação contando igualmente com a sabedoria de uma casta ilustrada. A religião, apesar de ser bárbara, possui um grau de complexidade muito próximo do cristianismo. Nesta categoria estariam os gregos, romanos, japoneses e sobretudo o chineses. "Embora esses povos fossem verdadeiramente bárbaros e em muitos aspectos contrariassem a lei natural, podiam ser convertidos de forma análoga àquela usada pelos Apóstolos para converter os gregos e romanos"²⁴. Na segunda categoria estariam os povos sem escrita, sem saber filosófico e civil, mas possuindo uma organização social semelhante à primeira. Os mexicanos e os incas estariam neste estágio do desenvolvimento humano. No grau mais inferior da escala humana encontram-se povos de baixos níveis de comunicação, vivendo como animais. O canibalismo é uma característica singular a estes homens, demonstrativa do seu alto nível de ignorância. Boa parte dos ameríndios encontra-se nesta etapa, sendo seres mais próximos do "escravo natural" aristotélico. Assim, considero a tipologia de José de Acosta como representativa da visão européia quinhentista em relação aos povos não-cristianizados. Deste modo, procuro entender a admiração pelos chineses presente na obra de Frei Gaspar da Cruz e de tantos outros viajantes e missionários portugueses.

²⁴ Anthony Padgen, *The fall of natural man*, Londres, Cambridge University Press, 1982, p. 163.

A aguda percepção deste padre permitiu-me olhar para os relatos portugueses sobre os ameríndios sob um outro prisma. Permitiu-me, particularmente, entender a receptividade das narrativas sobre o Brasil entre os intelectuais lusitanos. A falta de curiosidade sobre a vida cotidiana dos índios reforça o encantamento provocado pelo Oriente, sobretudo quando se trata dos grandes impérios, da centralização do Estado, da riqueza e da hierarquia. Os ameríndios não tinham "leis, nem rei, nem fé", andavam nus, na mais suprema miséria. Por tudo isto não poderiam provocar entre os portugueses os mesmos sentimentos que moveram Camões a relatar a epopéia portuguesa nos mares orientais. Portanto, o estudo dos contatos culturais deve ressaltar as particularidades culturais dos povos em contato, do contrário perde-se a complexidade do evento.

Curiosamente, os italianos percorreram um caminho semelhante aos portugueses e não se sensibilizaram com as comunidades indígenas do Brasil. Em compensação, ficaram aficionados pelos incas, maias e astecas. "Os italianos ficaram mais interessados nas 'civilizações' da América (as quais eles tendiam a comparar com os gregos e romanos e mesmo com os chineses) do que com o 'selvagem', feliz ou não"²⁵. A voga pelas altas culturas ameríndias ocasionou o aparecimento de inúmeras coleções de arte, reunindo objetos provenientes da América. O deslocamento deste acervo para a Itália evidencia a curiosidade pelas novas civilizações²⁶. Em compensação, as comunidades menos estruturadas não despertaram o interesse, sendo o pensamento de

²⁵ Aldo Scaglione, "A note on Montaigne's *Des Cannibales* and the humanist tradition", in F. Chiapelli (dir.), *First images of America: the impact of the New World on the Old*, Berkeley, University of California Press, 1976, v.1, p. 66.

²⁶ Detlef Heikamp, "American objects in Italian collections of Renaissance and Baroque: a survey", *ibidem*, pp. 455-482.

Montaigne particular e sem paralelo na Itália.

Michel de Montaigne teceu várias e importantes considerações sobre as culturas ameríndias, apesar de ter permanecido distante dos trópicos. Em princípio, como Jean de Léry, negou à antropofagia as dimensões do canibalismo, pois o consumo de carne humana não possuía um caráter alimentício, sendo um sinal de vingança²⁷. Comparando a realidade do Velho Mundo com a América, Montaigne ressaltou o contra-senso da sociedade européia, presa ao despotismo e a chefes que se mantinham no comando por intermédio da força, enquanto as comunidades indígenas eram baseadas na harmonia, no equilíbrio mantido pelos membros da tribo. O mito do bom selvagem, esboçado por Montaigne, demonstra a fadiga de indivíduos e gerações perante os costumes ditos civilizados. Transformou-se em uma forma de protesto, cuja intenção era atingir e denunciar a estilização dos costumes ditos civilizados. Em Montaigne o mito demonstra a tensão entre natureza e cultura, entre autenticidade e aparência, entre moral natural e moral regulada. Contudo, o mito e a contestação somente tomaram corpo no século XVIII²⁸. Um pensamento igual ao de Michel de Montaigne não se originou além das fronteiras da França, sendo esta percepção do "outro" singular e de enorme repercussão entre os filósofos da ilustração, sobretudo na obra de Jean-Jacques Rousseau.

No entanto, em Portugal, logo depois do descobrimento do Brasil, ocorreram algumas manifestações, nas artes visuais, de temas envolvendo os ameríndios. Dois painéis de Grão Vasco retratam o índio

²⁷ Michel de Montaigne, *Ensaios*, tradução de Sérgio Milliet (Os Pensadores), São Paulo, Abril Cultural, pp. 100-106.

²⁸ Frank Lestringant, *Le huguenot et le sauvage*, Paris, Aux amateurs de livres, 1990, capítulo IV.

em ambientes distantes das florestas, representando-os em cenas bíblicas: *Adoração dos Reis Magos* (c.1501-1506) e *Calvário* (c.1535-1540)²⁹. No centro do primeiro painel há um índio da etnia Tupinambá, ocupando o lugar onde tradicionalmente havia o Mago Negro, Baltazar. Na pintura de Vasco Fernandes encontra-se a primeira representação pictórica de um índio da Terra de Santa Cruz. "Bastaria este facto para que Vasco Fernandes - o Grão Vasco da Lenda - entrasse para a História dos Descobrimentos...". O historiador Pedro Dias considera a inclusão de um índio, em um contexto religioso tão importante, como indício de que os portugueses consideravam promissora a expansão do cristianismo no território descoberto por Pedro Álvares Cabral. Para o historiador, a inspiração para o tema provém da carta de Pero Vaz de Caminha, "onde se relata o seu primitivismo social e disponibilidade ética para a mensagem cristã"³⁰.

Contudo, a carta permite outras interpretações, outras leituras da realidade americana. O índio de Caminha, em repetidas ocasiões, possui feições bárbaras, semelhantes às "alimárias monteses" e à gente bestial. Na carta de Pero Vaz de Caminha encontrei indícios de animalização:

"Os outros dois que o capitão teve nas naus e a quem deu o que já foi dito nunca mais aqui apareceram, do que conlucio ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos. Eles porém, contudo, andam bem curados e muito limpos e nisso me parece, ainda mais, que são como aves, ou alimárias monteses que lhes o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas..."

²⁹ Grão Vasco, *Adoração dos Reis Magos* (1501-1506), do retábulo da capela da Sé de Viseu, Museu Grão Vasco, Viseu; *Calvário* (1535-1540), da capela do Santíssimo da Sé de Viseu, Museu Grão Vasco, Viseu.

³⁰ Pedro Dias, "Apresentação", in *GRÃO VASCO e a pintura europeia do Renascimento*, Lisboa, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1992, p. 25.

A carta comporta outras representações do índio, não mais como bestial, como "alimárias monteses", mas como possíveis cristãos: "gente de tanta inocência que se a gente os entendesse e eles a nós, que seriam logo cristãos, porque não têm nem atendem a nenhuma crença"³¹. Considerar o índio como animal significa, obviamente, desconsiderá-lo como homem e como possível cristão. A ambigüidade da carta de Caminha é evidente: por que razões ora os índios são bestiais, ora são gentios? No entanto, não restam dúvidas de que o índio de Vasco Fernandes é um gentio, sendo uma impressão recorrente entre os primeiros relatos sobre a Terra de Santa Cruz.

No segundo painel, *Calvário*, encontra-se uma representação do índio como Bom-Ladrão, dividindo a composição com Jesus Cristo. O contato mais estreito entre portugueses e ameríndios, e os desvios da fé repetidamente atribuídos aos últimos, seriam responsáveis pela representação do índio como Bom-Ladrão, "esse homem que, vivendo desde sempre no pecado, conseguiu a salvação através da revelação da Palavra de Cristo"³². Porém, a interpretação de Pedro Dias não é convincente, havendo dúvidas se existiria realmente um índio no painel em questão. No entanto, partindo do pressuposto da existência de um índio na tela mencionada, a evolução do tema explicaria um outro quadro sem autoria e intitulado *O Inferno*, exposto no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa³³. Assim, inicialmente o índio é um gentio;

³¹ Pero Vaz de Caminha, *A carta de Pero Vaz de Caminha*, Estudo crítico, paleográfico-diplomático de José Augusto Vaz Valente, São Paulo, Edição do fundo de pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1975, pp. 158 e 176.

³² Pedro Dias, *op.cit.*, loc.cit.

³³ *Inferno* (meados do século XVI), Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

passadas algumas décadas do primeiro contato, o índio é um pecador arrependido; em seguida, há uma representação como Lúcifer, como ser demoníaco. Porém a mutação do tema não ocorreu de modo tão linear, pois Dagoberto Markl considera que o quadro *O Inferno* data das primeiras décadas do século XVI, sendo com certeza anterior ao *Calvário*.

O Inferno descreve uma cena de castigos, de punição dos sete pecados capitais. As sentenças parecem provir de Lúcifer, o diabo índio, que sentado observa a execução das penas. Há ainda uma outra menção ao Brasil, um diabo-ave, que coberto de penas de papagaios, carrega um sodomita, conduzindo-o para o local onde será devidamente torturado. Dagoberto Markl realizou uma leitura interessante da cena e disse:

"Curiosamente, o índio parece entendido, pelos pintores e encomendadores portugueses, como símbolo do Bem, embora pagão convertido (O Rei Mago), e do Mal (Lúcifer). No entanto, a contradição é aparente, porquanto o *Inferno* tem que ser, neste caso, entendido como uma MORALIDADE - à maneira de Gil Vicente - na qual Lúcifer actua como um justiceiro enviado por Deus para denunciar e punir os pecados dos homens"³⁴.

As crônicas portuguesas da primeira metade do século XVI raramente representam o índio como demoníaco. Tal figuração torna-se recorrente nos escritos dos jesuítas, sobretudo no teatro de Anchieta. No *Auto representado na festa de São Lourenço*, datado dos fins do século XVI, o Diabo não castiga, não pune, mas promove tentações, afasta os índios dos preceitos cristãos. O Guaixará é "o bêbado, grande

³⁴ Dagoberto L. Markl, "Descobrimto ou uma arte de fixação", *Vértice*, 3 (2ª série), 1988, p.20. Sobre a datação ver: "Introdução ao estudo do 'Inferno' do Museu Nacional de Arte Antiga", *Boletim Cultural* (Póvoa de Varzim), XXVI (2), 1989, pp. 541-561.

boicininga, jaguar, antropófago, agressor, andirá-guaçu que voa, demônio assassino". Enquanto Aimbirê possui chifres, range os dentes, mostra as garras³⁵. O demônio de Anchieta reúne propriedades de animais nativos. Cobra, morcego, jaguar eram, com certeza, as feras que habitavam a imaginação dos silvícolas, às quais o missionário recorreu para traduzir o temor, os perigos que acometiam os índios alheios à palavra do Senhor. O Diabo, portanto, perde as características européias, afasta-se do protótipo caprino, trazendo as cores dos trópicos e das ameaças das florestas. Vale lembrar que o imaginário europeu certamente está presente na escolha destes animais como seres demoníacos, pois as cobras e os morcegos constituíam demônios familiares.

Em *O Inferno*, o Lúcifer veste penas verdes e transforma-se em um papagaio, da cor do exotismo americano. A imagem demoníaca não é um índio, mas o maligno travestido pelo exotismo. A máscara usada pelo Diabo reforça o caráter de fantasia, de indumentária. Contudo, o Diabo não dirige sua fúria contra os índios, mesmo porque o papagaio não é uma ameaça das florestas. Na tela, as mais diversas formas de punição acometiam a homens e mulheres brancos, seja seculares ou religiosos. No quadro, o Lúcifer é verde para ressaltar o exotismo, a alteridade, expressando o temor pelo desconhecido, o pavor que acometia homens alheios à realidade americana.

Deste modo, a migração do tema do Brasil para as telas portuguesas fez-se na forma e não no significado, pois o simbolismo da

³⁵ José de Anchieta, *Poesias*, transcrições, traduções e notas de M. de L. de Paula Martins, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1989, pp. 701 e 709.

representação do índio somente trava diálogo com a cultura européia³⁶. Ou melhor, o índio enquanto forma, como figura, possui um significado, um sentido, diferente daqueles das narrativas de viagem, havendo um descompasso entre o índio das telas e o índios dos viajantes e cronistas. Enfim, a realidade americana não explica o simbolismo da pintura. As crônicas e as narrativas de viagens pouco contribuíram para o aparecimento do índio na pintura portuguesa. O contrário, no entanto, ocorreu na coleção dirigida por Théodore de Bry.

A pintura portuguesa na era dos descobrimentos dedicou-se a motivos religiosos. As cenas bíblicas povoam as telas dos mestres lusitanos. A Virgem, Cristo, São Jerónimo e as tentações do Diabo constituem temas preponderantes na pintura. Deste modo, considero pouco provável a existência de telas retratando o índio e o ambiente americano. No entanto, um outro tipo de iconografia demonstra conexões explícitas com a realidade do Novo Mundo, particularmente repete temas recorrentes entre as crônicas de viagens. A cartografia portuguesa do século XVI constitui, sem dúvida, o maior acervo de imagens portuguesas dedicadas aos ameríndios. Nos mapas a tradição indígena é representada com os mesmos detalhes dos relatos de viagem ou das missivas escritas pelos primeiros jesuítas.

Alguns temas repetem-se, constituindo verdadeiros clichês. A antropofagia é caracterizada pelo aprisionamento da vítima, o esquartejamento do corpo e o cozimento da carne humana. A carta de Diogo Homem de 1558 descreve um grupo de índios dispostos em torno de uma fogueira, nela há pernas e braços humanos. Ao lado, há uma árvore onde os nativos penduraram uma cabeça dois braços e pernas³⁷.

³⁶ Sobre a relação entre forma e significado ver: E. Panofsky, *Significado das artes visuais*, São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 47-87.

³⁷ Diogo Homem, "Atlas de doze folhas" (1558), British Museum, Londres, in *PORTUGALIAE*

Em outro mapa de Diogo Homem de 1568, há um homem nu e barbado, próximo de uma fogueira com dois espetos suspensos, contendo uma perna, uma cabeça e dois braços³⁸. Em um mapa da década de 1590, encontrei maiores detalhes sobre o ritual de antropofagia. As imagens representam as etapas da cerimônia: 1 - Inicialmente a cena apresenta um índio atado pela cintura por corda, dois outros seguram suas extremidades, enquanto um quarto está pronto para desferir um golpe de tacape sobre a cabeça. 2 - Em seguida, a narrativa pictórica representa um índio deitado sobre algo semelhante a uma cama, enquanto um segundo corta-o em pedaços - uma perna já se encontra no chão. O protagonista da cena segura com a mão direita uma grande faca, na posição apropriada para desferir mais um golpe sobre o corpo da vítima. Este motivo é recorrente em quase todas as coleções de imagens sobre o Novo Mundo, desde as primeiras publicações das cartas de Américo Vespúcio³⁹.

Os mapas portugueses do século XVI apresentam muitos outros temas, contendo detalhes preciosos para a análise iconográfica. O pragmatismo português, ressaltado por Sérgio Buarque de Holanda, novamente se afirma. Nas cartas, há referência aos costumes indígenas, às suas armas, às atividades extrativas do pau-brasil, à coerção do colonizador, ao canibalismo e à cordialidade do gentio, demonstrando que a realidade americana deveria constar nos mapas. Há ainda

Momumenta Cartografica, por Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, Lisboa, Comemoração do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960, plate n. 108.

³⁸ Diogo Homem, "Atlas de 28 folhas" (1558), *Sächsische Landesbibliothek*, Dresden, *ibidem*, plate n. 108.

³⁹ Anónimo Bartolomeu Lasso - Petrus Plancius (1592-1594), *ibidem*, plate n. 381.

representações pictóricas do índio como gentio e como bárbaro, repetindo os mesmos *topoi* encontrados nas crônicas e narrativas de viagem. Enfim, o homem e a natureza americanos entraram no Renascimento português por intermédio da cartografia, auxiliando aos desbravadores do Novo Mundo a cumprir sua missão "civilizadora".*

* A pesquisa realizada nos arquivos portugueses foi financiada pela CAPES e orientada pelo Professor Francisco Bethencourt da Universidade Nova de Lisboa. Conte também com a valiosa colaboração de Joaquim Oliveira Caetano, pesquisador do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa.

LITERATURA E HISTÓRIA SOCIAL: A "GERAÇÃO BOÊMIA" NO RIO DE JANEIRO DO FIM DO IMPÉRIO

LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA*

O início da década de oitenta do século XIX marca um importante momento para a literatura brasileira. Enquanto Machado de Assis atingia em 1881 sua consagração definitiva, com a publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹, uma nova geração de poetas e romancistas tomava de assalto a Corte, lutando para conseguir seu espaço no fechado mundo das letras. Procedentes na maior parte das vezes dos bancos das faculdades de direito de São Paulo ou do Recife ou da Escola de Medicina do Rio de Janeiro², jovens escritores como Olavo Bilac, Coelho Netto, Raul Pompéia, Valentim Magalhães e Aluísio Azevedo - que tinham em média, no início da década de oitenta,

* Doutorando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ Cf. Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, São Paulo, Ed. Ática, 1990 [1881].

² Era o caso, entre outros, de Raul Pompéia, Valentim Magalhães, Raimundo Correia e Luís Murat, formados na Faculdade de Direito de São Paulo; de Olavo Bilac, que, depois de abandonar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, acaba ingressando em 1887 na Faculdade de Direito de São Paulo; e de Coelho Netto, que, além destas, passa ainda pela Faculdades de Direito de Recife - sem ter completado nenhum dos cursos. Cf. Paulo Dantas, *Coelho Netto*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, s.d.; A.L. Machado Neto, *Estrutura Social da República das Letras*, São Paulo, Grijalbo/EDUSP, 1973; Eloy Pontes, *A Vida Inquieta de Raul Pompéia*, Rio de Janeiro, José Olimpo, 1935; e Raimundo Magalhães Júnior, *Olavo Bilac e Sua Época*, Rio de Janeiro, Ed. Americana, 1974.

cerca de vinte anos - apareciam ainda no período como meras promessas em busca do reconhecimento e da fama³. Ao longo da década, entretanto, eles mostrariam seu valor, agitando e transformando as rodas literárias com suas idéias novas, afinadas com as últimas tendências da literatura européia⁴.

Ainda desconhecidos no início dos anos oitenta do século XIX, estes escritores formariam um grupo literário posteriormente conhecido como a "geração boêmia"⁵. A alcunha não é casual: ao contrário de seus antecessores, esta nova geração de poetas e romancistas buscava, neste período, transformar o caráter do trabalho literário no país - tentando fazer da literatura uma verdadeira "profissão" que lhes permitisse viver de seu próprio talento, sem precisar recorrer a outro tipo de ocupação. Eles redefinem, neste caminho, o próprio estatuto social da literatura de seu tempo: "ora, uma cousa que todos fazem, e de graça, não pode ser fonte de renda, não chega a ser um 'trabalho'", explicava Valentim Magalhães, um dos autores mais destacados do período, ao definir as especificidades do trabalho de poetas e

³ É o que acontecia, por exemplo, com Olavo Bilac - que publica seu primeiro verso na *Gazeta de Notícias* em 1884, quando tinha apenas dezenove anos; com Coelho Netto, que vira redator da *Gazeta da Tarde* em 1885 com vinte e um anos; e com Aluísio Azevedo, que escreve *O Mulato* em 1881 com apenas vinte e quatro anos. Cf. Paulo Dantas, *op.cit.*, p. 57; Raimundo Magalhães Júnior, *op.cit.*, p. 39; e Raimundo de Menezes, *Aluísio Azevedo: uma vida de romance*, São Paulo, Liv. Martins Editora, s.d., p. 330.

⁴ Como uma espécie de anúncio das novidades trazidas ao debate por estes literatos, acontece em 1878 a conhecida "guerra do parnaso" - travada por escritores como Artur Azevedo, Valentim Magalhães e Alberto de Oliveira pelas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, onde debatiam-se contra seus antecessores "pelo realismo, pela ciência, pela poesia social", *apud*, "A Vida de Valentim Magalhães", in Valentim Magalhães, *Flor de Sangue*, Rio de Janeiro, Ed. Três, 1974.

⁵ Cf. Jeffrey D. Needell, *Belle Époque Tropical*, São Paulo, Cia. das Letras, 1993, pp. 220 - 224; A.L. Machado Neto, *op.cit.*, pp. 91 - 98; e Brito Broca, *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1991, pp. 114 - 121.

romancistas como ele⁶. Lutando contra tal desconsideração da atividade literária, estes escritores esforçavam-se assim para consolidar o papel das belas letras na sociedade, buscando neste caminho garantir o seu lugar no firmamento da literatura nacional.

A tarefa não era fácil. Como indicava Valentim Magalhães, a literatura não era vista, até então, como uma atividade profissional, e sim como um simples passatempo, uma "cachaça" para desocupados. Como resposta a esta situação, restava a estes escritores intensificar sua produção literária, através de uma insistente colaboração nos periódicos do período - na tentativa de transformar seu trabalho "em meio de vida tão sério, honrado e fecundo como os que mais o sejam, em uma real e nobre profissão"⁷. Com poucas possibilidades de publicação em livro, os contos e crônicas literárias, frutos do trabalho árduo destes escritores na tentativa de viverem das letras, multiplicam-se nos últimos anos do Império.

Revelando diferentes aspectos da vida da cidade, estes textos nos permitem entrever, em suas linhas, a própria vida da sociedade carioca do período. Ficção e realidade se misturavam na construção de uma certa imagem da Corte, que representava para estes escritores a própria síntese da nação⁸. "A literatura é a alma escrita dos povos"⁹,

⁶ Valentim Magalhães, *Notas à Margem*, 15 de dezembro de 1887, p. 7. O autor, que já tinha na época 28 anos, destacava-se entre os literatos de seu tempo por sua intensa produção cronística, veiculada ao longo da década de 80 por diferentes jornais. Cf. Raimundo de Menezes, *Dicionário Literário Brasileiro*, São Paulo, Saraiva, 1969, pp. 755 - 756; e Brito Broca, "Um Animador: Valentim Magalhães", in *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas*, *op.cit.*, pp. 81 - 83.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 9.

⁸ Segundo Margarida de Souza Neves, "o Rio de Janeiro aparece na letra dos cronistas como símbolo e microcosmo do Brasil, neste sentido também a sua capital". Cf. Margarida de Souza

pontificava algum tempo depois o mesmo Valentim Magalhães, atribuindo ao produto de seu ofício o caráter de verdadeiro espelho da sociedade. Os artigos literários nos jornais e revistas da Corte compõem, desta forma, um tipo de registro que nos serve de chave para penetrar no obscuro mundo do final do século XIX - configurando-se assim como excelentes fontes para a história social. Para a construção de uma interpretação "densa" sobre os seus conteúdos, entretanto, é importante atentarmos para a posição social específica que estes escritores ocupavam na sociedade - que marca o lugar de onde eles lançam seus discursos¹⁰.

Não por acaso, é justamente a partir desta posição que os contos e crônicas da última década do Império diferenciam-se, em seus conteúdos, de outros textos escritos ao longo da história literária do país. Distanciando-se da tradição romântica da qual eram herdeiros, marcada pela afirmação de um sentimento de nacionalidade que distinguisse o país da antiga metrópole e lhe conferisse uma identidade própria¹¹, estes novos literatos se inserem na busca de um outro padrão

Neves, "Uma Escrita do Tempo: Memória, Ordem e Progresso nas Crônicas Cariocas", *In A Crônica*, Campinas, Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 84.

⁹ Valentim Magalhães, *Escritores e Escritos*, Rio de Janeiro, Tip e Lit. de Carlos Gaspar da Silva, 1889, p. 88.

¹⁰ Analisando as crônicas produzidas no Rio de Janeiro da virada do século, Margarida de Souza Neves afirma que "é possível uma leitura que as considere 'documentos' na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um 'tempo social' vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações" - sendo que, desta forma, eles devem ser considerados "como 'construções', não como 'dados'". Cf. Margarida de Souza Neves, *op.cit.*, p. 76.

¹¹ Cf. Antônio Cândido, *Formação da Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1975, Vol 2. O autor mostra neste trabalho como as gerações românticas tinham em

de nacionalidade. Não bastava mais a eles definir o perfil singular da nação, marcando traços de um caráter específico que a diferenciasse de outros países: era preciso então perguntar-se que nação seria esta.

Nesta busca de uma identidade nacional profunda estes autores voltaram-se para dentro da sociedade brasileira. Mais do que estudar e entender a sua lógica, pretendiam, com isso, transformá-la. Descendentes muitas vezes das mais aristocráticas parcelas da sociedade¹², estes autores se diferenciavam neste momento de um certo universo simbólico das camadas dominantes, assumindo um jeito próprio de ver o mundo e interpretá-lo. Os círculos literários, embora compartilhassem muitas vezes das diferentes representações e aspirações destas camadas letradas do Império, assumiam assim uma identidade particular, marcada pela vivência de uma série de experiências comuns - identidade expressa com clareza em um texto memorialístico escrito por Pardal Mallet, um destes escritores:

"Nós fomos um grupo principalmente solidário pela amizade, divididos embora por essa eterna questão da arte, que cada qual interpretava ao seu feitio, atirados uns contra os outros

seu espírito "a noção de que 'fundavam' a literatura brasileira", que deveria assim se converter em "expressão nacional autêntica", p. 14.

¹² Machado Neto afirma que "houve intelectuais não só procedentes das mais diversas condições sociais como também vivendo os anos produtivos de sua vida intelectual nos mais variados degraus da hierarquia social". Cf. A. L. Machado Neto, *op.cit.*, p. 98. A posição social privilegiada de muitos destes escritores era, no entanto, um fardo do qual eles tentavam livrar-se, na tentativa de cortar os laços de solidariedade orgânica com uma camada dominante a qual eles tentavam transformar. Valentim Magalhães, por exemplo, é acusado em 1885 por Arthur Azevedo, durante uma polêmica, de ser "um ilustre moço criado com todo mimo", se detendo longamente o teatrólogo e contista na caracterização da infância e juventude abastada de Magalhães. Cf. Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e Sua Época*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

por essa fatalidade da vida que faz rivais nunca faltamos ao apelo do interesse coletivo, nunca deixamos de ser - um por todos, todos por um, fomos - o Bilac, o Pompéia, o Neto, o Guimarães, o Alcindo e eu, quase todos da mesma idade, nascidos entre os anos de 63 a 65, reunidos pela convivência acadêmica, bastantes certos de nós mesmos para aceitar a camaradagem dos veteranos - Luis Murat, Paula Ney, Aluizio Azevedo, Emílio Rouéde e Arthur Azevedo, bastante fortes para fazer de todo este pessoal uma só família"¹³.

A imagem da "família" talvez seja a que melhor caracterize a relação que estes homens de letras tinham entre si - não a de uma família idealizada, onde todos se entendem, mas uma família de carne e osso, com brigas, discussões e desentendimentos constantes. Não deixa de ser interessante lembrar que o próprio Mallet, tão carinhoso na recordação de seus colegas de letras, foi o principal introdutor de um modismo através do qual os literatos resolveram por um bom tempo as suas pendências: o duelo de espadas, no qual se bateu o autor com o próprio Olavo Bilac¹⁴. Estas muitas diferenças e desencontros - sempre em nome do "interesse coletivo", segundo Mallet - não apagam no entanto a afirmação, presente no trecho, da identidade entre os literatos.

Esta era uma identificação que, no Rio de Janeiro, era reafirmada em diferentes momentos pelos mais diversos poetas e romancistas. A proliferação de jornais literários como a *Gazetinha*, a *Gazeta Literária*, a *Vida Moderna* e *A Semana*, todos com suas redações repletas de homens de letras¹⁵, era apenas um dos fatores de união deste grupo de

¹³ Apud, Eloy Pontes, *op.cit.*, p. 251.

¹⁴ Além deste, pode-se citar ainda o confronto entre Bilac e Raul Pompéia, assim como o duelo entre Coelho Neto e um jornalista português. Cf. Brito Broca, *Teatro das Letras*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1993, pp. 131 - 134; e Raimundo Magalhães Júnior, *op.cit.*, p. 118.

¹⁵ Sobre o surgimento destes jornais literários, ver Plínio Doile, *História de Revistas e Jornais Literários*, Rio de Janeiro, MEC/ Fund. Casa de Rui Barbosa, 1976; Gonzaga Duque, "No Tempo

literatos. As rodas literárias que se formavam em torno das mesas de cafés e confeitarias da Rua do Ouvidor, que juntavam diariamente grandes grupos de escritores na discussão dos principais temas do momento ou na leitura de seus recentes trabalhos - como acontecia na Confeitaria Cailteau, onde se reuniam habitualmente escritores como Olavo Bilac, Raul Pompéia, Pardal Mallet, Paula Nei e Arthur Azevedo¹⁶ - davam o tom de uma convivência entre os literatos que, ao longo da década de oitenta do século XIX, seria várias vezes retomado em outras atividades coletivas mais sérias, nas quais ficava claramente marcado o reconhecimento mútuo entre estes escritores.

Era o caso das reuniões em que tentavam fundar associações literárias como o *Grêmio de Letras e Artes*, que tinha entre seus sócios figuras como Machado de Assis, Valentim Magalhães, Aluizio Azevedo e Coelho Netto, além dos demais literatos que apareceram anteriormente nas mesas das confeitarias¹⁷. Este era um tipo de clube fechado que, segundo Arthur Azevedo, consistia apenas no ato semanal de "abrir um salão, onde os respectivos sócios possam, reunidos, confabular sobre letras e arte", em uma "generosa confraternização para surdir o engrandecimento da literatura e da arte"¹⁸. Mesmo com o desaparecimento destas associações, no entanto, estas atividades conjuntas entre os literatos continuavam a ser frequentes já no início

da *Gazetinha*", *Kosmos*, setembro de 1908; *A Semana*, ano 1, nº 1, 3 de janeiro de 1885; e *Vida Moderna*, nº 1, 10 de julho de 1886.

¹⁶ Cf. Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e Sua Época*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, pp. 218 - 219; e Bastos Tigre, *Reminiscências*, Brasília, Theasaurus, 1992, p. 29.

¹⁷ Cf. *A Semana*, 19 de fevereiro de 1887; e *Diário de Notícias*, 14 de fevereiro de 1887.

¹⁸ Eloy, o herói (Arthur Azevedo), "De Palanque", *Diário de Notícias*, 14 de fevereiro de 1887.

dos anos noventa - como atestavam as "palestras literárias" que, às terças-feiras, aconteciam na casa de Valentim Magalhães, juntando grande parte dos autores citados anteriormente¹⁹. Reunindo-se em diferentes ocasiões, estes escritores celebravam, com animação, uma identificação que se sobrepunha às suas muitas divergências.

Não é fácil, entretanto, perceber à primeira vista o teor desta identidade. Uma leve análise das crônicas escritas no período é suficiente para nos indicar que as diferenças entre os literatos eram, então, muito mais visíveis do que as suas experiências comuns. Fosse por questões literárias, que dividiam os romancistas e poetas entre parnasianos, realistas, naturalistas e outros "istas", ou por desavenças pessoais - causadas muitas vezes por uma discordância sutil ou por uma diferença de concepção - os literatos pareciam estar sempre se digladiando na arena pública dos jornais e revistas de época²⁰. Por trás destas desavenças, no entanto, podemos avistar a substância que forma o amálgama entre sujeitos tão diferentes, explicando a identidade afirmada por Pardal Mallet: uma visão "projetiva" comum no olhar dos literatos sobre a nação, baseada na convicção de que cabia a eles definir um projeto para a sociedade como um todo - sendo seus conflitos e discussões causadas pelas diferentes definições sobre o caráter que deveria ter este projeto.

De diferentes maneiras e sob diferentes pontos de vista, os cronistas e ficcionistas desta geração exprimiam de forma acabada uma

¹⁹ Em uma carta de 26 de junho de 1893, enviada ao seu amigo Max Fleiuss, Magalhães alude a estas reuniões, afirmando que nestes dias costuma "ter à noite palestras literárias de amigos". *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Coleção Max Fleiuss, Lata 473, pasta 18. Conferir ainda Max Fleiuss, *Recordando*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941, p. 185.

²⁰ A importância destas polêmicas públicas entre os literatos do período é analisada por Roberto Ventura, que mostra como ainda se tentava definir, através destes debates, o estilo próprio de uma literatura nacional. Cf. Roberto Ventura, *Estilo Tropical*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

tendência que vinha se desenhando desde os primórdios da literatura brasileira - a visão de que eram responsáveis, de alguma forma, pelos rumos da nação. Esta idéia se encontra exemplarmente definida em um romance no qual Coelho Neto remonta o ambiente literário de sua juventude, no qual despontavam todos estes nomes que viriam a se tornar escritores renomados alguns anos mais tarde - em uma obra que, significativamente, tem como título *A Conquista*²¹. Publicado em 1899, quando o prestígio destes escritores já estava consolidado, o livro trata das experiências dos homens de letras na década anterior, culminando em 1888 com a abolição da escravatura (que, na visão do autor, seria uma "conquista" destes literatos em direção à nação que eles tentavam construir). Logo em seu prefácio, fala Coelho Neto aos seus companheiros de jornada, definidos como "os da caravana":

"(...) Venho contar aos que surgem a odisséia de nossa mocidade. Triste, triste foi a nossa vida (...). Mas chegamos, vencemos... Deus o quis! E, se ainda não tomamos de assalto a praça em que vive acastelada a indiferença pública, já cantamos em torno e, ao som dos nossos hinos, ruem os muros abalados, e avistamos, não longe, pelas brechas, a cidade ideal dos nossos sonhos"²².

De novo fica claramente marcada a afirmação de uma identidade entre os literatos do período. Os seus fundamentos, no entanto, já se

²¹ Coelho Neto, *A Conquista*, Porto, Liv. Chardron, 1921 (1899). O romance, no entanto, já havia aparecido em 1897 em forma de folhetim, no rodapé do jornal *A República*. Cf. Alexandre Eulálio, "Sobre 'Mocidade Morta'", in *Sobre o Pré-Modernismo*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, pp. 183 - 188.

²² Coelho Neto, *op.cit.*

encontram mais explícitos: mais do que amigos e companheiros de sofrimento, estes homens de letras são aqui descritos como parceiros de uma "odisséia" da qual todos participavam - uma odisséia que tinha por finalidade transformar a opinião pública, abalando os alicerces de um modelo de sociedade que não servia mais a estes homens. Ser literato, neste contexto, não era simplesmente escrever versos; mais do que isto, a literatura era vista por eles como o campo privilegiado de construção do passado, do presente e, principalmente, do futuro - e não por acaso eram tão comuns os ataques àqueles que se aventuravam a tentar adentrar o mundo das belas letras sem trazer consigo a consciência do papel da literatura, em um critério de exclusão que diz muito sobre a lógica de construção da identidade entre estes escritores²³.

A auto-imagem destes literatos fazia com que eles definissem para si mesmos uma posição especial na sociedade. Sem alinhar-se em nenhum dos lados, eles criam um quadro de distinção onde definem e diferenciam um certo "mundo popular" - composto pelo grande contingente de escravos, jornaleiros, domésticas, cigarreiros e outros trabalhadores sem ocupação definida que espalhavam-se pela cidade²⁴ - de uma "elite aristocrática". Representando a si mesmos como os

²³ É o caso de um ataque de Alcindo Guanabara ao barbeiro Joaquim Nunes, que se atrevera a escrever uma peça teatral, ou da ironia dos versos de Oscar Pederneras criticando um "ilustrado doutor" que se mete a escrever versos: "(...) Quanta vaidade, tola e presumida/ não cairia, se o público sensato/(...)/Soubesse ter uma bengala erguida/ Para 'animar' tanto rabiscador/ Metido a literato". Cf. *Novidades*, 10 de fevereiro de 1887; e Oscar Pederneras, "O Macaco Literato", in *Diário de Notícias*, 28 de janeiro de 1886.

²⁴ Segundo José Murilo de Carvalho, apenas estes trabalhadores empregados em pequenos ofícios somavam, em 1890, mais de 100.000 pessoas - em uma população que, segundo o censo realizado naquele ano e reproduzido em 1920, era de 425.386 habitantes. Cf. José Murilo de Carvalho, *Os Bestializados*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987, p. 17; e *Recenseamento do Brasil Realizado em 1 de setembro de 1920*, vol 2, Primeira Parte (População do Rio de Janeiro - Distrito Federal). Rio de Janeiro, Tip. da Estatística, 1923, p. XXI.

gerenciadores desta sociedade de diferenças, os literatos se colocam fora do esquema bipolar que eles mesmos ajudaram a construir - e que informa, ainda hoje, a maior parte das análises de acadêmicos que se atribuem o mesmo papel de "exterioridade tutelar" adotado pelos literatos do final do século XIX.

A possibilidade desta auto-representação de exterioridade pode ser explicada, em grande parte, pela posição dúbia que estes homens de letras ocupavam na sociedade: embora vivessem sérias dificuldades financeiras, eles alcançam no período um prestígio social que confere uma grande autonomia para seus projetos e experiências particulares. Andando pelas ruas do Rio de Janeiro dos últimos anos do Império, nossos literatos eram freqüentemente abordados por transeuntes - que corriam em busca de um cartão postal no qual pudessem registrar, com a assinatura do abordado, o momento do encontro²⁵; os álbuns de recordações, nos quais era costume pedir que os homens de letras deixassem registrado um verso ou uma lembrança qualquer, surgiam por todo lado - transformando-se em uma tediosa rotina para muitos escritores que, como indicou Alcindo Guanabara no álbum de Ernesto Senna, viam neles "o mais doloroso castigo possível"²⁶; muitas vezes os

²⁵ Bastos Tigre, em obra memorialística, conta ter visto quando jovem o poeta Olavo Bilac irritado com o insistente assédio daqueles que lhe pediam o autógrafo em um cartão postal. Bastos Tigre, *Reminiscências*, op.cit., p. 45. Conferir ainda Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e sua Época*, op.cit., p. 164; e Raimundo de Menezes, *Aluisio Azevedo: Uma Vida de Romance*, Brasília, INL, 1988 - onde o autor nos conta das vezes em que Aluisio Azevedo era cumprimentado pelas ruas por leitores anônimos.

²⁶ Este álbum, guardado pela Biblioteca Nacional, traz ainda os autógrafos e as mensagens dos mais importantes nomes da literatura do período - como Raul Pompéia, Artur Azevedo, José do

caçadores de autógrafos iam às próprias repartições ou redações onde trabalhavam estes poetas e romancistas, atrás de uma lembrança que dificilmente eles poderiam negar. Reconhecidos nas ruas, distantes do anonimato, os escritores colhiam os louros do seu prestígio.

O grande destaque social dos literatos pode ainda ser atestado pelos festejos do carnaval - festa que, já nas últimas décadas do século XIX, mobilizava toda a cidade. Longe de permanecer restritas ao fechado mundo das belas letras, as ácidas discussões entre estes escritores tomavam as ruas durante a festa, servindo de tema para os desfiles das Grandes Sociedades do período - promotoras de um modelo de carnaval entusiasticamente defendido por estes homens de letras²⁷. É o que acontece em 1887 com Arthur Azevedo, o autor das muitas Revistas de Ano que alcançavam, no período, um grande sucesso²⁸: os Tenentes do Diabo, uma das três Sociedades que levavam seus préstitos às ruas durante a festa, traziam em seu desfile um carro com um gigante gordo que vomitava sobre o *Diário de Notícias* "cobras e lagartos". A alusão era clara para qualquer um dos contemporâneos da cena - referindo-se, evidentemente, à virulenta polêmica que o robusto

Patrocínio, Luís Murat e Alberto de Oliveira. Cf. *Biblioteca Nacional*, Seção de Manuscritos, Coleção Ernesto Senna, códice I - 5, 23, 1.

²⁷ A análise da relação destes literatos com o carnaval, que em muito ultrapassa o mero divertimento destes poetas e romancistas, está desenvolvida em maior profundidade na dissertação de mestrado recentemente apresentada ao departamento de história do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP - em cuja introdução está desenvolvida boa parte do argumento deste artigo. Cf. Leonardo Pereira: *O Carnaval das Letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*, Dissertação de mestrado apresentado ao departamento de história do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1993 (mimeo).

²⁸ Sobre a popularidade das Revistas de Ano, ver Flora Sussekind, *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

literato do referido jornal travava então com Castro Lopes, do *Jornal do Comércio*²⁹.

Estas rivalidades entre os homens de letras eram também tematizadas, no ano anterior, pelo Clube dos Fenianos, uma das mais importantes sociedades carnavalescas do período. Um carro representava a disputa entre as duas peças teatrais então em cartaz - o "Bilontra", do próprio Azevedo e de Moreira Sampaio, e "Mulher-Homem", de Filinto de Almeida e Valentim Magalhães - trazendo figuras alusivas a cada um destes autores defendendo como podiam suas próprias criações³⁰. Mesmo os grupos carnavalescos de menor porte, mais acessíveis às parcelas menos abastadas da população, tinham nos literatos uma referência constante - chegando a aparecer em 1887 um grupo chamado "Macaquinhos do Sótão", título da coluna assinada por Ferreira de Araújo nas páginas da *Gazeta de Notícias*³¹. Representados de diversas maneiras nos dias de carnaval, os literatos do período atestam sua popularidade - que, durante a folia de 1887, livraria Machado de Assis dos ataques tradicionalmente sofridos por aqueles que se atreviam a sair às ruas com uma cartola na cabeça nos dias de Momo³².

²⁹ Cf. *Diário de Notícias*, 24 de fevereiro de 1887.

³⁰ Cf. *Revista Ilustrada*, 20 de março de 1886.

³¹ Cf. *Jornal do Comércio*, 21 de fevereiro de 1887.

³² A "guerra às cartolas", uma das mais frequentes brincadeiras camavalescas do Rio de Janeiro no período, não costumava poupar ninguém que, nos dias de folia, saísse às ruas com chapéu alto - regra que, segundo Carlos de Laet, foi quebrada em 1887 por Machado de Assis, que apesar da cartola não se toma um alvo da fúria dos foliões. Cf. Carlos de Laet, "Microcosmo", in *Jornal do Comércio*, 27 de fevereiro de 1887.

Se a literatura dava aos seus seguidores um certo relevo social, nem por isso o leitor pode concluir que estes homens de letras tivessem também algum tipo de projeção econômica - antes pelo contrário. O prestígio e a fama obtida por estes escritores de nenhuma maneira apagava a indiferença generalizada pelas letras, o que dificultava a estes poetas e romancistas a sobrevivência através de seus textos. A amargura desta contradição é expressa com clareza em 1887 por Valentim Magalhães:

"(...)A gente aqui pode ser literato como queira e tanto quanto queira, com a condição de ser, antes de literato, qualquer outra coisa. Esta coisa pode ser qualquer, como tenho a honra de lhes dizer: - bacharel em direito ou caixeiro, médico ou botequineiro, rábula ou sacristão, andador das almas ou diretor de secretaria, coronel da guarda nacional ou sapateiro, juiz ou tipógrafo, amanuense ou cigarreiro. Qualquer desses misteres constitui a 'obrigação', as letras a 'devoção'. Aquilo é que dá as 'louras' e o pão, isto apenas dá os louros ou... pau"³³.

Sem contentar-se com os "louros" da atividade literária - o prestígio ao qual aludimos acima - reclama o literato da impossibilidade de se trabalhar unicamente com as letras no Brasil. Restaria a estes homens de letras uma colocação no serviço público, como foram os casos de Arthur Azevedo e Machado de Assis, ou o exercício de uma outra profissão - e não por acaso aparece já no ano seguinte, nas páginas de *A Semana*, anúncio onde o próprio Valentim Magalhães oferece seus serviços de advogado³⁴.

Nem todos, no entanto, conseguem se livrar das dificuldades causadas pela precária situação das letras no país. No início da década

de oitenta, em especial, um grande contingente de jovens literatos sofrem na pele as conseqüências desta desconsideração do seu ofício. Compondo a primeira geração literária que tentava - muitas vezes sem sucesso - viver unicamente das letras³⁵, estes autores vêem seus sonhos esbarrarem na baixa remuneração oferecida pelo trabalho que realizavam. Recebendo de 25\$000 a 35\$000 por cada crônica ou conto publicado - enquanto o aluguel de um pequeno apartamento no centro custava cerca de 100\$000, e uma refeição para dois 5\$000³⁶ - estes escritores viam frustrada, com o tempo, sua expectativa de firmar no país a profissão de escritor. Mesmo a publicação de romances como *Helena*, do já prestigiado Machado de Assis, rendia ao seu autor, em 1876, meros 600\$000³⁷; já Arthur Azevedo, outro literato de renome³⁸, recebia em 1889 a quantia de 410\$000 pela publicação de seus *Contos Possíveis*³⁹ - indicando, com isto, o tamanho do problema a ser enfrentado por outros escritores não tão conhecidos como os dois.

³⁵ Cf. Jean-Yves Mérian, *Aluisio Azevedo, Vida e Obra*, Brasília, INL, 1988, pp. 387 - 403.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 396.

³⁷ Contrato celebrado entre Machado de Assis e o editor B.L. Garnier para a primeira edição da obra *Helena do Vale*. *Biblioteca Nacional*, Seção de Manuscritos, códice I - 7,9,4.

³⁸ Nascido em 1855, Arthur Azevedo já gozava, na década de oitenta do século XIX, de grande prestígio entre os homens de letras. Era Machado de Assis, no entanto - o qual, tendo nascido em 1839, era bem mais velho que Azevedo - que se constituía como o verdadeiro "mestre" desta geração de jovens escritores. Cf. Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e Sua Época, op.cit.* e Lúcia Miguel-Pereira, *Machado de Assis*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1936.

³⁹ Recibo de Arthur Azevedo passado ao editor B.L. Garnier sobre a importância paga pela edição do livro *Contos Possíveis*. *Biblioteca Nacional*, Seção de Manuscritos, códice I - 7,9,7.

³³ Valentim Magalhães, *Notas à Margem*, 15 de dezembro de 1887.

³⁴ Cf. *A Semana*, 4 de fevereiro de 1888.

As dificuldades, realmente, não eram poucas. Mesmo Machado de Assis, quando jovem, via-se obrigado a recorrer aos empréstimos financeiros, os quais mostrava grande dificuldade para pagar - como acontece em 1861, quando enfrenta um processo de cobrança judicial que o obriga a saldar uma dívida com 60% de juros⁴⁰. O endividamento, no entanto, era um recurso que se tornaria comum nos meios literários, como forma de amenizar a vivência de carências e dificuldades por parte destes escritores. Ainda em 1896, eram Arthur Azevedo e Olavo Bilac os alvos deste tipo de cobrança judicial - à qual o poeta tenta se livrar alegando ter sido citado no endereço de sua família, e não na casa de pensão onde morava⁴¹. As ações de despejo contra estes escritores tornavam-se, também, uma constante no final do século XIX, atingindo até mesmo um literato tão ilustre quanto Coelho Neto⁴². A precária situação financeira destes poetas e romancistas do período pode, enfim, ser resumida na súplica que Paula Nei lança em 1896 ao jornalista Ernesto Senna - em um bilhete onde ele pede ao amigo

⁴⁰ Joaquim Maria Machado de Assis (réu), processo cível, caixa 3892, nº 253, *Arquivo Nacional*.

⁴¹ Olavo Bilac (réu), processo civil, maço 843, nº 2785, *Arquivo Nacional*; e Arthur Azevedo (réu), processo cível, caixa 1911, nº 1589, *Arquivo Nacional*. Note-se que, apenas três anos antes, Bilac havia recebido como herança pela morte de seu pai a quantia de 5:162\$500 - o que atesta serem muitas vezes as dificuldades vividas por estes escritores o fruto de suas opções em tentar, a qualquer custo, viver de suas letras. Cf. Inventário de Braz Martins dos Guimarães Bilac, maço 2324, nº 145, *Arquivo Nacional*.

⁴² Henrique Coelho Neto (réu), processo cível, maço 1142, nº 1670, *Arquivo Nacional*.

"qualquer quantia, por insignificante que seja, pois estou absolutamente sem vintém, nem recurso de qualquer natureza para a mais insignificante dieta"⁴³.

Sobrevivendo da renda que podiam tirar da literatura, escritores como Coelho Neto, Guimarães Passos e Olavo Bilac passam assim sua juventude no Rio de Janeiro entre cortiços e casas de cômodo, dependendo muitas vezes do favor alheio para se alimentar⁴⁴.

Esta situação é ironizada pelo próprio Coelho Neto no romance *A Conquista*, onde narra seu encontro com Aluísio Azevedo - chamado no romance de Ruy Vaz - no "Quinhentão", um restaurante barato do centro da cidade. Estranhando a presença de Azevedo, que já tinha no período um certo renome, em semelhante estabelecimento, escuta Neto a resposta do romancista:

" - (...) Se o público soubesse quanto custa ser naturalista pagava os meus romances a preço de ouro. Vou às estalagens apanhar em flagrante a grande vida de tais colméias e, para que a gente não se perturbe com a minha presença, visto-me como carregador, meto-me em tamancos, subo às pedreiras, penetro, com risco de vida, as reles tavolagens, passo horas e horas entre a gente tremenda dos trapiches, converso com catraieiros e, finalmente, venho comer nessa baiúca, como vês. - Mas, então, não foi por fome?

⁴³ Bilhete de Paula Nei à Ernesto Senna, *Biblioteca Nacional*, Seção de Manuscritos, códice I - 5, 18, 54.

⁴⁴ As dificuldades atravessadas por estes literatos, embora um tanto romanceadas, podem ser inferidas no livro *A Conquista*, de Coelho Neto (*op.cit.*), que começa tratando justamente deste período da vida destes autores. Conferir também Paulo Dantas, *Coelho Neto*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, s.d.

- Qual fome! Eu podia ter ido almoçar ao Globo, mas ando acompanhando um tipo.
- E onde está ele?
- Comeu e saiu (...)⁴⁵.

Afora a surpresa de ver em um dos textos de Coelho Neto, sempre tão sisudos e herméticos, semelhante graça, a passagem pode nos indicar a própria essência da posição social do literato no período. Já de início, Vaz insinua que seu trabalho não tem, por parte do público, o devido reconhecimento. Não se levaria em conta, na sua visão, o valor do "sofrimento" gerado por este tipo de trabalho, que obriga o autor a uma presença constante em estalagens e cortiços os quais o romancista descreve com grande dose de menosprezo - pois seriam espaços perigosos, que poriam em risco a sua própria vida. A réplica de Coelho Neto, no entanto, nos indica a falsidade deste argumento. Por trás da ironia de Neto está o pressuposto que dá a graça do texto: o de que, se estes homens de letras realmente eram presenças assíduas em estalagens e restaurantes freqüentados por seus personagens, não o faziam só por dever de profissão, mas por consequência do desprestígio desta⁴⁶.

Misturando um grande preconceito na sua visão do mundo das ruas - onde vive a "gente tremenda dos trapiches"- com uma presença constante em seus meios, Ruy Vaz descortina a própria condição contraditória dos literatos dentro da sociedade. A necessidade de se diferenciar destes grupos iletrados, que escritores como ele transformavam em personagens, está em cada palavra do romancista -

⁴⁵ Coelho Neto, *op. cit.*, p. 378.

⁴⁶ Jean-Yves Mérian, falando sobre Aluísio Azevedo, afirma que a presença do autor em ambientes como este "era uma necessidade que ele assumia corajosamente, mas que considerava profundamente injusta", *op. cit.*, p. 456.

que tenta atribuir um caráter extraordinário ao seu contato com os restaurantes baratos e cortiços⁴⁷; esta tentativa de diferenciação, entretanto, resulta em uma cena hilariante, pois sua falsidade é evidente para qualquer um que tivesse idéia do tipo de vida levado por literatos como ele. Restava-lhes, ao invés de ignorar simplesmente estas práticas e tradições que viam pelas ruas - o que, por sua proximidade, seria impossível - transformá-las para que se encaixassem nas imagens que pretendiam construir para a nação.

O desafio era grande. O relevo social que eles alcançam, no entanto, dá a estes homens de letras a possibilidade de levar suas mensagens "civilizadoras" para a sociedade como um todo - dos barões do café aos cigarreiros da Cidade Nova. Este duplo registro, que soma a crença na necessidade de incorporação das classes despossuídas no processo político com uma visão preconceituosa sobre suas práticas e visões de mundo, faz deles um dos principais sujeitos do conflituoso processo de comunicação cultural entre diferentes parcelas da sociedade.

Os literatos tiveram, porém, um grande aliado na divulgação de seus próprios projetos e aspirações: o novo jornalismo que despontava nas últimas décadas do século XIX. Os pequenos jornais, ligados em geral a grupos políticos, com uma estrutura simples e sem a pretensão de atingir um grande público, vão neste período cedendo espaço às

⁴⁷ São significativos, neste sentido, os relatos de Pardal Mallet - que afirma ter, junto com Aluísio Azevedo, se disfarçado "com vestimenta de popular" para mergulhar em meio aos cortiços e casas de cômodos, com o intuito afirmado de colher material para o futuro romance de seu companheiro. Cf. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, p. 175.

grandes folhas⁴⁸. Montadas como empresas comerciais, estes novos jornais vêm constituir a grande imprensa no Brasil, dinamizando o processo de massificação cultural da sociedade carioca da segunda metade do século XIX.

O marco desta virada se dá com o surgimento da *Gazeta de Notícias*, em 1874. Fundada por Ferreira de Araújo, ela imprime um novo ritmo à imprensa carioca. Atento à necessidade de aumentar a circulação do jornal, visto não pretender chegar apenas a alguma camada específica da sociedade, Ferreira de Araújo inaugura o sistema de vendas avulsas pela cidade - pois até então as folhas eram vendidas apenas em livrarias e casas de comércio freqüentadas pela pequena parcela da população que era interessada pelas letras⁴⁹. Além disto o fundador introduziu uma série de transformações nos textos do jornal, que passa a ser de leitura mais fácil que seus concorrentes⁵⁰. Uma última e fundamental inovação marcava ainda o caráter "popular" que se tentava dar ao jornal: o preço, mais barato do que de costume devido ao bom aproveitamento publicitário da folha⁵¹.

⁴⁸ Cf. Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

⁴⁹ Cf. Moacir Japiassu, "Renovação do Processo Jornalístico", in *Cadernos do IV Centenário, Jornal do Brasil*, 9 de setembro de 1965.

⁵⁰ Esta situação faz com que, na década de oitenta, muitos escritores passem a caracterizar o *Jornal do Comércio*, concorrente da *Gazeta* que não adotava ainda este novo estilo de jornalismo, como um "paquiderme" - sendo que, em 1885 ele é definido por um destes escritores como "o grande hipopótamo da imprensa nacional". Cf. "História dos Sete Dias", *A Semana*, 7 de fevereiro de 1885.

⁵¹ A *Gazeta de Notícias*, em 1881, era vendida a 40 réis - preço que passa a ser adotado também pelos outros grandes jornais que surgiam no período, como *O Paiz* e o *Diário de Notícias*. Sua tiragem, no mesmo ano, era de 24.000 exemplares - enquanto a do jornal *O Paiz*, em 1885, ainda era de 15.000.

Estas modificações levam a *Gazeta* a uma posição de grande destaque dentro da imprensa brasileira, influenciando decisivamente em seus rumos. Ela gerou, nas palavras de Machado de Assis, uma "revolução" no jornalismo do período - em especial porque, para espanto geral, não "serviam a partidos políticos"⁵². O eixo do jornal passaria, então, a ser definido pela pretensa objetividade de quem busca a "notícia" - como explicava, no ano seguinte, o próprio Machado:

"A imprensa de há trinta anos não tinha este movimento vertiginoso. A notícia era como a rima de Boileau, 'une esclave et ne doit qu'obeir'. Teve o seu treze de maio, e passou da posição subalterna à sala de recepção"⁵³.

Esta mudança definiria, para o romancista, a "nova feição" da imprensa no Brasil - que se livraria assim do controle exercido por pequenos grupos, transformando-se em um veículo de massa. A empresa jornalística assumiria, neste movimento, o seu interesse comercial, deixando de lado a tentativa de formar e informar apenas uma pequena parcela da população para alcançar o maior público leitor que conseguisse - ainda que todos nós saibamos que nem por isso ela deixaria de se colocar a serviço dos projetos políticos de certas parcelas da sociedade.

De qualquer forma, as inovações de Ferreira de Araújo surtiram o efeito desejado: em pouco tempo o jornal firmou sua liderança entre os periódicos cariocas, e em 1881 já era saudada até por concorrentes, como a *Gazetinha*:

⁵² Machado de Assis, "A Semana", in *Gazeta de Notícias*, 6 de agosto de 1892.

⁵³ Machado de Assis, "Henrique Chaves", *O Álbum*, nº 20, maio de 1893.

"À *Gazeta de Notícias* cabe, inquestionavelmente, a glória de ter despertado o nosso povo do marasmo e da apatia intelectual a que o habituaram os funestos diretores de opinião. Sacudiu-o, galvanizou-o, e em recompensa a aura popular enfunou-lhe as velas"⁵⁴.

Tirando sua energia do gosto "popular", a folha segue com prestígio pelos mares da imprensa carioca, em um caminho logo seguido por vários outros jornais, como *O Paiz*, o *Diário de Notícias*, e, posteriormente, o *Jornal do Brasil*. Eles despertavam, deste modo, o interesse do público, chegando mesmo a aparecer freqüentemente como personagens das Revistas de Ano de Arthur Azevedo⁵⁵. Como resultado desta metamorfose, tornava-se comum no período a leitura em voz alta destes jornais, que passam assim a informar também a grande massa de iletrados que se espalhava pela cidade⁵⁶.

O grande público, no entanto, não cedeu tão facilmente aos chamados da nova imprensa. Para conquistá-lo foi necessário mais do que um texto leve e um preço acessível: era preciso ainda trazer, nas

⁵⁴ *Gazetinha*, 17 de fevereiro de 1881.

⁵⁵ Ver, por exemplo, "O Bilontra", revista de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio representada pela primeira vez em janeiro de 1886. *Teatro de Arthur Azevedo, op.cit.*, tomo 2, pp. 558 - 559.

⁵⁶ Cf. Marlyse Meyer, "Voláteis e Versáteis. De Variedades e Folhetins e Faz a Crônica", *In A Crônica, op.cit.*, p. 118; e Nelsom Werneck Sodré, *op.cit.*, p. 279. Margarida de Souza Neves acrescenta que a crônica, em especial, "atinge um número maior de leitores que qualquer outro gênero" (*op.cit.*, p. 80). É interessante ainda notarmos o grande alcance atingido por alguns periódicos entre os grupos das ruas. Era o caso da própria *Gazetinha*, o pequeno jornal dirigido por Arthur Azevedo. Vendida a um vintém, ela era acessível a muitos leitores não habituados a comprar jornais - como indicava na época o jornal *O Cruzeiro*, ao afirmar que "os caixeiros, os mascates de esquina, os carregadores de rua e até os moleques ladinos e pacholas que sabem ler um bocadito, todos compram a *Gazetinha* do vintém". *Apud*, Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e Sua Época, op.cit.*, p. 75.

folhas, aqueles temas de interesse do maior número de seus possíveis compradores. Cedendo a este tipo de pressão, os jornais não deixaram de sofrer críticas - como aquelas formuladas em maio de 1883 por um viajante estrangeiro:

"No Rio não existe hoje um só jornal que possa, com fundamento, exercer influência política. Toda a imprensa daqui é somente de especulação; nenhum jornal tem um programa definido, nenhum pertence a qualquer partido, nenhum representa qualquer idéia: o pessoal quer somente ganhar público e vender muitos exemplares, e como o público não pode absolutamente ser sério, mas sempre precisa estar rindo e caçoando, assim é servido "⁵⁷.

Deixando de lado os exageros do perplexo visitante - que desconsidera o posicionamento político existente em cada uma das grandes folhas, ainda que muitas vezes de forma implícita - traça ele um bom perfil da imprensa carioca, já montada no período como uma atividade comercial lucrativa. Sendo este lucro obtido através da popularização dos jornais, seus editores não hesitaram em estampar nas suas páginas uma série de assuntos que estavam, em geral, fora do mundo das letras - mas que serviam como uma luva para os risos e caçoadas que estouravam pelas ruas. Aparecem assim nos jornais, com destaque, os grandes crimes, o resultado do jogo do bicho⁵⁸ e os acontecimentos banais do carnaval das ruas.

⁵⁷ Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil*, São Paulo, Martins Ed., 1943, p. 55.

⁵⁸ Olavo Bilac reclama, em artigo escrito em 1897, da divulgação que os grandes jornais davam dos resultados do jogo do bicho, que figuravam muitas vezes lado a lado com artigos condenando sua prática - embora ele mesmo, alguns anos depois, tenha sido flagrado por Bastos Tigre perguntando

Abrindo suas páginas para jovens escritores como Olavo Bilac, Urbano Duarte e Raul Pompéia - entre outros que figuravam lado a lado a nomes já consagrados, como Machado de Assis e Arthur Azevedo - estes grandes jornais ajudam a formar, em um influxo recíproco, o destaque social dos literatos: por um lado, eles permitem que romancistas e poetas quase desconhecidos levem ao grande público as suas mensagens, contribuindo decisivamente para a divulgação do trabalho literário e fornecendo uma fonte de renda para estes escritores; por outro, a presença destes homens de letras, com suas muitas colunas diárias e pseudônimos, vai aos poucos tornando-se uma das principais atrações do jornal - sendo que freqüentemente os debates e polêmicas entre os diferentes articulistas atingem uma grande repercussão social, como indica a já citada alusão a uma destas polêmicas presente em 1887 no desfile dos Tenentes do Diabo.

Esta seria, entretanto, apenas a parte "nobre" do trabalho literário nos jornais. Se para os romancistas e poetas era motivo de grande regozijo assinar uma coluna na qual pudessem diariamente discorrer sobre qualquer assunto de seu interesse - nos chamados "artigos de fundo", que abordavam desde temas políticos até a crítica literária e o carnaval - não tinham eles a mesma simpatia pela simples função de redatores e noticiaristas, da qual a maior parte tirava o seu sustento. É o que se nota novamente no romance de Coelho Neto, que menciona os resmungos de José do Patrocínio - o editor da *Gazeta da Tarde* - contra o menosprezo dos literatos pelo noticiário, visto por ele como a parte mais importante do jornal:

para Guimarães Passos o resultado do jogo. Cf. *A Bruxa*, 19 de fevereiro de 1897; e Bastos Tigre, *Reminiscências*, op.cit., p.39.

"(...) Mas os meninos não querem compreender assim, entendem que o noticiário é humilhante e fazem cara quando se lhes pede uma notícia"⁵⁹.

Este trabalho de redação é assim encarado por romancistas e poetas como uma atividade menor, uma "humilhação" indigna da imagem que tinham de si mesmos. Isto porque para eles este trabalho, ao contrário da literatura, não teria a função de "formar", mas somente de "informar" - o que gera a diferenciação expressa no conselho que o então desempregado Coelho Neto atribui à Aluísio Azevedo:

"- Se queres ganhar alguma coisa emprega-te como noticiarista, mas vê lá: não digas que fazes literatura"⁶⁰.

O trabalho dos literatos na nova imprensa explicita assim as ambigüidades da relação destes homens com o ambiente no qual viviam: interessados em difundir suas discussões e seus projetos de uma maneira "formativa", estes escritores não se conformam em limitar-se ao simples registro daquilo que viam no mundo das ruas - que tomava então as páginas dos jornais. Mais do que registrar e conhecer este mundo, eles queriam transformá-lo, e para eles seria justamente esta a missão da literatura⁶¹.

⁵⁹ Coelho Neto, op. cit., p. 241.

⁶⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 188.

⁶¹ Tratando das décadas seguintes, Nicolau Sevcenko identificou na obra de autores tão diferentes quanto Lima Barreto e Euclides da Cunha este tipo de relação com a literatura. Para ambos a atividade literária, mais do que um meio de vida, constituía-se como uma verdadeira "missão" - o

A própria necessidade de mudar o perfil dos jornais - que passavam a trazer temas referentes às experiências de uma grande parcela da população costumeiramente excluída do noticiário, com a finalidade de aumentar suas vendas - indica-nos, entretanto, o distanciamento da população com o fechado mundo das letras construído por estes literatos. Indiferente às críticas literárias, às poesias e aos densos artigos que recheavam os jornais do período, é para os acontecimentos cotidianos, para a notícia mundana e para os gracejos leves que o interesse do grande público voltava seu olhar. Longe deste público, restaria aos poetas e romancistas fechar-se em seus castelos de saber - sem ao menos conseguir, como vimos acima, um sustento digno de tão grande erudição.

Este desapego geral pelas letras toma-se, por isto, tema constante das queixas dos homens de letras do período - como mostra um conselho dado por Paula Nei ao jovem Coelho Neto, resgatado no romance *A Conquista*:

"- E tenciona viver de letras? perguntou assombrado. O estudante encolheu os ombros com resignação e o outro irrompeu: pois aceite os meus pêsames (...). Neste país viçoso a mania das letras é perigosa e fatal. Quem sabe sintaxe aqui é como quem tem lepra. Cure-se! Isto é um país de cretinos, de cretinos! Convença-se"⁶².

Separando os literatos do resto dos mortais, as letras se constituem para Paula Nei como uma doença - não dos poetas e romancistas, como insinua a ironia do autor, mas do resto da população que não é iluminada pelas suas luzes. Em um país de "cretinos",

que os levava a assumir uma posição tutelar em relação ao Estado e à nação. Cf. Nicolau Sevckenko, *Literatura Como Missão*, São Paulo, Brasiliense, 1989.

⁶² Coelho Neto, *op.cit.*, p. 41.

restaria aos literatos no começo da década de oitenta, momento no qual o romance localiza o episódio, a definição de uma rígida separação que distanciava a sua arte da sujeira das ruas - nas quais, como cansamos de ver, viviam estes homens.

O movimento do romance de Coelho Neto, entretanto, indica as transformações deste ponto de vista ao longo da década. O que era uma convicção geral no início do livro vai aos poucos tomando-se tema de debates, e o distanciamento em relação ao mundo das ruas vai cedendo terreno para uma posição mais flexível. É o que se nota, alguns capítulos adiante, quando Coelho Neto discute com o poeta Luís Murat - Luís Moraes, no romance - sobre a popularização do trabalho de Arthur Azevedo, já envolvido então com um teatro mais voltado para o grande público⁶³. Reclama Murat que "um poeta não deve descer à multidão, a multidão é que deve subir ao parnaso para ouvi-lo":

" - (...) mas o homem está viciado. O escritor habitua-se com o meio que o aplaude e, para não perdê-lo, vai cedendo à larga, até que um dia nivela o seu espírito com o da gente ignóbil e está perdido. É como o homem que se vicia em morfina. Há glórias afrontosas, eu penso assim. O Arthur é homem para ser aplaudido por nós, e prefere ao nosso julgamento o barbarismo idiota das platéias do vício"⁶⁴.

O distanciamento que o rabugento poeta tenta marcar com a "multidão" - composta para ele por uma "gente ignóbil", indigna de se

⁶³ Em um texto escrito em 1896, Arthur Azevedo assumia e explicava sua posição: "Faço concessão às torrinhas, confesso, porque sem isso as minhas peças naturalmente não seriam aceitas". Cf. Flora Sussekind, "Crítica à Vapor", *In Sobre o Pré-Modernismo*, *op.cit.*, p. 390.

⁶⁴ Coelho Neto, *op.cit.*, p. 269.

misturar aos homens de letras - indica aos leitores do romance o conteúdo da resistência de alguns literatos à popularização da literatura. Nesta visão, a popularidade seria ainda um "vício", algo que deveria ser curado em nome da glória da arte. Os próprios trabalhos de Arthur Azevedo indicavam, entretanto, que esta não era mais uma posição consensual entre os literatos.

O "vício" já estava, neste momento, muito mais disseminado do que supunha Murat. A necessidade de disseminação do trabalho literário é uma exigência do próprio contexto de massificação da cultura vivido por estes escritores⁶⁵ - o que pode ser bem ilustrado por outro episódio do romance, no qual Aluísio Azevedo se vê na contingência de inserir em sua peça cenas com "jongo" trazendo "negros à cena" para que o dono de um teatro aceitasse representá-la⁶⁶. A explicação para esta contingência nos é dada pelo próprio Arthur Azevedo, na peça "Mercúrio", representada em 1887 - onde, falando pela voz da *Vida Moderna*, afirma que

"o povo não quer bons versos e muito menos boa prosa. Um homem sem cabeça faz muito mais efeito que uma dúzia de alexandrinos de Luís Murat"⁶⁷.

⁶⁵ Segundo Jean-Yves Mérian, "esta complacência em relação ao público não era o resultado de uma escolha deliberada. Era a única forma de publicar nos jornais e de estabelecer um laço com um público cujo único contato com a literatura romanesca era a imprensa". *op.cit.*, p. 360.

⁶⁶ Coelho Neto, *op.cit.*, p. 47. Aluísio Azevedo parecia, realmente, ter consciência deste tipo de problema, afirmando que "para um povo como nós só há no teatro uma manifestação possível, é o disparate, o burlesco, o ridículo exagerado feito de cores vivas, de sons estridentes e de pilhérias velhacas e extravagantes", *apud*, Jean-Yves Mérian, *op.cit.*, p. 359.

⁶⁷ Arthur Azevedo, "Mercúrio", in *Teatro de Arthur Azevedo*, Rio de Janeiro, INACEN, 1987, p. 220.

O trecho, se tem implícita uma resposta do literato ao seu colega Luís Murat, indica também o conformismo de Azevedo com tal situação. Ao voltar-se para o grande público, ele apenas inaugura uma tendência que, se tem por base a necessidade de sobrevivência destes escritores, ganha no período uma justificação moral: a necessidade de "educar" os grupos das ruas.

Sendo indiferente ao fechado mundo das letras, que não conseguia disseminar na sociedade o entusiasmo pelos debates artísticos e literários, o grande público tinha suas preferências próprias. Cabia aos literatos, como antes aos grandes jornais, chegar nestas preferências para poder, a partir delas, levar suas mensagens a uma parcela da população completamente alheia a estas discussões. Tal diagnóstico partia de observações como aquela formulada pelo próprio Arthur Azevedo, ao comentar o desinteresse geral por uma série de assuntos que não diziam respeito ao mundo das ruas:

"Coisa esquisita! No Rio de Janeiro não se reanimam as letras, nem as artes, nem as ciências, mas reanima-se o carnaval"⁶⁸.

Indiferentes àquelas questões que eram, para os literatos do período, as mais importantes - como as discussões artísticas e filosóficas - o grande público volta seu interesse para temas que, como o carnaval, dissessem respeito às suas próprias experiências. O estranhamento do literato, se tem um pouco de incompreensão - afinal de contas, como a folia carnavalesca podia ser mais valorizada que tão importantes discussões? - tinha também um tanto de resignação. Se os

⁶⁸ *Apud*, Delso Renault, *A Vida Brasileira no Final do Século XIX*, Rio de Janeiro, José Olympo, 1987, p. 150.

mortais não podem subir ao Olimpo, pensaram provavelmente muitos destes literatos, restava aos deuses das letras descer à terra e pôr os pés na lama - pois urgia "arrumar" esta população confusa e primitiva, para que ela pudesse caber nas imagens da nação que eles se debatiam para formular.

A mudança de atitude dos literatos, longe de apagar o conflito entre diferentes formas de ver e interpretar o mundo, apenas desloca seu eixo: ao invés da negação pura e simples das tradições e visões destes muitos grupos com os quais eles cruzavam nas ruas, cabia agora aos literatos transformá-las - em um processo que passa necessariamente pelo campo da cultura. "No Rio de Janeiro, as revoluções não me metem medo... O que me mete medo é o carnaval..."⁶⁹, dizia em 1889 o mesmo Arthur Azevedo - concebendo a festa como um campo de disputas e conflitos culturais entre grupos antagônicos. Não é de se estranhar, portanto, o interesse manifesto por muitos destes literatos pelos dias de Momo, a mais concorrida das festas do Rio de Janeiro. Em um país de iletrados, era nas representações, nas crenças e nas práticas destes muitos grupos que brincavam pelas ruas durante a folia que devia incidir a sua mensagem civilizadora.

A necessidade de intervenção nas representações e práticas destes segmentos iletrados da sociedade, diagnosticada por este grupo de jovens literatos, parece no entanto uma tarefa difícil. Os homens de letras, acostumados a lidar com seus iguais - alvos fáceis de seus versos e frases bem construídas - não têm ainda o seu forte na comunicação com um grupo do qual, apesar da íntima convivência, desconhecem o próprio jeito de ver e interpretar o mundo. Iniciando este processo nos primeiros anos da década de 80, eles ainda encontravam-se despreparados para o diálogo cultural - ao menos da forma harmônica e

sem conflito pela qual imaginavam poder transformar os universos simbólicos destes grupos iletrados. Esta falta de familiaridade dos homens de letras com as diferentes tradições culturais presentes neste mundo das ruas gera, a princípio, um pessimismo quanto à possibilidade de transformação da sociedade - expresso com clareza em um trecho do romance de Coelho Neto onde Guimarães Passos, caracterizado como "Fortunio", fala de sua desesperança:

"Pensas que se prepara um povo em dez ou vinte anos? Qual! Havemos de viver sempre como vivemos. Quando vierem os cabelos brancos, se a morte não tomar a frente ao tempo, aquela estrela que está no céu há de ver-nos como agora nos vê: caminhando sem destino e rimando sonhos"⁷⁰.

A discordância inicial de Coelho Neto em relação ao poeta acaba cedendo frente às estatísticas referentes à população de leitores no país, que atesta a necessidade de uma nova via de comunicação para os literatos chegarem em uma parcela enorme da sociedade privada do convívio com as letras⁷¹. A desesperança do romancista sugere, porém, uma possível intuição sobre as dificuldades de se penetrar no intrincado labirinto das relações culturais - onde os significados e valores são socialmente construídos, estando ligados às experiências próprias dos

⁷⁰ Coelho Neto, *op.cit.*, p. 301.

⁷¹ Segundo o censo realizado em 1890 (reproduzido na divulgação dos resultados do recenseamento realizado em 1920) 48,28% da população do Rio de Janeiro não sabia ler - dado que parece otimista frente aos levantamentos do grau de instrução na cidade, que estimam em 81,5% da população a parcela dos analfabetos. Cf. *Recenseamento do Brasil Realizado em 1 de setembro de 1920*, Vol. 2, 1ª parte (População do Rio de Janeiro - Distrito Federal). *op.cit.*, p. CV; e A.L. Machado Neto, *op.cit.*, p. 253.

⁶⁹ *Apud*, Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e sua Época*, *op.cit.*, p. 197.

diferentes grupos. Os sonhos de Guimarães Passos, Coelho Neto e outros, continuariam assim apenas nas rimas - a não ser que estes homens se entregassem à difícil e demorada missão de mergulhar no campo da cultura para tentar efetivar um canal de comunicação entre estes mundos tão diferentes.

A tarefa de se debruçar sobre os grupos das ruas, entretanto, não era assim tão fácil para jovens acostumados a desconsiderar tudo que não venha do mundo das letras. Criados dentro de um contexto de completo menosprezo pelas tradições e práticas destes grupos iletrados, os literatos espelham ainda todos os seus preconceitos sobre o "outro" - como atesta uma discussão travada entre os vários literatos em uma mesa de bar:

"- Isto há de ser sempre o que é. O povo não tem tradições e, sobretudo, é a gente mais melancólica do mundo. Você vê um grupo de brasileiros é fúnebre, parece que estão sempre discutindo um enterro.

- Ou segredando pornografia, acrescentou Ruy Vaz.

- Ou falando mal da vida alheia, ajuntou o Neiva.

- Nem tanto, corrigiu Patrocínio. Nem tanto. Há brasileiros de espírito.

- Ora, brasileiros de espírito... Quais são? Aponte-os!

- Nós, por exemplo...

- Ah! Sim... Mas nós não entramos em conta."⁷²

Acostumados a discutir apenas questões referente ao mundo das letras, estes homens não conseguem ainda, no início da década de oitenta, enxergar com clareza o objeto que eles mesmos definiam como tema de seus textos: as tradições e práticas do "povo", vistas por eles como um todo homogêneo e coeso. A única graça que aceitavam era a sua própria graça, fora da qual restaria apenas a maledicência e a

⁷² Coelho Neto, *op.cit.*, p. 310.

pornografia. O "espírito" - ou, quem sabe, a cultura - seria assim o privilégio de um grupo de iluminados. Deste grupo dependeria o futuro da nação.

Acreditando sinceramente neste tipo de conclusão, os homens de letras passam, ao longo da década de oitenta do século XIX, a buscar um aprofundamento de seu mergulho sobre os grupos das ruas. Disseminada entre estes literatos, tal atitude aparece até mesmo em um discurso atribuído por Coelho Neto a Luís Murat - que, pouco tempo antes, se debatia contra a popularização da literatura:

"Nós somos os precursores - alhanemos o caminho para os que vêm. Eu não descorço, tenho como certa a vitória. Que diabos! Pois então este povo há de viver eternamente chafurdando na ignorância? Não, senhores! (...)"⁷³.

Proferido por volta de 1886, em comemoração ao lançamento da revista *Vida Moderna*, este discurso atesta uma mudança de postura dos homens de letras do período - que vão deixando de lado o pessimismo do início da década quanto à possibilidade de levar as parcelas iletradas da sociedade às luzes. É o que mostra o editorial do primeiro número deste jornal, escrito pelo próprio Murat:

"Se a nossa folha resistir ao indiferentismo de todos, e se der, por um milagre no Brasil, a transformação da multidão em povo, será o maior padrão de glória"⁷⁴.

⁷³ *Idem, ibidem*, p. 309.

⁷⁴ Luís Murat, "O Nosso Cartão", in *Vida Moderna*, n° 1, 10 de julho de 1886.

Com um tom esperançoso, o poeta expressava em seu artigo aquele mesmo tipo de aspiração sobre a transformação da multidão que aparecia no discurso do romance de Coelho Neto. O seu tom, entretanto, é ainda mais revelador: os literatos seriam, nesta visão, os próprios redutores deste "povo", pois só a eles caberia a "glória" de tirá-lo da lama da ignorância - o que gera uma completa desconsideração dos universos culturais de muitos outros grupos, que passavam assim a ser vistos por estes homens de letras como cultura nenhuma. Aos "populares", vistos como seres incapazes de ação autônoma, restaria a glória de serem salvos por tão iluminadas criaturas.

Estimulados por uma auto-imagem que fazia deles os próprios "tutores" destas camadas incultas, estes homens de letras se auto-atribuem assim uma espécie de "missão pedagógica", a partir da qual se pudesse transformar o mundo das ruas⁷⁵. Não se tratava neste momento de incorporar os universos culturais do "populacho" na construção de um projeto de igualdade política; tentava-se, isto sim, trazer o povo a um outro universo cultural que, para estes literatos, seria

⁷⁵ Esta "missão pedagógica" não é, entretanto, exclusividade de nossos literatos. O final do século XIX assiste ao mergulho de diferentes categorias profissionais sobre a multidão das ruas e suas práticas, que se transformam em um problema para muitos dos médicos, juristas, cientistas, urbanistas e literatos do período. Nas palavras de Francisco Foot Hardman estes muitos agrupamentos, "de diferentes pontos de vista, mas com igual e redobrada disposição, buscavam enquadrar a barbárie nas linhas progressivas da civilização". Mas, como indica o autor, este repentino interesse pelo "populacho", embora seja um impulso geral, assume em cada caso um caráter específico - dependendo qualquer generalização de estudos mais aprofundados sobre os universos culturais que orientam as ações de cada um destes muitos sujeitos, como os que foram realizados por pesquisadores como o próprio Foot Hardman, Magali Engel, Lilia Schwarcz e Marta Esteves. Cf. Francisco Foot Hardman, "Engenheiros, Anarquistas, Literatos: Sinais da Modernidade no Brasil", in *Sobre o Pré-Modernismo*, op.cit.; Magali Engel, *Meretrizes e Doutores*, São Paulo, Brasiliense, 1989; Lilia Schwarcz, *O Espetáculo das Raças*, São Paulo, Cia. das Letras, 1993; e Marta Esteves, *Meninas Perdidas*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

intrinsecamente melhor - sendo que, neste sentido, suas crônicas e contos publicados nos jornais teriam um papel fundamental de divulgação das mensagens letradas.

Podemos assim entender, através destes textos literários, o modo através do qual poetas e romancistas constroem uma certa visão do "popular", a qual tentam efetivar através de seus artigos - o que faz deles muito mais do que simples relatos da vida carioca do período. Longe da visão "boêmia" e descompromissada que eles ajudam a construir para si mesmos, estes escritores empenhavam-se na árdua tarefa de transformar a face da sociedade carioca e, por conseguinte, da própria nação. "Fingiram os autores de personagens", explicava anos depois Aluísio Azevedo para Afrânio Peixoto, referindo-se ao caráter boêmio associado a este grupo de literatos - que, para ele, não passava de um "disfarce intelectual para o espanto de leitores da província"⁷⁶. É por trás destes disfarces que podemos ver, para além das imagens de civilidade e harmonia que estes autores se vêem obrigados a lançar sobre a cidade, a própria representação de uma sociedade marcada por conflitos e tensões sociais de toda a ordem, que não se encaixa de forma nenhuma nos projetos totalizantes construídos para ela por inúmeros poetas e romancistas.

Longe do simples registro de algum tipo de realidade, os textos literários do período nos indicam assim os diversos projetos construídos

⁷⁶ A frase é narrada por Afrânio Peixoto, que afirma tê-la ouvido da boca do próprio Aluísio Azevedo. Cf. Afrânio Peixoto, *Poeira da Estrada*, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1944, p. 261. Sobre os equívocos da caracterização "boêmia" desta geração de literatos, ver ainda Brito Broca, *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas*, op.cit., pp. 29 - 30; e Jean-Yves Mériam, op.cit., pp. 446 - 465.

por estes escritores sobre os grupos iletrados, suas práticas e tradições - as quais, muitas vezes, pretendiam eliminar dentro de um conflituoso processo de comunicação cultural. Através de uma leitura a contrapelo de suas crônicas e contos podemos, deste modo, ver muito mais do que as imagens que estes escritores pretendiam originalmente mostrar. Escrevendo diariamente nos jornais, eles nos indicam, ainda, os grandes embates entre as práticas e tradições dos grupos das ruas e aquelas patrocinadas pelos homens de letras do período: na tentativa de "civilizar" estes grupos, pretendiam moldá-los à sua imagem e semelhança, usando como arma nesta batalha os seus bonitos e bem construídos textos. Em meio a toda esta guerra, no entanto, os maiores ganhadores são, com certeza, os pesquisadores da história social...

**O SOCIALISMO DOS MODERNOS
E O SOCIALISMO DOS ANTIGOS**
**A INCORPORAÇÃO DO VOCABULÁRIO IDEOLÓGICO DA
II INTERNACIONAL PELO MOVIMENTO SOCIALISTA
BRASILEIRO***

MARCOS VINÍCIUS PANSARDI**

A II Internacional Socialista surgiu no ano de 1889, portanto, no mesmo ano da Proclamação da República no Brasil. Estimulados diretamente por esse último fato, radicais republicanos e operários fundam os primeiros partidos operários de que se tem notícia no Brasil. Contudo, o vocabulário ideológico destes primeiros partidos, auto-intitulados socialistas, não está em sintonia histórica com aquele difundido pela Internacional Socialista. Seu socialismo não está sob a influência de Marx ou do Partido Social-Democrata Alemão, estando muito mais aparentados das idéias veiculadas pelos socialistas utópicos, como Saint-Simon, Owen etc.¹

Assim, é pouco provável que ainda no Império os nossos

* Este artigo é parte modificada de "Socialismo à Brasileira? Marxismo, Darwinismo e o Ecletismo Socialista no Brasil do final do século XIX", in: *Republicanos e Operários: Os Primeiros Anos do Movimento Socialista no Brasil (1889-1903)*, Dissertação de Mestrado em Ciência Política, UNICAMP, 1993.

** Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ Sobre estes primeiros grupos socialistas do Rio de Janeiro, fundados em 1890, veja-se os capítulos 2, 3 e 4 de minha dissertação de mestrado já citada.

socialistas já tivessem se desligado do velho vocabulário fourierista para se inspirarem nas idéias da vanguarda do movimento socialista internacional, representada pelo partido socialista alemão, como defende Evaldo da Silva Garcia². Os jornais auto-intitulados socialistas surgidos em 1878 - *O Internacional Socialista*, de Salvador; *O Socialista*, do Rio de Janeiro; e o *Tribuna Socialista*, de Pelotas - demonstram o crescimento quantitativo de uma incipiente imprensa radical em nosso país; contudo o salto qualitativo só poderia ser visto cerca de quinze anos depois.

É só no final do século XIX que o léxico socialista atinge um outro patamar. Com a publicação dos jornais *O Socialista* (1896), em São Paulo, e *A Questão Social* (1895), em Santos, os grupos socialistas ligados a estes jornais passam a receber a influência de Marx e da social-democracia alemã, e se inserem não apenas cronologicamente, mas ideologicamente sob a influência da Internacional Socialista. Na década de 90 do século XIX, período em que surgem as primeiras tentativas de se construir um movimento socialista no Brasil, o socialismo a nível internacional vive uma verdadeira revolução: é o período em que as concepções de Marx e Engels assumem progressivamente a hegemonia ideológica do movimento. No Brasil, o socialismo que brota com o início da República, tem como marca ideológica característica a inserção neste período de transição dentro das hostes socialistas.

Após um primeiro período, entre 1889 a 1893, em que, como vimos anteriormente, o ideal socialista mostrava ainda uma forte concepção utópica, o surgimento de novos grupos, principalmente no Estado de São Paulo, demonstra uma rápida caminhada de nossos

² Evaldo da Silva Garcia, "A imprensa operária e socialista brasileira no século XIX", *Revista Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, n^o 19, fev.1964, p.270.

socialistas para o vocabulário ideológico determinado pela hegemonia da II Internacional.

Este movimento socialista, que surge em São Paulo em 1895, já surge sobre uma experiência não desprezível no campo das lutas sociais, e que vai compor uma militância com características diferenciadas da experiência anterior, dada pela inserção de grupos de trabalhadores que carregam uma experiência de luta radicalmente diferente de seus companheiros cariocas: os imigrantes.

O movimento socialista paulista nasce já sobre um pequeno acúmulo de experiência operária, que floresceu nos primórdios da República - como o Partido Operário de São Paulo -, como também das lutas pela Abolição e a República. E, também, já nasce sob a influência da literatura mais atual que se produzia na Europa, difundida principalmente pela dissidência republicana de classe média que compunha uma parte da militância socialista do período.

A vinda de militantes da vanguarda do movimento socialista internacional para nossas terras - por exemplo os socialistas da *Allgemeiner Arbeiterverein*, com profundas ligações com a social-democracia alemã, também contribuiu para colocar o nosso movimento em sintonia com o socialismo europeu.

A indicação da literatura disponível nas bibliotecas dos Centros Socialistas de São Paulo demonstra que era colocado à disposição da militância o que de melhor se produzia no movimento socialista internacional.

Só a título de exemplo, o Centro Socialista de Santos recomenda os seguintes títulos constantes em sua biblioteca³: Marx: *Le Capital*; Engels: *Socialisme Utopique et Socialisme Scientifique*; Blanqui: *Critique Sociale*; Benoit Malon: *Le Socialisme Integral*; Lundis

³ *A Questão Social*, 15 de outubro de 1895.

Socialistes; Economie Sociale; Socialisme Reformiste; Magalhães Lima: *La Federación Iberique; O Livro da Paz; Socialismo na Europa; O 1º de Maio; Pela Pátria e pela República; Discursos*; Kropotkine: *La Conquete du Pain; Paroles à un Revolté*; Bakounine: *Oeuvres*; Schaeffle: *La Quintessence du Socialisme*; Lombroso: *Gli Anarchi*; Bellamy: *Daqui a Cem Anos*; Durkheim: *Du la Division du Travail Social*; Cezar de Paepe: *Le Collectivisme*; etc. Como pode-se notar uma literatura quase toda em francês.⁴

Já no Centro Socialista de São Paulo temos, por exemplo, os seguintes títulos: Marx: *O Capital; Miséria da Filosofia; Manifesto Comunista; Capital e Salário; Guerra Civil na França; Discurso sobre o Livre Câmbio*; Engels: *Socialismo Utópico e Socialismo Científico; A Economia Política; A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado; A Evolução da Revolução*; Lassalle: *Capital e Trabalho*; Bebel: *A Mulher e o Socialismo*; Ferri: *Socialismo e Ciência Positiva; Discórdia Positiva sobre o Socialismo (Ferri contra Galofaro)*; Turati: *Revolta e Revolução; A Moderna Luta de Classes; O Dever de Resistência; As Oito Horas de Trabalho*; Guesde: *A Lei dos Salários e suas Conseqüências; O Coletivismo; Coletivismo e Revolução*; Lafargue: *O Materialismo Econômico de Marx; A Autonomia e a Jornada Legal de 8 horas; O Direito à Preguiça*; Deville: *Estudo Sobre o Socialismo Científico; Resumo do "Capital" de Karl Marx; A Greve Geral; O Anarquismo*; Plechanow: *Anarquismo e Socialismo*; entre

⁴ A Biblioteca do Centro Socialista de Santos, na realidade é, pelo menos em sua grande maioria, a biblioteca de Silvério Fontes e encontra-se conservada na Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio, em Santos, com um acervo precioso de algumas centenas de volumes, sendo uma grande parte deles literatura socialista do século passado. Também faz parte do acervo a biblioteca de seu filho, o também médico e poeta Martins Fontes. Esta biblioteca é praticamente desconhecida pelos pesquisadores e é uma fonte de material sobre o movimento social do século passado única em seu gênero no Brasil, e quiçá uma das únicas no mundo.

outras.⁵

A informação sobre o movimento socialista internacional provinha também da troca de periódicos com vários jornais socialistas do estrangeiro. O Centro Socialista de São Paulo, por exemplo, informa dispor para consulta os seguintes periódicos: *EL Socialista*, de Madrid; *L' Avvenire*, de Buenos Aires; *Les Temps Nouveaux*, de Paris; *A Federação*, de Lisboa; *Era Nuova*, de Gênova; *El Mecanico*, de Buenos Aires; *A Obra*, de Lisboa; *Der Zeitgeist*, da Austria-Hungria; *Postillon*, da Alemanha, etc.⁶

Assim, não nos surpreendemos que as características ideológicas deste seu socialismo seja a do ecletismo⁷, que também imperava no seio da Internacional Socialista neste período.

Nossos socialistas estão inseridos na vanguarda do movimento socialista mundial, o seu socialismo é "científico" e acompanha os ditames da Internacional Socialista, mas, também, estão inseridos no turbilhão da modernidade cultural do século XIX. Defendem a igualdade entre os gêneros, o divórcio, a união livre, a laicização do mundo, a democracia, a racionalização da sociedade, a ciência, a civilização e todas as conquistas dadas pela evolução social.

⁵ *O Socialista* (SP), 25 de outubro de 1896.

⁶ *O Socialista* (SP), 16 de agosto de 1896.

⁷ É neste contexto que poderíamos entender o socialismo, que se forma nestes anos, como um socialismo eclético - ou seja, como um socialismo que constrói seu aparato teórico e seu discurso com uma ampla gama de autores de diferentes origens teóricas e políticas, e que não tem como centro a teoria de nenhum autor em especial, um socialismo que não é marxista, proudhoniano, lassaleano, maloniano, ou outro qualquer - onde muitas vezes temos dificuldades de separar as várias ideologias socialistas entre si. O socialismo eclético é, em realidade, aquele que domina entre os militantes socialistas do final do século, e mesmo entre os primeiros anos do século XX. Ver artigo de Franco Andreucci, "A difusão e a vulgarização do marxismo", in: Eric Hobsbawm, *História do Marxismo*, vol. 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

Darwinistas, por acreditar na evolução natural da sociedade no caminho da justiça e do bem-estar; positivistas, por acreditar, como Comte, na superação da religião e do militarismo pela ciência e a industrialização; organicistas, como Spencer, por acreditar no altruismo-coletivismo ao invés do individualismo e da competição - ou seja, na sua visão da sociedade com um organismo onde a colaboração entre as partes forma o todo.

Um anti-liberalismo, em versão conservadora ou progressista, banhava o pensamento reformista deste final de século; o interessante é notar que, tanto em sua versão progressista, quanto conservadora, os três autores acima citados têm um lugar garantido no Panteão dos Heróis; seja para combater a burguesia, ou adorar a mesma, seja para combater o *Ancien Régime* ou o capitalismo, seja para glorificar a livre concorrência, seja para justificar o coletivismo.⁸

Contudo, a leitura socialista de Spencer, Comte e Darwin ressalta os aspectos mais revolucionários destes autores: a crítica ao absolutismo, a crítica ao individualismo, a visão laica da sociedade (e, mais do que isto, a visão materialista da sociedade), a teoria da evolução inabalável da civilização no rumo de uma sociedade mais justa. Sem dúvida os socialistas levaram as teorias evolucionistas, positivistas e

⁸ Bulferetti, no seu clássico *Le Ideologie Socialistiche in Italia - Nel Età del Positivismo Evoluzionistico (1870-1892)*, Firenze, Felice Le Monnier, 1951, pp. 54-57, procura compreender a difusão das idéias socialistas na Itália e sua ligação com o pensamento positivista e evolucionista. Destaca a grande penetração destas duas correntes de pensamento tanto no ideal socialista quanto no conservador. Justifica assim sua popularidade nos meios burgueses: Comte era bem visto porque sua teoria divinizava o fato concreto, que aplicava à história a teoria de uma evolução progressiva, gradual e contínua, uma teoria anti-reacionista e anti-revolucionária, uma teoria que excluía a Divina providência e a revolução dos fatos históricos. Darwin justificava sua popularidade entre a burguesia pois dava ares científicos ao seu domínio. Afinal, os mais fortes, isto é, os mais ricos, eliminam os fracos, isto é, os pobres; e justifica a ação das grandes potências imperialistas sobre o globo, os povos mais evoluídos prevalecendo sobre os menos evoluídos.

organicistas onde os próprios autores nunca teriam coragem de levar: à justificação do socialismo como evolução natural da sociedade!

Fundados no domínio da razão e da ciência, nossos socialistas reivindicavam a legitimidade de suas críticas. Não podendo se apoiar nas vitórias de um movimento social poderoso, nossos socialistas se apoiavam na ciência para justificar seu direito à existência. Sem poder contar com a força do proletariado para empurrar suas reivindicações, a idéia de uma evolução gradual e inevitável rumo ao socialismo, independente das resistências iniciais do proletariado ou da insensibilidade da burguesia, criava um alicerce sólido para seu movimento.⁹

Assim que a modernidade se instaura no Brasil em 1889, os socialistas iluminados pelas luzes do progresso e da civilização saúdam a queda do *Ancien Régime*, a vitória da República Política, já antevendo no horizonte o surgimento da República Social, resposta natural à decrepitude precoce de nosso capitalismo.

Chegariam a esta conclusão apoiados nas teorias de Marx, de Malon, mas também de Comte, Darwin e Spencer.

Acompanhemos a visão de mundo de nossos socialistas sobre a sociedade e compreendamos um pouco mais o ecletismo socialista do final do século XIX. Vejamos primeiro a visão organicista de sociedade de nossos socialistas, reflexo óbvio das teorias de Spencer:

"1 - A sociedade é um organismo 'semelhante' aos organismos

⁹ Apoio-me na citação de Gramsci que explicou o predomínio do determinismo mecanicista no movimento operário deste período devido ao seu "aroma ideológico imediato": "Quando não se tem a iniciativa da luta e a própria luta acaba por identificar-se com uma série de derrotas, o determinismo mecanicista se torna uma força formidável de resistência moral, de coesão, de paciente e obstinada perseverança. Fui momentaneamente derrotado, mas a força das coisas trabalha a meu favor, a longo prazo, etc." A vontade real se reveste num ato de fé, numa certa racionalidade da história". (A. Gramsci, *Quaderni del Carcere*, apud: F. Andreucci, *op.cit.*, p.23).

animais pela existência de uma divisão do trabalho fisiológica, do progresso orgânico, da cooperação das partes componentes para um fim comum e de uma consciência (...). 2 - Perfeita simpatia fisiológica em suas diferentes partes que, todas participam integralmente da natureza do todo, e, pois, 3 - Modificações quaisquer em cima das partes acarretam modificações mais ou menos superiores em todas as outras (...) Há porém uma divisão natural, embora superficialíssima, que é indispensável nos estudos sociais. É a divisão dos fenômenos sociais em 3 ordens: a) economia, b) política, c) moral."¹⁰

Essa visão organicista justifica uma sociedade em que a cooperação, e não a competição, a ação coletiva, e não o individualismo, seriam a base das relações sociais e produtivas. Contudo, é na sua concepção de mudança social que a pretensão socialista de encarnar o progresso se justifica:

"(...) A teoria do socialismo é a evolução. Evolução quer dizer o movimento natural e fatal, executado segundo uma lei do universo (a idéia de lei, quando se trata de 'sociedade', é a mesma que formamos quando consideramos outros fenômenos naturais [...]) As formas sociais são essencialmente instáveis, não se podem evitar suas transformações (...). Ora, o estudo dessas modificações nas relações sociais, é o que constitui o socialismo. Portanto, o socialismo se impõe a todas as pessoas razoáveis como uma consequência inevitável da lei da evolução. Evolução quer dizer educação, civilização (...), ciência, belas artes e a indústria (...) o estado de organização é essencialmente dependente da civilização (...) 'as forças sociais preponderantes terminam necessariamente por se tornarem-se dirigentes' ('Política Positiva', August Comte). Do estudo das leis naturais que regem a sociedade, do estudo da evolução social, se deduz que o sistema social que até agora tem predominado, mas vai sendo pouco a pouco substituído, é o 'sistema militar-teológico'. Trata-se, pois, de substituir este sistema pelo 'científico-

¹⁰ *O Socialista* (SP), 16 de agosto de 1896.

industrial' (...). Defendido na Alemanha por Karl Marx (coletivismo marxista), na França, por Benoit Malon (coletivismo reformista) (...)."¹¹

Uma característica básica do ecletismo socialista é a concepção rigidamente etapista de desenvolvimento social. Assim, aceita-se acriticamente que a sucessão dos modos de produção de Marx seja semelhante à sucessão dos sistemas sociais de Comte. Outro ponto essencial de sua teoria da mudança social é a prioridade total para o conceito de evolução, que chega a ser sinônimo de socialismo, que por sua vez é sinônimo de ciência, o que leva a uma equação reducionista que diz: ciência = evolução = socialismo.

Assim, o socialismo perde todo seu caráter político e revolucionário, torna-se a ciência que estuda as mudanças naturais das sociedades, a sucessão necessária dos sistemas sociais. Seria a ciência do social, a sociologia, como nos diria Lavroff: "A sociologia é o estado de solidariedade humana e das fases diversas porque passou o homem encaminhando-se para o fim coletivista."¹²

Contudo, o conceito de mudança social centrado na idéia da evolução darwinista-comtista tem um incômodo que salta aos olhos: a concepção da luta pela existência, que na concepção original de Darwin contempla a vitória do forte sobre o fraco. Para aplicar um corretivo sobre esta "lei zoológica estúpida", como diria Carlos de Escobar, nossos socialistas tiveram que se apoiar em argumentos éticos como o "sentimento de justiça". A busca de elementos externos ao evolucionismo científico denota a dificuldade de encaixar as peças do darwinismo social

¹¹ Manifesto do Partido Democrático Socialista. Trechos extraídos dos livros: *Transformismo e Socialismo*, L. Dramard, 1884; e *Teoria do Socialismo*, Oliveira Martins. *O Socialista* (SP), 20 de setembro de 1896.

¹² *O Socialista* (SP), 30 de agosto de 1896.

nos moldes reformistas do socialismo. Contudo, o sentimento de justiça será também produto da evolução... :

"A condição universal da evolução é a luta (...). No reino mineral, o rochedo (...) luta contra as ondas (...). No reino animal (...) é o resultado da 'luta pela vida' de que nos fala Darwin (...). Porém, no homem surgem elementos novos entre os quais a razão (...). O individualismo de hoje é filho do princípio da luta selvagem e anárquica pela vida (...). o socialismo é filho do mesmo princípio aliado à razão (...). Luta de classes o princípio da associação para a luta (...) de um lado, (e o) profundo sentimento de justiça e altruísmo (...). O primeiro origina-se das leis naturais sintetizadas na idéia de evolução, o segundo vem da razão humana (...). Esta segunda parte nos trará a própria evolução. A nós cabe apenas propagar uma nova moral positiva e científica de modo a reformar os costumes, substituindo o sentimento de solidariedade ao feroz egoísmo dominante (...)." ¹³

A assimilação incompleta e mecânica do marxismo - a incorporação do etapismo comteano ao invés do conceito de modo de produção; da luta pela existência de Darwin ao invés da luta de classes; em resumo, a incorporação da lei da evolução e não da dialética marxista -, a incapacidade de compreender dialeticamente o processo de mudança social empurra os socialistas para uma visão ética que os aproxima de Benoit Malon. Seu socialismo é científico e não marxista, porque só com o auxílio do método científico os problemas sociais podem ser verdadeiramente conhecidos e resolvidos e, em consequência deste, demonstra que o socialismo não é apenas uma crítica romântica da sociedade burguesa e sim uma necessidade natural do progresso da civilização humana.

A incorporação da ciência levou o socialismo para dentro do

¹³ *O Socialista* (SP), 8 de novembro de 1896.

turbilhão da modernidade; se o socialismo não puder comprovar cientificamente sua necessidade não sobrevive um minuto sequer. O socialismo dos modernos é, assim, uma ruptura com o passado de revoltas e da crítica moral da sociedade burguesa; o socialismo dos antigos foi suplantado pela ciência dos modernos.

Se o socialismo sempre existiu, desde as épocas remotas da sociedade - a eterna luta dos pobres contra os ricos, segundo Estevão Estrella¹⁴ - só agora, porém, abandonou seu caráter romântico e utópico.

Este socialismo dos modernos tem como características básicas a inversão de seus objetivos: não mais concentrados na questão moral, na utopia da volta às comunidades antigas, na construção de sociedades ideais; e sim a subordinação de seus objetivos aos critérios científicos, a observação e a investigação que demonstrariam a prevalência dos aspectos econômicos e sociais sobre os políticos, deixando de lado os aspectos voluntaristas e revolucionários; o socialismo moderno crê firmemente na idéia da reforma, aliás, produto inevitável da evolução progressiva da humanidade.

O socialismo dos modernos é produto do progresso e caminha com ele, quer colocar todo o produto do avanço da ciência e da técnica sobre as mãos dos produtores. Assim resume o social-democrata Winiger a visão dos modernos:

"Falando do socialismo alemão não trato de um assunto nacional, pois o socialismo alemão é atualmente o socialismo moderno, internacional, universal, (...). O socialismo de Marx e

¹⁴ Estrella - que usava o pseudônimo "Marx" - numa série de artigos do jornal *El Grito del Pueblo*, que tinham por título "Contrastes", procura acompanhar a história do socialismo desde os tempos antigos, fazendo uma curiosa gênese das idéias comunistas, desde os antigos cristãos. Assim, recria a figura de um Cristo "socialista", discípulo de Platão e Zenon, o Cristo autor desta frase: "Povo, há de saber que o criado é o mesmo que seu amo! Levanta-te." In: *El Grito del Pueblo* (SP), 21 de outubro de 1899.

Engels é atualmente tanto o socialismo de Malon e de Jaurés, de Perri e de De Amicis, de Iglesias e França e Silva, como o de Bebel e Liebknecht. (...) O socialismo, no sentido geral, como aspiração para a igualdade de todos os seres humanos, é tão antigo como a humanidade mesmo. Este socialismo se encontra nos filósofos antigos, na Bíblia e no Talmud, nos escolásticos e revolucionários da Grande Revolução Francesa até os anos de 42 e 48 de nosso século. Mas, entre este socialismo antigo e o socialismo moderno, existe uma diferença essencial. O socialismo antigo era primitivo e filosófico, o socialismo moderno é uma ciência real, um cálculo com os objetivos positivos. O socialismo, por não encontrar a desejada igualdade entre os homens, declarava toda a história humana como caminho errado, errar contínuo, e achava a solução da questão social, só na volta para trás no estado primitivo da sociedade. O socialismo moderno, científico, considera a história humana como uma cadeia de progressos lentos, mas contínuos, com o fim de criar a liberdade individual. (...) Para resolver este problema social, o socialismo moderno, é o socialismo alemão. Ele tem apenas uma história de meio século, isto é, desde o ano de 1848 (...).¹⁵

É fundamental o papel de Marx na criação deste socialismo moderno, pois é com a publicação do *Manifesto Comunista*, em 1848, que se inicia a sua história. Subordinando os fatos à ciência, Marx comprovou a importância dos fatos econômicos, subordinando os fatores morais a esses. Com a publicação de *O Capital* desnuda-se cientificamente o caráter opressor da sociedade burguesa, através da apropriação privada dos meios de produção. Assim, demonstra-se que o socialismo começa com a análise econômica, com a análise da mercadoria:

"Reconhecendo que a verdade está ao lado do maior economista

¹⁵ Conferência de Joseph Winiger (redator do *Germany*), no Centro Socialista de São Paulo, em 19 de janeiro de 1896. *O Socialista* (SP), 26 de janeiro de 1896.

do século - Karl Marx - que resolveu problema econômico na sua monumental obra *Le Capital* dando-lhe uma base científica e indestrutível pela socialização do trabalho e divisão procada dos produtos do mesmo trabalho, sustenta-nos, pois, "in totum", toda a concepção do ilustrado mestre quando ele afirma: A análise da mercadoria, forma elementar da riqueza, será por consequência o ponto de partida de nossas pesquisas, por estarmos mais que convencidos que todos os males e iniquidades sociais provém exclusivamente da questão econômica, em torno do qual giram a engrenagem social em todas as suas ramificações. (...) RICARDO".¹⁶

Contudo, não se credita a Marx, exclusivamente, as glórias de ter dado ao socialismo internacional o caráter científico; esse é o produto do socialismo alemão, é o produto de uma plêiade de pensadores:

"(...) Lassalle, Jaquetzow, este aliás tão ingratamente esquecido, iniciaram-no, Karl Marx deu-lhes a base eterna no terreno econômico. (...) Cada vez mais consciente, à medida dos progressos da ciência, a teoria socialista viu na sociedade um organismo (Schaeffle) proclamou para as revoluções a necessidade indispensável do concurso das forças sentimentais (Benoit Malon) (...)."¹⁷

Esse é o socialismo eclético, o socialismo que progressivamente se desprende de sua matriz utópica e/ou comunista através da incorporação do cientificismo dominante no final do século, e a complicada absorção de elementos marxistas ao seu discurso. Contudo, o marxismo tem uma longa estrada a trilhar antes que Kautsky, Engels e a social-democracia alemã consigam promover o marxismo a sinônimo de teoria socialista, a determinar o marxismo como teoria auto-suficiente para compreender a sociedade humana como um todo, e não apenas como uma teoria parcial

¹⁶ *O Socialista* (SP), 5 de junho de 1898.

¹⁷ *O Socialista* (SP), 26 de junho de 1898.

e incompleta.

No socialismo eclético, entre os utópicos e o marxismo, convivem as mais variadas tendências reformistas; desde visões liberais de Spencer, Darwin, Stuart Mill, até visões conservadoras como Rodbertus (Jagetzow), Schaeffle, passando por diversas influências coletivistas, como Lassalle, Malon, Proudhon, Blanqui, etc.

Neste período as "etiquetas" - marxismo, integralismo, possibilismo, bakuninismo - ainda são consideradas divisões negativas para o movimento socialista¹⁸. Nossos socialistas são democratas e pluralistas, portanto, acreditam na convivência pacífica das diversas correntes socialistas, acreditando que o caráter coletivo da criação do socialismo científico demonstra ser:

"(...) impossível ter alguém noção clara, positiva, científica, do socialismo, tendo este ou aquele livro de um ou de outro escritor que estuda a questão social, paradoxalmente, como por exemplo, sob o ponto de vista do Capital (Marx), do coletivismo industrial (Malon), etc. Para saber o que é o socialismo é hoje necessário: 1) Conhecer a evolução histórica, subordinando os fatos ao método científico, isto é, a observação, à experiência, as leis naturais que presidem ao desenvolvimento social. 2) Conhecer os escritores que hodiernamente têm tratado do assunto, e nesse número estão, além dos acima citados, Stuart Mill e Herbert Spencer, que preconizavam particularmente o socialismo agrário de Henry George."¹⁹

¹⁸ Como nos mostra Haupt, no período que se estende até a II Internacional, as "etiquetas" são usadas de maneira a acusar os adversários; assim, "marxistas" foi o termo criado por adversários de Marx, para acusar os seus seguidores de fanáticos de uma seita, e vice-versa. Os termos só adquirem conotação positiva com o advento da II Internacional e a ascensão do marxismo como ideologia dominante em seu seio. Cf. Haupt, "Marx e o Marxismo", in: E.Hobsbawm, *op.cit.*, vol.I, pp. 349 e seguintes.

¹⁹ *O Socialista* (SP), 6 de setembro de 1896.

Já vimos que era o "Marx teórico" que influenciava nossos socialistas. Suas idéias sobre a ação política propriamente dita eram ignoradas em favor de um gradualismo que correspondia à prática do SPD, as teorias de Lassalle e Kautsky e da ala reformista - a dominante do partido.

Outro fator que indispôs nossos socialistas com o marxismo é a presunção de que o socialismo de Marx é uma visão parcial da sociedade - "sob o ponto de vista do Capital"- desprezando fatores fundamentais como a ética e a justiça.

No entanto, Marx já é o autor socialista mais constante no discurso socialista deste período. Praticamente não citado pelos socialistas do período anterior no Rio de Janeiro - estes, como já vimos, mais influenciados pelo pensamento utópico -, adquire uma importância significativa após 1895, passando a ser o autor mais citado, e expressões como luta de classes, materialismo histórico, determinismo econômico, super-valor (mais-valia), se tomam correntes.

A tentativa de definir o que seria o marxismo submerso neste complexo caldo cultural de final de século é uma tarefa muito arriscada, já que o próprio socialismo eclético tem como um dos seus pilares uma interpretação evolucionista do marxismo.

Andreucci procura dar-nos uma resposta destacando, contudo, a dificuldade da tarefa:

"Do ponto de vista do conteúdo, não há dúvida que é. O marxismo apresenta-se com características muito próprias, diferentes e originais, ele é o *socialismo científico*, distingue-se pela triade doutrinária de que se compõe, constituída pela luta de classes, pela concepção materialista da história e pela teoria do valor. Mas esta distinção, que pode ser feita no terreno da fisionomia doutrinária, não é tão fácil no terreno da difusão, da expansão geográfica do marxismo. De fato, o marxismo trilha estradas habitadas por muitas idéias, com as quais se choca ou

se combina, em um quadro marcado por relações extremamente complexas."²⁰

Os grupos, ou os militantes individualmente, têm vários graus de aproximação com o marxismo; contudo, é extremamente difícil separar o marxismo do socialismo eclético, pois na realidade ambos são o socialismo científico. O que se encontra no Brasil são pessoas ou grupos que professam maior ou menor fidelidade às idéias de Marx e que se distanciam ou se aproximam mais das outras correntes socialistas.

Tanto isso é verdade que, naquele momento, já existiam grupos socialistas que tinham uma aproximação muito grande com o marxismo, podendo inclusive ser classificados como marxistas, se acatarmos as indicações de Andreucci. Além dos alemães da *Allgemeiner Arbeiterverein* - que, contudo, são mais lassalleanos que marxistas - o grupo do Centro Socialista de Santos - Silvério Fontes, Carlos de Escobar e Soter de Araújo - é o grupo que mais se aproxima do marxismo neste período.

Vejamus como este grupo define sua própria filiação. Silvério Fontes ao destacar o pioneirismo de sua propaganda, revela sua fonte inspiradora: "(...) o Centro Socialista sente-se satisfeito de ter iniciado, entre nós, a propaganda da doutrina reformadora, estribando-se na trilogia marxista: interpretação materialista da história, determinismo econômico e luta de classes."²¹ Em outra ocasião revelam que "a propaganda feita pelo Centro é exatamente de acordo com as idéias do Partido Democrático Socialista Alemão (o Coletivismo Alemão)."²²

Acrescenta-se a isso os artigos de Carlos de Escobar, nos jornais

²⁰ F. Andreucci, *op.cit.*, pp. 34-35.

²¹ *A Questão Social*, 1 de julho de 1896.

²² *A Questão Social*, 1 de maio de 1896.

A Questão Social ou no *O Socialista*, intitulados, respectivamente: "O Super-valor", "Os Vícios do Capitalismo", "Socialismo", onde o autor procurava explicar, em linguagem mais acessível, os principais conceitos marxistas como: a mais-valia (super-valor), a acumulação primitiva, a luta de classes, a formação do exército industrial de reserva, etc. Em outro ponto, chegam a definir sua filiação à "escola crítico-histórica de Liebknecht e Bebel, do socialismo científico e de Karl Marx."²³ A partir dessa definição poderíamos concordar com Astrojildo Pereira, que definiu Silvério Fontes como o primeiro marxista brasileiro²⁴. Esta classificação aponta para algumas dificuldades: a primeira é que os socialistas de Santos nunca se dizem marxistas. Mais do que filiados ao marxismo, eles parecem filiados ao socialismo científico e ao socialismo alemão. Eles dizem que o socialismo é "o resultado do estudo de uma plêiade de pensadores no qual o *primus inter pares* é Karl Marx"²⁵. Marx é colocado um pouco à frente de seus pares, não os superando. Em outra passagem - numa palestra de Silvério Fontes no Centro Socialista de São Paulo - o embaralhamento com o socialismo eclético é mais visível:

"(...) sua concepção a respeito do socialismo é resultado do estudo das leis da evolução em suas múltiplas manifestações. A história da humanidade que já é explicada ao influxo do método científico, positivo, libertando-se do 'livre arbitrio' e da providência divina, deu em resultado o 'determinismo econômico', devido ao gênio de Karl Marx. As condições econômicas são incontestavelmente a base da moral, da jurisprudência e da política. Esta é a conclusão lógica a que

²³ *A Questão Social*, 15 de outubro de 1895.

²⁴ Astrojildo Pereira, "Silvério Fontes, Pioneiro do Marxismo no Brasil", *Estudos Sociais*, Rio de Janeiro, n°12, 1962.

²⁵ *A Questão Social*, n°1, 1895.

chegaram as mais seguras indagações da geologia, biologia e da sociologia. Dominados por esta orientação os filósofos do direito e os sociólogos hão de determinar a verdadeira natureza e funções do Estado. Darwin, Spencer, Comte e Marx são as estrelas de primeira grandeza que iluminaram o século XIX e provocaram, por meio da ciência positiva, uma profunda revolução que se estende também à economia política.(...)"²⁶

Na realidade, é este o socialismo do final do século XIX, ou talvez, o marxismo da última década do século. Parece-nos que o marxismo faz parte deste caldo cultural positivista e evolucionista e, mais do que romper com a tradição anterior, combina-se a ela, e é desta forma que ele vai sendo traduzido nos meios operários.

O socialismo é a incorporação parcial do marxismo, e a adesão incondicional às idéias evolucionistas de Darwin, como vimos; também criou a necessidade da incorporação das concepções integralistas de Benoit Malon.

Malon tem uma importância para nossos socialistas, desproporcional à sua real importância histórica. Malon é colocado muitas vezes num nível hierárquico semelhante a Marx e Engels. O Centro Socialista de Santos inaugura em seu salão o retrato dos "chefes" Karl Marx, Frederich Engels e Benoit Malon²⁷, cerimônia repetida na comemoração do primeiro de maio de 1903 e na sede do Partido Socialista de Santo Antônio de Jesus (BA), onde o nome de Malon estava ao lado de Marx, junto com a frase "Proletários de todos os países, uni-vos!" nas faixas que adornavam sua sede.²⁸

Sua importância é desproporcional pois, mesmo em seu país, a

²⁶ *O Socialista* (SP), 14 de outubro de 1896.

²⁷ *A Questão Social*, 1º de maio de 1896.

²⁸ F. Foot Hardmann e V. Leonardi, *História da Indústria e do Trabalho no Brasil: Das Origens aos Anos Vinte* Rio de Janeiro: Global, 1982.

França, a influência de Malon foi pequena; na realidade em apenas três países o integralismo de Malon teve grande difusão: na Itália, onde morou por alguns anos depois do exílio forçado com a derrota da Comuna de Paris, redigindo vários jornais e escrevendo alguns livros, em Portugal, onde suas idéias foram divulgadas por Magalhães Lima, influente socialista português, também muito citado no Brasil, e na Argentina divulgado por José Ingenieros, contudo, sem muita penetração.²⁹

Vejamos, através de uma carta de Malon a Magalhães Lima, um resumo de suas principais idéias:

"(...) Para os marxistas ortodoxos, a história, não sendo senão uma perpétua manifestação da guerra de classes, e sendo a revolução social exclusivamente determinada pelos fenômenos econômicos, o socialismo contemporâneo encerra-se todo nas reivindicações do proletariado moderno. Em compensação outros, e o número deles vai crescendo sempre, pensam que se a luta de classes domina a história, não a enche completamente, recusando-se por isso a encerrar toda a vida social na conduta do progresso econômico. Segundo esses socialistas integralistas, no grau de civilização a que chegamos, os fenômenos morais atuam um sobre os outros e cruzam-se, para entrar ou favorecer o desenvolvimento progressivo das nações civilizadas. Convém, pois, para apressar o triunfo da civilização socialista, não limitar a questão apenas aos interesses do proletariado, mas também fazer apelo a todas as forças sentimentais, estéticas e morais da alma humana. Os socialistas, que admitem também a correlação entre a evolução econômica e a evolução moral, tem por princípio tomar parte em todas as obras e em todos os grandes combates, cujo fim é o melhoramento moral e social das condições humanas. (...) citando *Le Socialisme Integral*: 'A

²⁹ C. Batalha, "O Socialismo no Brasil na Época da II Internacional: uma revisão de algumas interpretações correntes", XV Encontro da ANPOCS, Caxambu, MG, 15-18 de outubro de 1991.(mimeo)

heterodoxia dos socialistas que, a falta de um termo mais adequado, nós chamaremos integralistas, não tem o caráter de negação radical em face do socialismo realista, aceitam os dados gerais mas para eles não é exato que a sociedade política seja reflexo da sociedade econômica, os fenômenos religiosos, políticos e econômicos atuam uns sobre os outros e entrecruzam-se para determinar o movimento das nações, tendo sido o predomínio restante adquirido pelos fenômenos econômicos que foram, no decorrer das civilizações, os únicos propulsores mas que têm uma importância decrescente. Este fato não escapou a Buckle, o autor materialista da *História da Civilização da Inglaterra* quando notou a influência crescente das leis mentais, como o sinal característico da marcha da civilização'. (...) ³⁰

Aqui temos as principais características do pensamento de Malon, ou seja, o socialismo como atividade policlassista e não exclusivamente operária; a recusa ao predomínio das forças econômicas, pleiteando-se uma teoria onde os fatores religiosos, políticos e morais têm o mesmo peso dos econômicos e se influenciam mutuamente; e a minimização do conceito de luta de classes.

As concepções éticas de Malon casam-se bem com a experiência vivida pelos nossos socialistas e com sua leitura de uma sociedade onde as classes populares e o trabalho encontram-se aviltados pela chaga do trabalho escravo, mesmo e inclusive, após a abolição. Também é importante entender que as primeiras críticas ao desvirtuamento dos ideais da República pelo republicanismo governante centra-se na corrupção destes, crítica moral portanto, de um regime que mantém os privilégios do finado Império. Assim, não cabe neste momento a idéia de que o Estado republicano é um Estado burguês.

Portanto, a mudança dos costumes é a tarefa primordial dos

³⁰ *O Socialista* (SP), 1º de maio de 1897.

socialistas. Assim diria Carlos de Escobar: "(...) A revolta, por um golpe de Estado, não trará ao obreiro, saído da escravidão, os hábitos de moralidade necessários ao regime socialista. Não somos revolucionários. Somos reformistas. (...) "³¹

A "regeneração do trabalho", é a elevação da classe trabalhadora ao centro da luta política, é a participação do "quarto estado" na gerência dos destinos da nação.

Assim, o proletariado vem para regenerar a nação, "manchada pela mácula da escravidão", mas ele próprio precisa ser recuperado do pântano em que se afundou o país, e combater a degeneração do governo republicano, que caiu sob os mesmos vícios da Monarquia - o egoísmo, a corrupção, o favorecimento. Regenerar a República, a ultrapassada República Política que deve ser reformada pela República Social. Este deve ser o papel do proletariado, mas também o das pessoas de bem, também o dos velhos republicanos insatisfeitos pela República. Daí a idéia policlassista de Malon ser bem aceita pelos nossos socialistas, que não negam o caráter decisivo do proletariado, mas entendem ser do interesse de todas as classes a vitória do ideal socialista: a reforma gradual da sociedade, a educação dos trabalhadores, a reforma dos costumes, a substituição do egoísmo vigente pelo altruísmo socialista:

"(...) no desenvolvimento da nova instituição corresponderão, no domínio político, a República Social como tendência cada vez mais acentuada a substituir o governo reacionário dos homens pela administração consciente das coisas, na esfera ética, o ego-altruísmo de Spencer. Períodos todos de transição (...). República Política, individualismo, egoísmo, presentes serão em breve substituídos pela República Social, pelo coletivismo, pelo ego-altruísmo, e depois, segundo os princípios gerais de sucessão de fenômenos de que o movimento científico

³¹ *A Questão Social*, nº1, 1895.

contemporâneo autoriza a precisão, pelo anarquismo, comunismo e altruísmo (...) as tentativas revolucionárias abortam geralmente, quando constituições preparatórias não amparam-nas convenientemente bem (...)."³²

A regeneração do proletariado é a pré-condição essencial para a regeneração da República. Assim compreendemos sua adesão ao coletivismo (fase inicial da revolução socialista, ou seja, "a cada um segundo seu trabalho", que seria posteriormente seguida pelo comunismo, "a cada um segundo suas necessidades") base de uma sociedade cuja ideologia central é o trabalho. Sua adesão ao coletivismo reformista se compreende por dois aspectos: o primeiro é o caráter gradualista dessa formulação, o degrau inicial da sociedade socialista, característica natural de sua concepção reformista e evolucionista de mudança social; segundo, sua concepção de redenção da sociedade brasileira através da regeneração dos costumes, pois o coletivismo é uma ideologia pré-marxista, carregada pela visão de mundo dos artesãos, de uma sociedade centrada na associação dos trabalhadores, formando cooperativas de produção, de consumo e de financiamento. A moeda central é o trabalho, e a distinção social deve ser legitimada apenas pelo trabalho.

A única possibilidade de regeneração desta República que "traíu seus ideais", não é mais a volta aos ideais de "fraternidade, igualdade e liberdade" que a impulsionaram. Estes ideais estão ultrapassados pela difusão do individualismo burguês, do capitalismo em nossas terras. Os "ideais de 1789", que impulsionaram a República de 1889, se extinguíram com a mudança da base econômica. O desenvolvimento do capitalismo trouxe a necessidade de que às mudanças políticas fossem acrescentadas as mudanças sociais.

³² *A Questão Social*, 1º de julho de 1896.

O socialismo é, assim, a complementação natural da revolução republicana, e é nesse caminho que devem seguir os governos republicanos se quiserem seguir o caminho indicado pela ciência:

"O governo republicano tem procurado inspirar-se nesta grande verdade prescindida por Montesquieu e Condorcet e claramente compreendida e enunciada por August Comte: deve-se fazer da política uma ciência da observação (...). A política tem hoje por objeto fazer caminhar a espécie humana que se move por impulso própria, esclarecendo-a e evitando as revoluções violentas, motivadas pela oposição insensata dos governos. O primeiro dever dos estadistas é reconhecer a tendência da civilização e não proceder em desacordo com ela. Cumpre pois escolher com simpatia e até com aplausos todos os movimentos sociais ou políticos que se fundam em fatos teoricamente demonstrados. (...) Terá de reconhecer igualmente que, hoje, todos os homens de ciência se voltam para o socialismo, por isso que estão por demais cansados das lutas estéreis da metafísica revolucionária, lutas que só servem para sacrificar milhares de vidas a qualquer caudilho ou qualquer monarca desprestigiado. (...) Combater o socialismo é, portanto, combater a civilização. E não podemos admitir que os governos da República, que tão medrosos se têm revelado a respeito da restauração, pretendam se opor à República Social, democrática, e ao socialismo. Os nossos correligionários podem ficar tranquilos."³³

O socialismo não só é a resposta natural do progresso da sociedade brasileira, mas é a única forma de combater o reacionarismo dos saudosistas do Império. Por isso, também, é a única forma de salvar a República ao colocá-la no rumo das transformações econômicas. O socialismo não só é a continuação natural da República, como também é inevitável. As convulsões por que passou a República são resultado

³³ *O Socialista* (SP), 8 de novembro de 1896.

desta inadequação da ordem política à ordem econômica.

A concepção reformista de nossos socialistas deve ser entendida não apenas pelo contexto internacional - o predomínio do reformismo no seio da II Internacional - nem pela sua opção ideológica influenciada pelo darwinismo, mas principalmente pela carga negativa que a idéia revolucionária adquiriria neste momento. Revolução era associada com a prática anarquista (que, segundo a sua concepção de socialismo científico, representava a fase utópica-romântica do socialismo) por eles estigmatizada como irracional, e também com o reacionarismo dos monarquistas e a tentativa sempre presente da restauração, o que significa que qualquer propaganda de ação violenta era logo associada a um golpe monarquista, risco que não podiam correr. Afinal, eles eram republicanos, e acreditavam poder ainda contar com os antigos correligionários, mesmo aqueles encastelados no governo. Sua concepção de revolução é, portanto, essencialmente negativa:

"(...)Toda e qualquer ação política é seguida de um efeito real e durável, quando se exerce no mesmo sentido que a força da civilização, mas é nula ou pelo menos, efêmera, em qualquer outra hipótese.(...) Por isso, sob o ponto de vista político, a nossa modesta folha há de se colocar sempre ao lado daqueles que derem provas de conhecer a marcha da civilização e de estarem dispostos a pôr em prática as reformas necessárias para melhorar as condições de nosso país. Não é possível que subsista por muito tempo esta indecisão por parte do governo e o mal estar que vai se implantando a descrença no ânimo popular.(...)"³⁴

Assim, conclui-se que:

"Firmada no espírito a idéia de que a sociedade é um fato natural e os fenômenos sociais como outros quaisquer, são

regidos por leis naturais, imutáveis, sobranceiras à vontade caprichosa deste ou daquele indivíduo - *ipso facto* fica igualmente estabelecido que a reorganização da sociedade, se não pode ser impedida pelos burgueses retrógrados, energúmenos, também não pode obedecer à fantasia revolucionária dos sonhadores.(...)"³⁵

As reformas devem vir porque a mudança da base econômica da sociedade já aponta - segundo indica o método científico - um descompasso entre essa e a estrutura sócio-política, e as revoluções advêm justamente quando surge este descompasso. A mudança social é inevitável, pois a mudança é a característica básica da sociedade e as reformas vão progressivamente adequando as superestruturas às mudanças estruturais. Quando governos reacionários se interpõem a estas mudanças, uma época de conflitos, de sangue e violência se avizinha. Cabe aos socialistas providenciar, ou apoiar as mudanças autorizadas pela evolução.

A revolução quando explode é aceita como uma necessidade - ou fatalidade - quando se obstruem os caminhos rumo ao progresso. Contudo deve ser evitada, pois os mais atingidos pelos seus horrores são justamente os trabalhadores. A atuação socialista deve, então, ser no sentido de desobstruir os caminhos ao progresso, e o papel da burguesia e dos governos deve ser o de se submeter aos ditames da ciência pois, caso contrário, prepararão inevitavelmente o caminho para a revolução.

A burguesia reacionária e os governos conservadores apenas podem atrasar a evolução humana, não detê-la. Os socialistas devem aplicar a ciência aos procedimentos políticos, pois os golpes e as revoluções não trarão a sociedade socialista. Eles podem reduzir o prazo do advento do socialismo através das reformas, e só através delas.

A estratégia de nossos socialistas, portanto, dá-se em duas frentes:

³⁴ O Socialista (SP), 22 de maio de 1898.

³⁵ O Socialista (SP), 29 de maio de 1898.

uma que eleve o proletariado ao nível de seus colegas europeus, uma tarefa pedagógica e de reforma dos costumes; e outra de reformas políticas que recoloque o país na trilha iniciada em 1889. Atuação política e pedagógica, portanto, não se refere apenas ao proletariado, mas à nação como um todo. Senão vejamos os programas do Centro Socialista de Santos e o de São Paulo:

"*Programa do Centro Socialista de Santos*: (...) Art. 4º - Fica à diretoria o dever de instituir conferências de propaganda, organizar biblioteca, fundar revista, e criar escolas para o operário; Art. 5º - A diretoria providenciará no sentido de serem organizadas cooperativas que melhorem a vida da classe proletária; Art. 6º - O Centro organizará um partido que conquiste, por meio das urnas, as reformas na legislação municipal, estadual e federal, necessárias ao progresso da coletividade.(...)"³⁶

"*Programa do Centro Socialista (de São Paulo)*: Emancipação do Proletariado: 1) Fazer com que os operários exerçam cargos de eleição popular: nas Câmaras municipais, no Congresso Estadual, no Congresso Federal; 2) Prover para que as funções do Estado se reduzam, pouco a pouco, a manter a ordem respeitando as liberdades individuais; 3) defender a causa da instrução popular (...); 6) Instituir tribunais arbitrais, constituídos por patrões e operários (...); 13) Propugnar pela representação das minorias(...); 19) Constituir um partido autônomo que não apóie nenhum governo que para conservar-se no poder seja obrigado a suprimir as garantias da liberdade individual."

"*Regimento Interno do Centro Socialista*: Art. 19º - Em casos de greve, à Comissão Executiva compete tomar as providências necessárias para abafá-las quando, a juízo da comissão, forem

³⁶ *A Questão Social*, n° 1, 1895.

injustas ou precipitadas, ou prestar todo apoio aos grevistas quando forem razoáveis.(...)"³⁷

A idéia dos Tribunais Arbitrais foi acatada nos Congressos da Internacional Socialista e acolhida com satisfação pelos socialistas, zelosos em manter o proletariado protegido dos embates prematuros com a burguesia.

Contudo, o item mais marcante da cultura política dos socialistas é a radical e intransigente defesa da democracia - seqüência quase natural de seu reformismo, mas também herança direta de seu radicalismo republicano. Dos grupos que almejam falar ao povo, que carregam a bandeira da República, os socialistas são os únicos a carregar um programa democrático radical. Mesmo nas alas mais radicais e populares do republicanismo, como a ala de Silva Jardim, a defesa de uma ditadura "popular" ou positivista era mais atraente que a defesa da democracia. Mais à esquerda, é conhecida a ferrenha crítica anarquista à democracia parlamentar. O republicanismo no poder usa a democracia como um escudo contra as pretensões restauracionistas; porém, sua democracia é apenas formal, servindo na realidade apenas de fachada para encobrir as violentas lutas entre os grupos rivais pela posse do poder. Legitimada a disputa pelo poder em nome da "vontade popular", se acrescentava o fato de se evitar a erupção de forças alternativas às elites em disputa.

Defendendo as regras do jogo, os socialistas incorporam a essência do jogo democrático - o respeito à diferença. Se a verdadeira democracia é a defesa daqueles que pensam diferente de nós, os socialistas - republicanos de primeira hora - não se seduzem pelo radicalismo dos jacobinos republicanos. A onda de paixão republicana que produziu o nacionalismo xenófobo contra os portugueses, e que

³⁷ *O Socialista* (SP), 26 de janeiro de 1896.

produziu a perseguição a monarquistas e o empastelamento de seus jornais, foi acompanhado de uma apaixonada defesa do pluralismo e da democracia, pois, afinal, elas são a essência da República: não há República sem a livre expressão de idéias. Assim foi a sua defesa contra o empastelamento do jornal monarquista *Comércio de São Paulo*:

"Não protestamos em nome do socialismo, mas sim, em nome da Constituição do Brasil. Protestamos como cidadãos em nome do artigo 72 § 12, que diz ser livre a manifestação do pensamento pela tribuna e pela imprensa. (...)"³⁸

Socialismo é incompreensível, para eles, sem a idéia da democracia, entendida esta como garantia dos direitos inerentes ao ser humano: liberdade de imprensa, de opinião, de credo, de expressão, de ir e vir, etc.

Contudo, não os satisfaz a democracia liberal, pois defendem a democracia direta, tão freqüente quanto possível: o direito das minorias contra a arrogância da maioria, o mandato destituível, etc. Espírito democrático, incomum numa sociedade permeada pelo golpismo e pelo autoritarismo - mesmo por quem diz falar em nome do povo.

Não há socialismo sem democracia, e não há democracia sem a garantia das liberdades. Contra seus próprios amigos republicanos que se ofendem com os ásperos artigos de Carlos de Escobar, vociferando contra a sociedade burguesa que se instalou no Brasil, o jornal reafirma sua posição intransigente:

"Convençam-se os que têm a pretensão de ver restringir a liberdade de pensamento, de que ela só pode ser limitada pela

própria liberdade.(...)"³⁹

Certos historiadores tendem a confundi-los com os jacobinos. Nada mais enganoso, pois além de serem radicalmente democráticos, como vimos, são visceralmente internacionalistas. São também nacionalistas, mas, de maneira não chauvinista e não xenófoba, pois para eles - assim como também para os revolucionários franceses de 1789 - não havia uma contradição insuperável entre estes dois termos. Seu conceito de pátria não exclui o internacionalismo, ao contrário integra-o num conceito de federalismo mundial. São assim federalistas, mas levam este conceito às últimas conseqüências, unindo uma visão republicana radical ao internacionalismo socialista para propor uma visão radical de federalismo, a começar pelos próprios países, unidos de baixo para cima por uma federação de comunas. O federalismo agruparia os países em federações continentais, intercontinentais e, por que não, interplanetária!⁴⁰

Seu conceito de pátria define-se fora de qualquer critério étnico, pois o único critério para definir uma nação seria o compromisso de seus cidadãos de conviverem harmoniosamente entre si. Para eles só pode haver uma pátria para os trabalhadores, a pátria socialista, pois a pátria dos burgueses - a dos jacobinos instalada em 1889 - não pode ser também a pátria dos proletários:

"Analisemos bem este conceito, os povos livres, que vivem em comunidade, onde os indivíduos são iguais em direitos e deveres, onde a terra pertence a todos, onde não se conhece chefes e nem proprietários, esses povos sabem dar boa prova de amor à pátria quando lutam contra alguns de seus que pretendem erigir-se em senhores. Os povos ou as classes

³⁹ *O Socialista* (SP), 20 de dezembro de 1896.

⁴⁰ *A Questão Social*, 15 de janeiro de 1896.

³⁸ *O Socialista* (SP), 8 de março de 1897.

chamadas inferiores não têm pátria, e devem, por conseguinte, lutar para conquistá-la, isto é, destruir as instituições que sancionam a sua escravidão, em uma palavra, devem rebelar-se contra a pátria de seus dominadores para fundar a pátria dos proletários.(...) A pátria não está formada pelo território (...). Não está também formada pela raça (...). A necessidade de apelar à disciplina, à estratégia militar, aos conselhos de guerra e aos fuzilamentos, não é amor à pátria, não é o coração do homem que fala nesse caso. Em tal caso, o que impera é o medo, é a covardia, é a inconsciência."⁴¹

Assim, o exército, as guerras, o militarismo só existem porque as pátrias são propriedade privada do capital. Cabe aos proletários transformarem as pátrias em propriedade coletiva do trabalho e assim se verá o fim das guerras e do divisionismo dos povos em nações sempre rivais e competidoras no grande mercado planetário.

O compromisso com a conclusão da tarefa iniciada pela República não pode ser compreendida de maneira parcial. A eliminação do individualismo, do egoísmo, da opressão, da ignorância e do autoritarismo não deve ser apenas entendida na relação patrão-empregado, mas sim na relação Estado-sociedade civil, na relação das nações entre si, e também na relação homem-mulher. O projeto de nossos socialistas passa pela recriação da República, da Nação e do povo brasileiro, tarefa que ultrapassava os limites da República e só poderia ser cumprida pelo socialismo.

⁴¹ *O Socialista* (SP), 8 de março de 1897.

**A AMEAÇA PERMANENTE:
O ALCOOLISMO NA IMPRENSA OPERÁRIA
SÃO PAULO, INÍCIO DO SÉCULO XX***

LIANE MARIA BERTUCCI**

"Assim como as tempestades derrubam árvores e afundam navios, o álcool, na sua marcha devastadora, aniquila consciências e afunda vidas inteiras. É, pois, o álcool um mal que nós, por todas as formas devemos combater e exterminar, para que assim a evolução da humanidade se opere duma forma regular."¹

Indivíduo/coletividade, a questão do alcoolismo aparece em vários artigos da imprensa ligada ao operariado como uma catástrofe, paralelamente pessoal e da comunidade. Problema cuja solução implica na necessidade de alteração do dia-a-dia das pessoas e, com esta, em mudanças na configuração geral da sociedade, a questão do alcoolismo coloca-se, pois, como emblema de uma vida arruinada, gerada por um tecido social doente - aquele em que se desenvolve a cidade industrial no início do século XX.

A eleição do problema do alcoolismo como uma questão

* Este texto é parte do capítulo II da dissertação de mestrado "Impressões Sobre a Saúde - A Questão da Saúde na Imprensa Operária. São Paulo, 1891-1925". O problema do alcoolismo foi abordado de maneira semelhante por diferentes publicações ligadas aos operários, por isso só me referi à tendência política do jornal (revista ou organização) quando julguei indispensável.

** Doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ "Um vício a combater - O Perigo do Álcool", *A Vanguarda*, 04 de março de 1921.

primordial para os trabalhadores em jornais acontece em um período em que toda a conformação social do estado de São Paulo passa por mudanças profundas, com a concentração crescente das pessoas no espaço urbano, principalmente no da capital. Período de reestruturação que incidirá sobre os novos habitantes das cidades e sobre seu espaço de vida e atividade enquanto, pouco a pouco, o mundo da fábrica se efetiva.

Organizados em sindicatos, grande parte destes operários, que em sua maioria partilhavam idéias libertárias, têm no alcoolismo um alvo certo a combater. Problema presente no cotidiano individual, ele será denunciado por trabalhadores como um dos frutos da sociedade fabril, que não possibilita aos trabalhadores que nela atuam condições de vida satisfatórias: "A sede do álcool não é causa, mas consequência da miséria", ensina *A Plebe*, em 1919, usando frase do químico alemão Liebig²; enquanto *A Vanguarda* em 1921 alerta:

"(...) Viciados por este líquido mortal [o álcool], os operários desviam-se dos sindicatos, das bibliotecas e das escolas, para irem para a taverna jogar cartas e discutir banalidades. É preciso modificar o meio social em que vivemos, mas para que essa transformação se realize necessário se torna que cada qual se modifique e aperfeiçoe."³

Ao fazer o combate ao alcoolismo atacando a sociedade e os capitalistas, jornais de diferentes matizes ideológicos acabarão, entretanto, por evidenciar que o uso de bebidas alcoólicas era prática social disseminada, inclusive entre aqueles diretamente ligados a associações operárias. A organização dos empregados em hotéis, restaurantes, bares e afins, intitulada A Internacional, deveria ter como órgão impresso representativo *O Internacional*, mas os comunistas

² *A Plebe*, 24 de maio de 1919.

³ *A Vanguarda*, artigo citado.

influenciavam o jornal, enquanto a organização A Internacional teve em vários períodos uma diretoria anarquista⁴, o que gerava atritos que acabavam expondo uma realidade operária diversa daquela pregada nos discursos políticos "moralistas" dos militantes de diferentes tendências políticas. Antonio Canda Otero, em longo artigo, n'*O Internacional* de 1925, reclamava:

"Sendo os sindicatos operários a centralização de energias para a transformação desta corrompida sociedade, é necessário que, em seu seio não permitam imoralidades como atualmente se vêem em nossa associação, que mais parece um taverna de pescadores das costas da Noruega. Os diretores da nossa associação em vez de procurarem fazer do sindicato um meio purificador de consciências para que amanhã possamos ter indivíduos capazes de se apoderarem das rédeas de um governo proletário, transformaram o local social em uma taverna em que se cultiva toda a espécie de vícios. Se algum associado tiver necessidade de pedir alguma informação ao Comitê perderá o seu tempo, porque o Comitê é unicamente o Sr. secretário geral, e este se não estiver com as cartas na mão, saboreando um "tute", está divorciado em cima de uma mesa roncando como um pai de leitões e quando está nestas condições isto é, perturbado pelo fluido da garrafa, não quer ser incomodado com amolações de sócios. Futuros diretores ! Apelo para as vossas esclarecidas consciências: o primeiro ato que tendes a fazer é reclamar a nossa biblioteca, já que os nossos antecessores nenhum passo deram para tal fim. Transformai o "bar" em sala de leitura, para que a coletividade se possa desenvolver mentalmente"⁵

⁴ Cf. John W. F. Dulles, *Anarquistas e Comunistas no Brasil, 1900-1935*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, p. 153.

⁵ "Saneamento Moral", *O Internacional*, 11 de julho de 1925. Veja também "A Internacional", *Ibidem*, 1ª Quinzena de agosto de 1925; "Ecos da Semana", *O Livre Pensador*, 09 de outubro de 1904; e "Modos de Ver... álcool", *A Plebe*, 09 de abril de 1921.

Entre outros enunciados deste teor, as palavras de Otero, nas quais não pode deixar de ser sentida a intenção de desmoralizar adversários políticos, abrem uma significativa fresta para sentirmos o quanto a bebida era apreciada, não apenas entre os habitantes da cidade de maneira geral, mas particularmente entre os trabalhadores, aspecto que impeliu militantes operários a concorrerem decisivamente para a construção do alcoolismo como um mal permanente a ser constantemente combatido, se se quisesse mudar a sociedade. Tarefa com muitos obstáculos, cujas dificuldades aumentavam ainda mais quando até mesmo um ativo militante anarquista como Orestes Ristori, que chegou a fazer conferências combatendo o alcoolismo⁶, é apontado como falsificador de vinhos do Rio Grande do Sul⁷.

Nos textos pedagógicos da imprensa ligada aos trabalhadores o alcoólatra será uma vítima social, que muitas vezes se entrega ao vício para esquecer a realidade em que vive, baseada na "exploração do homem pelo homem"⁸. O ser humano alcoolizado, fruto do novo quadro urbano, será aquele homem que se desviou por culpa da sociedade, e que pode e deve ser recuperado; mas, principalmente, aquele cujo exemplo não deve ser seguido.

O discurso diário dos jornais revelará também, de maneira sutil e contraditoriamente incisiva, a relação do operariado com o álcool, formando tanto um concerto com a oratória exaltada da condenação das

⁶ *A Terra Livre*, 01 de janeiro de 1910; *A Lanterna*, dezembro de 1909; *A Terra Livre*, 15 de junho de 1910.

⁷ Cf. "Fraudes e Falsificações - Os Vinhos do Rio Grande São Drogas", *A Rolha*, 23 de abril de 1918: "Os celeberrimos vinhos do Rio Grande do Sul, cuja falsificação havia sido iniciada há anos pelo ex-anarquista Orestes Ristori, quando ficou com inveja da prosperidade de todos os Matarazzo desta terra...".

⁸ "Deportados", *A Lanterna*, 13 de setembro de 1913.

bebidas, quanto retratando aspectos da vida dos trabalhadores urbanos.

"Martinho, maquinista da estrada de ferro, tinha explicado à sua filhinha que a bandeira vermelha significava alarme:

- Então, papai, quando vedes este sinal, parais a locomotiva ?

- Certamente, do contrário haveria um desastre.

No dia seguinte, a criança viu sua mãe chorar, o que de algum tempo para cá não era raro.

- Mamãe, por que está chorando ?

- Ah! filhinha teu pai começou a beber, e com esse vício ele perderá certamente o emprego.

Na manhã seguinte, quando o marido abriu o seu armário, para tirar a garrafa de aguardente, encontrou uma bandeirinha vermelha ! Compreendeu o artifício de sua filhinha, abraçou-a, recolocou a garrafa em seu lugar e de lá nunca mais a retirou"⁹

Com uma forma simples, direta, utilizando o sentimento familiar, o amor paternal, procura-se relacionar o uso da bebida com a miséria e possível desagregação do lar, que a perda certa do emprego detonaria.

Longe de considerações científicas, a pequena história, com sua forma coloquial e infantil, aproxima o leitor e a "família" retratada numa empatia realizada graças à colocação correta dos termos, através da economia de adjetivos. A situação parece "falar" por si mesma graças à utilização da criança, cuja intervenção singela chama a atenção pela honestidade e pela aura de verdade e inocência.

Sobrevivência versus aguardente. A visão da perda do emprego, terrível se considerarmos as dificuldades de sobrevivência para a classe trabalhadora¹⁰, e a desestruturação pessoal e familiar, resumem, neste

⁹ *A Plebe*, 22 de dezembro de 1923.

¹⁰ Problema renitente na vida do trabalhador, a carestia será constantemente denunciada em jornais como *A Lanterna* e *A Plebe*, inclusive com vários artigos sobre a organização da Liga Popular Contra a Carestia da Vida em 1912, de ação e vida irregulares durante os anos seguintes mas que demonstra a gravidade do problema para os operários e sua luta para debelá-lo.

texto exemplar, uma preocupação diária concreta. Desemprego, dificuldade financeira que, com certeza, impeliriam mais ainda para o vício da bebida, desestruturando definitivamente a vida doméstica, e levando o trabalhador em sentido inverso àquele buscado por militantes operários, ou seja, a união dos trabalhadores, representada para muitos deles pelos sindicatos.

"...o marido abriu o armário para tirar a garrafa de aguardente...", por que não de outra bebida? A questão pode parecer pueril, se não por outro motivo, pelo fato de a palavra "aguardente" poder resumir vários tipos de líquidos alcoólicos (além de existirem vários tipos de aguardente). Se considerarmos que o autor, ao tentar ser conciso, nomeou a bebida "aguardente", a questão, ao invés de solucionar-se, (como aliás poderia parecer já no caso da primeira resposta) justificaria-se de forma plena: por que aguardente seria expressão tão forte que enfeixaria todas as bebidas alcoólicas?

Constituindo maioria absoluta entre os trabalhadores dos grandes centros urbanos, em cidades como São Paulo e Santos, os operários imigrantes atingiram um total que ultrapassou a 70% dos moradores, no início do século¹¹. Desse total, a maioria era de origem italiana, grupo que poucas vezes, nas primeiras décadas do século XX, teve seu número superado pelos de outras nacionalidades. O inquérito sobre as condições da indústria têxtil no estado de São Paulo, realizado pelo recém-organizado Departamento Estadual de Trabalho em 1912, confirma a presença maciça de imigrantes, notadamente italianos, nas indústrias paulistas¹².

¹¹ Sheldon Maram, *Anarquistas, imigrantes, e o Movimento Operário Brasileiro, 1890-1920*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, pp. 15-17.

¹² T. Oscar Marcondes de Souza, *O Estado de São Paulo - Physico, Político, Econômico e Administrativo*, São Paulo, Estabelecimento Gráfico Universal, 1915, pp. 196-197. Ver também Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall, *A Classe Operária no Brasil - 1889-1930*, vol. 1, São

Senhores de hábitos seculares, os estrangeiros amalgamaram pouco a pouco sua herança cultural com costumes aqui encontrados, criando um novo tipo de vida. Entre esses hábitos o da bebida não será desprezível. A marcante presença do vinho no cotidiano, a ponto de a Seção Didática d'*O Internacional*, ainda em 1924, arrolar o vinho como a primeira entre as palavras escritas repetidamente em português, espanhol, italiano e francês¹³, foi certamente reforçada pelo hábito italiano de tomar esta bebida nas festas, reuniões e refeições. Tal costume, se colaborou para a construção do arquétipo de estrangeiro desordeiro e devasso, forjado pela burguesia em sua pretensa "intervenção saneadora" na sociedade¹⁴, balizou também a ação dos próprios operários na sua luta contra o álcool.

O *Jornal Operário*, de 1905, afirma:

"Há muitos operário para os quais o encarecimento do pão, da carne, do vinho, e outros artigos de primeira necessidade, não os preocupa sequer, como se dito encarecimento não significasse uma diminuição na alimentação de si mesmo e de seus filhos."¹⁵

Alice, cujo marido era de família italiana, relata:

"Meu marido, mais tarde, construiu uma casa num terreno que tinha na rua Jerônimo de Albuquerque (...). As pinturas ficaram

Paulo, Alfa-ômega, 1979, pp. 58-91.

¹³ "Seção Didática", *O Internacional*, 01 de junho de 1924. Cf. Michele Perrot, "Les Classes Populaires Urbaines", *Histoire Économique et Social de la France*, Presses Universitaires de France, Tome IV (1), p. 498.

¹⁴ Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar: a utopia da Cidade Disciplinar, 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

¹⁵ "Táctica das Sociedades de Resistência - VII", *Jornal Operário*, 12 de novembro de 1905. Os grifos são meus.

lindas: na parede da sala de jantar havia painéis formando quadros, um frango, um queijo, maçãs, uma jarra de vinho."

Amadeu, de pais italianos:

"Das crianças que eu conheci, os pais eram todos gente boa. Mas naquele tempo bebiam muito: o vinho italiano custava 200 réis o litro (...) Depois de casado [1937] tomávamos um vinhozinho no almoço, um vinhozinho na janta, mas em casa, só um copo. Os que iam no bar saíam de lá embriagados. No Brás eram muito procuradas as cantinas que serviam queijos, azeitonas, atum estrangeiro, mas eu não tinha o hábito de freqüentar estas cantinas."¹⁶

Assim, longe de ser descabida, a pergunta sobre o termo aguardente, aponta na direção do enraizamento de um hábito na cultura do trabalhador urbano, o de beber vinho e, mais, na sua propagação e mutação, contribuindo para o uso, na cidade, de outras bebidas alcoólicas, cujo alastramento será tomado como verdadeira epidemia permanente. Amadeu dizia sobre os anos 30 e 40:

"Meus companheiros de trabalho bebiam; saíam às seis horas do trabalho, se reuniam na venda da esquina e ficavam lá até meia-noite, sempre bebendo, discutindo. Bebiam pinga, o vinho para operário era caro, por barato que fosse, não era para aquisição do operário. No tempo do meu pai que vinha em cartolas, em barris, da Itália, era bem barato."¹⁷

O traço separando o ideal de abstinência e a realidade operária na

¹⁶ Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979, pp. 67 e 98-99.

¹⁷ Bosi, *op.cit.*, p. 98. Cf. *Annaes Sanitários*, n° 1, outubro de 1918, p. 60: "A Luta Contra o Alcoolismo": a cachaça "(...) no dizer do dr. Belizario Penna, é o pior inimigo da lavoura brasileira, mais prejudicial que as formigas, e somente comparável à ankylostomiase e à politicalha".

implementação dessa luta com o álcool, fará um contorno no qual poderão ser vislumbrados seus próprios limites e os caminhos tangenciais que ela percorreu. De pequenas histórias condenando a aguardente, com toques de "cumplicidade" com o leitor aos relatos de "cruzadas anti-alcoólicas" em países da Europa, diante das quais se comenta que existiria maior eficiência nessa luta caso se pregasse o uso moderado do álcool¹⁸, existiu um caminho possível para combater a bebida alcoólica.

A luta pelo fim do alcoolismo será, neste período, antes de tudo, contra um costume amplamente difundido e pela construção de um ideal político (caminho e esboço de uma nova sociedade). O seu desenrolar indicará um trajeto acidentado não isento de posições dúbias que repetidas vezes condenam efetivamente o uso de bebidas apenas na forma adulterada, falsificada, com que ela se apresenta ao público. Raros serão os artigos que, denunciando falsificadores, afirmam que esses tornam as bebidas *mais* nocivas¹⁹, trazendo uma crítica explícita a toda e qualquer bebida alcoólica, como escassos são discursos que apontam claramente, no dia-a-dia, o vinho como único ou primordial causador dos males do alcoolismo²⁰. A revista *Annaes Sanitários* publicada por Nereu Rangel Pestana, chega ao extremo de, em outubro de 1918, defender a vitivinicultura como forma de combater o mal do alcoolismo propiciado pela aguardente ou cachaça²¹.

O uso acentuado de bebidas com álcool, surgido como questão relevante juntamente com a nova realidade das cidades fabris composta

¹⁸ "A Cruzada Anti-Alcoólica", *A Lanterna*, 09 de janeiro de 1904.

¹⁹ *A Lanterna*, 18 de dezembro de 1903.

²⁰ Cf. o artigo repetido pelos jornais *O Carpinteiro*, n° 1, *A Luta Proletária*, n° 10, e *O Trabalhador Gráfico*, n° 57. Significativamente, o artigo foi feito no início do século e no exterior.

²¹ *Annaes Sanitários*, *op.cit.*, pp. 60-65.

de seres humanos de origens e hábitos variados (do campo para a cidade ou de um país para outro), moradores de locais insalubres, com péssimas condições higiênicas e de saúde, não é contudo privilégio destas cidades. Ao analisar as condições de existência do trabalhador na Inglaterra, em obra publicada em 1845, Friedrich Engels, por exemplo, aponta os irlandeses como tradicionais bebedores²². Mas será com a grande concentração de pessoas no meio urbano que o alcoolismo despontará como um problema central na perspectiva de muitos intelectuais, além de vários patrões e inúmeros trabalhadores. Evaristo de Moraes afirma:

"Já não nos é lícito manter indiferença diante do grave problema do alcoolismo, que, desde meado do século XIX, se impôs desoladoramente, em todos os países civilizados. Por isso mesmo, que o Brasil é um deles, tem de pagar tributo a esse fator de degeneração da espécie humana."²³

Continuando, adverte que não se pode confundir o alcoolismo moderno, uma moléstia social, com a antiga embriaguez:

"O alcoolismo é, antes de tudo, produto da atual desorganização social-econômica e da imoralidade individual, esta resultante dos efeitos da educação e da desagregação da família. Cumpre, portanto, agir sobre as condições existenciais da sociedade e sobre o espírito dos indivíduos"²⁴

A sociedade como matriz e o alcoolismo como moléstia social,

²² Friedrich Engels, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo, Global Editora, 1986, p. 109.

²³ Evaristo de Moraes, *Ensaio de Pathologia Social - Vagabundagem, Alcoolismo, Prostituição, Lenocínio*, Rio de Janeiro, Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 1921, p. 71.

²⁴ *Idem, Ibidem*, pp. 73 e 87.

algo destruturador que coloca em risco a família comprometendo a descendência, degenerando a espécie. As considerações de Moraes não serão incompatíveis com a postura de periódicos preocupados com a situação dos trabalhadores das cidades.

O jornal *A Lanterna*, através da coluna de variedades "Ecos", declara:

"O álcool na época atual faz mais destroços do que os três flagelos históricos: a fome, a peste e a guerra. Ele dizima mais do que a fome e a peste; mata mais que a guerra, e faz mais do que matar - desonra"²⁵

O álcool no imaginário desenhado pelos artigos da imprensa operária, compõe um quadro capaz de aliar catástrofes anteriores, vivas na lembrança popular com maior ou menor intensidade, e o presente de mudanças e dificuldades. O alcoolismo seria o flagelo perene, ameaçando diariamente a sobrevivência não só física, mas moral dessas pessoas. A bebida "desonra", como assinala *A Lanterna*, sendo assim entrave poderoso à ação proba e consciente das pessoas. Seres humanos que, vivendo em comunidade, tendo para ela projetos que se definem socialmente, terão a necessidade de decifrar e combater questões guindadas à condição de cataclismo social.

Na luta política cotidiana pelo rumo a ser dado à conformação social que se implanta, uma das armas fundamentais (notadamente para os anarquistas) será a instrução, pois sem ela não haveria trabalhadores conscientes e não existiria, por consequência, luta.

Para a educação do trabalhador, no que diz respeito ao problema do alcoolismo, o recurso ao exterior não será excepcional. Diagnosticado como mal do mundo hodierno, a busca de lições e teses em outros países

²⁵ "O álcool", *A Lanterna*, 16 de janeiro de 1904.

constituirá reforço substancial ao aparato de combate ao álcool. Em sua coluna "O Que Vai Pelo Mundo", o jornal *A Lanterna* de 14 de julho de 1914 traz notícia sobre o alcoolismo no Japão, afirmando que "o álcool entra em toda parte com a civilização moderna para comprometer e matar. Breve morrerá a lenda do pequeno japonês comedor de arroz e bebedor de água que por isso venceu o Goliás russo, grande bebedor de álcool. O sakê, aguardente de arroz, começa a envenenar os japoneses". (Segue reproduzindo estatística sobre problemas causados pelo álcool, não só no Japão mas também na Itália, Inglaterra, Suíça e Espanha)²⁶.

Entretanto, não será só através de reportagens rápidas nos seus jornais que o contato dos trabalhadores com o exterior é utilizado. Publicações externas não raro foram comentadas e usadas para tal fim. Já no início do século, *O Amigo do Povo*, acusando recebimento do nº 27 da revista *L'Ere Nouvelle*, enfatizava a reportagem intitulada "L'alcoolisme et les revendications ouvrières". Pouco tempo depois, o mesmo jornal anunciava "Pró-Saúde - órgão da Liga de Propaganda Contra o Tabaco e o Alcoolismo. Número programa. Endereço: Poço do Borraten, 313, 1º, Lisboa"²⁷. A revista *Aurora* em seu segundo número comentava, em 1905, o artigo "L'alcoolisme Ed I Rivoluzionari", de Augusto Giordini, escrito no *Il Pensiero* e o jornal *A Lanterna* de 14 de janeiro de 1904, com o título "O Alcoolismo - Conselho a Seguir", transcreve artigo do *El Obrero* de Buenos Aires, dizendo ser o álcool o grande inimigo da humanidade, sobretudo dos trabalhadores, aconselhando-os a não beberem se quisessem liberdade e bem estar, pois "o álcool é veneno da inteligência, como denominou o grande fisiólogo Charles Richet"²⁸.

²⁶ "O que vai pelo mundo", *A Lanterna*, 04 de julho de 1914.

²⁷ *O Amigo do Povo*, 06 de março de 1904.

²⁸ "Folhando a imprensa", *Aurora*, 01 de março de 1905; *Il Pensiero* (Roma) nº 24; "O alcoolismo -

Assim, a amplitude do alcoolismo e a luta que envolvia a questão, aparecerão na tentativa sistemática de instrução da classe trabalhadora pelos jornais quanto ao problema e suas graves conseqüências num esforço para livrar o operariado daquele que era, para os militantes, um dos maiores obstáculos à constituição de um homem forte física e moralmente, um ser atuante, segundo os próprios libertários e outros grupos organizados²⁹.

A conferência que a livre-pensadora mineira Maria Lacerda de Moura - crítica da sociedade capitalista, discípula de Han Ryner, professora, poetisa e escritora - realizou no Salão Lyra em comemoração ao 10º aniversário de A Internacional, responde a esta ânsia por entender as causas e enfrentar um problema assustador, classificado mesmo como epidêmico entre os trabalhadores, segundo os periódicos operários, devido à sua imagem de calamidade e contaminação³⁰. Assim, o costume do "mata-bicho" é revelador, para os militantes ligados aos trabalhadores, da extensão do problema e da dificuldade em vencê-lo:

"Entre o operariado e [sic] inveterado o mata bicho mata-se o bicho para refrescar no quente (...) para alegrar os tristes; para contentar mais aos contentes. Pergunta-se a todos nenhum bebe por vício (...) bebem para distrair, para agradar, para ser da moda que diabo se não fosse o clássico vamos matar o bicho que

conselho a seguir", *A Lanterna*, 14 de janeiro de 1904, e "Ecos - O Alcoolismo", *Ibidem*, 22 de janeiro de 1904.

²⁹ Sobre o uso de bebidas alcoólicas na ótica de uma organização ligada à Igreja Católica, ver "Os Males do alcoolismo (católico) 1913", *apud*, Edgard Carone, *Movimento Operário no Brasil*, São Paulo, Difel, 1979, pp. 270-275. Veja também Perrot, *op.cit.*, pp. 481-482 e 498-499.

³⁰ "O Alcoolismo e a Questão Social", *O Internacional*, 15 de abril de 1924. Miriam M. Leite, *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*, São Paulo, Ática, 1985, *apud* Rago, *op.cit.*, pp. 61-116. Expressões como "flagelo" e "praga", usadas para nomear a questão do alcoolismo, ilustram a perspectiva de doença epidêmica sob a qual ele era enfocado. Cf. *A Lanterna*, dezembro de 1909; *O Trabalhador Gráfico*, 13 de dezembro de 1925.

faria o homem ? E, que graça pode ter um homem que não bebe... que nunca apanhou uma carraspana é um maricas um tolo ?! Assim falam esses infelizes homens escravos, esses entes degenerados que não tendo em sua vida um momento de lucidez de raciocínio vivem morrendo na mais infame das escravidões recorrendo à bebida como meio da vitalidade do vigor da alegria de viver! Pobre humanidade assim caminhas para o túmulo que abrem tuas próprias mãos!"³¹

Mesclando problema pessoal e social, a retórica operária constrói um discurso educativo que aparecerá legitimado pelo saber científico cujo percurso será, entretanto, pontilhado pela sobrevivência de práticas populares que resistem à massificação do conhecimento, rompendo o quadro homogeneizante que paulatinamente é elaborado. A *Folha do Povo*, em 1909, publica a seguinte nota:

"A água de fubá cura instantaneamente a embriaguez. O ébrio pode estar caindo, mas basta tomar um ou dois cálices de água de fubá para levantar-se imediatamente e curar-se de seu vício tão deprimente"³²

Introduzida com o comentário: "De um jornal do interior tiramos a seguinte receita para combater o alcoolismo...", o que induz a noções como provincianismo e atraso, essa fala será facilmente abafada pela presença repetida de outra voz, mais potente, a da "ciência". Traduzindo atualização com o que acontecia no universo intelectual e a habilidade dos militantes proletários no manejo dos recursos apresentados como científicos, o uso desses conhecimentos significará a desqualificação ou o enquadramento de uma gama variada de saberes do povo, elaborados e armazenados durante séculos. Nesse nivelamento do conhecimento, os

³¹ "O Alcoolismo", *O Proletariado* (Santos), 01 de outubro de 1911.

³² "Contra o Alcoolismo", *Folha do Povo*, 22 de julho de 1909.

periódicos que em geral expressavam e ditavam as ações politizadas dos operários, terão função de destaque.

Assim, o alcoolismo será atacado por um discurso ancorado no enunciado técnico-científico que tem, por vezes, seu conteúdo repetido em vários jornais operários, mesmo que de tendências políticas diferentes.

O *Carpinteiro*, simpático aos anarquistas, que defendia a instrução e a educação moral dos operários e a neutralidade das Ligas e outras associações de trabalhadores, em 1905 reproduzirá do jornal socialista *Avanti* !:

"(...) um médico fez investigações estatísticas muito interessantes, sobre a influência do alcoolismo dos pais sobre a saúde dos filhos.

Em 659 famílias pode classificar os genitores deste modo:

- a) 183 não bebem;
- b) 240 bebem moderadamente, menos dum litro de vinho por dia
- c) 133 bebem imoderadamente, mais dum litro;
- d) 103 são bêbados;

"Ora, os casos de tuberculose ou de perturbações nervosas nos pais e nos filhos repartem-se da seguinte maneira em relação a 100:

tuberculose

	a	b	c	d
no pai	4,3	5,8	10	13,6
nos filhos	4,8	14	22,2	29,3

perturbações nervosas

	a	b	c	d
no pai	1,1	2,5	2,3	2,7
nos filhos	7,9	13,6	17,2	24,2

"Vê-se claramente que se acentuam as taras de um grupo para outro. É pois rigorosamente exato dizer que combater o alcoolismo é combater a tuberculose. Por vossa saúde e pela de vossos filhos, trabalhadores, não bebei álcool ! Todo homem que bebe é um desgraçado inconsciente, é um misero que se coloca à mesma altura que os irracionais, é um homem perdido para a revolução. Incapaz dum gesto de revolta, está disposto a desempenhar todos os baixos papéis de traidor e de espia. Abaixo o álcool!"³³

Aglutinando na mesma fala perigo para o presente e para o futuro, tanto para o indivíduo quanto para a coletividade, o artigo traduz de maneira eficiente a visão sobre o álcool enquanto mal social, ameaça diária à vida saudável e consciente do trabalhador, utilizando dados abalizados pela sua procedência na construção de um texto persuasivo.

O mesmo artigo estará, *ipsis verbis*, no jornal anarquista *A Luta Proletária* de 21 de março de 1908. Vinte anos depois de *O Carpinteiro*, o jornal *O Trabalhador Gráfico* refará o escrito com linguagem pouco mais elaborada e menos "panfletária" (fruto, talvez, do ideário comunista do jornal no período, que aposta no partido como impulsionador revolucionário, e não em indivíduos isolados, ou outros tipos de associações), assinalando a necessidade de propaganda para combate de um mal para a saúde do trabalhador e de seus filhos, numa indicação da persistência do problema como questão central ainda a ser solucionada, e da circulação de informações dentro da classe operária³⁴.

A reutilização de informações, contudo, é indício seguro de que a base educativa, construída principalmente pelos libertários, era calcada

³³ "Abaixo o Alcool !", *O Carpinteiro*, 01 de junho de 1905.

³⁴ *Idem, Ibidem*. Ver também "Abaixo o álcool !", *A Luta Proletária*, 21 de março de 1908; "Poligrafia - O álcool e seus efeitos", *O Trabalhador Gráfico*, 13 de dezembro de 1925.

na formulação de uma verdadeira "crença" contra as bebidas alcoólicas que deveria ser enraizada em pais e filhos, algo que extrapolava a mera popularização de novos informes estatístico-científicos³⁵.

Esse procedimento não se limitará a artigos baseados exclusivamente em dados de outros países. Verdadeiras lições serão repetidas, com forma pouco variada, em vários números de jornais e em textos de estilos e temas variados³⁶.

Sinônimo de desvio pessoal, diagnosticado e tratado como doença social, o alcoolismo possibilitará uma ação política abrangente, já que incidirá diretamente sobre o cotidiano do trabalhador. No discurso dos operários, essa possibilidade será revolucionária-pessoal (deixar de beber) para com ela atingir outra, ampla, social³⁷. O alcoolismo se prestará assim brilhantemente para a configuração tanto de uma debilitação do operariado, causada pela sociedade capitalista, quanto para o ataque a essa sociedade geradora do alcoólatra e estimuladora do alcoolismo.

Mas o alcoólatra denunciado por periódicos operários como alguém manipulável pelo patrão³⁸ comporá o clichê do trabalhador

³⁵ O pressuposto da falta de informações fica sem consistência ao acompanharmos a grande quantidade de publicações e informes recebidos de todo o Brasil e do estrangeiro e comentados em vários jornais. Cf., entre muitos, *O Socialista*, 01 de maio de 1897; *O Rebate*, 16 de julho de 1898; *O Amigo do Povo*, 06 de março de 1904. Muitos dos periódicos eram enviados ao exterior firmando a busca de contato regular com publicações de outros países.

³⁶ Cf. "O álcool", *A Lanterna*, 25 de dezembro de 1902; "Bibliografia: O Perigo Alcoólico - pelo Dr. Alberto Seabra", *O Livre Pensador*, 03 de julho de 1904. "O Alcoolismo e a Questão Social", *O Internacional*, 01 de maio de 1924 (texto incompleto).

³⁷ "Alcool e Tabaco", *O Amigo do Povo*, 22 de novembro de 1903.

³⁸ Cf. "O álcool e sua ação", *Tribuna Operária* (Santos), 01 de setembro de 1909: "(...) A burguesia tem o álcool como um seu auxiliar, porque sabe que o operariado enquanto está nas tavernas e nos bordéis se embriagando, ele não está procurando no meio de seus companheiros a forma melhor de combater a exploração que ele sofre; como também dá motivos à polícia de os prender e espancar,

indesejável também na ótica patronal, justificando a implementação de ações burguesas contra o uso "exagerado" de bebidas³⁹. O álcool, desta forma, motivará uma luta cujo caminho cruzará posições de militantes operários com práticas da classe dominante, que os jornais dos trabalhadores denominavam falsas ao afirmarem que a burguesia "fingia conder-se" pelas vítimas do álcool fazendo filantropia e propaganda anti-alcoólica, enquanto permitia a fabricação e venda de bebidas⁴⁰.

Por outro ângulo, isto aponta para a existência da ação efetiva de um outro combate contra o alcoolatra que, no seu dia-a-dia, com certeza não era totalmente antagônico ao do próprio operariado.

Dessa maneira, a luta social cotidiana fará convergir, em vários momentos, ações de opositores. A recorrência a noções frequentes no discurso burguês, como remodelação e aperfeiçoamento pessoal e social, ligadas à idéia de progresso, e a expressões como "evolução da humanidade", "degeneração", e "cancro social", repetidas pelos jornais operários⁴¹, corroboram a existência de uma permeabilidade causada

dando assim prejuízo às instituições, primeiro porque ele sendo associado a mesma tem que fazer despesas com a sua liberdade, e além disso traz sempre rivalidades de uns contra os outros, segundo que os mesmos indivíduos não sendo associados, entretendo-se nas tavernas vão cada vez mais se corrompendo e a burguesia aproveita estes indivíduos para que em ocasiões de greve os mesmos se sujeitam, "embora imprestáveis", para aqueles poucos dias que eles necessitam dos mesmos. E depois correm-os a ponta-pés, pois até de graça não os querem no trabalho".

³⁹ "O álcool mata! Uma representação da Liga Paulista Contra a Tuberculose", *O Parafuso*, 10 de junho de 1919; M. Clementina P. Cunha, *O Espelho do Mundo: Juqueri, a história de um asilo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 166-167, 193-198; M. Auxiliadora Guzzo Decca, "A Vida Fora das Fábricas: Cotidiano Operário em São Paulo, 1927-1934", Dissertação de Mestrado, IFCH, UNICAMP, 1983, pp. 64-65.

⁴⁰ "Contra o álcool", *A Plebe*, 27 de janeiro de 1923.

⁴¹ "Um vício a combater - o perigo do álcool", *A Vanguarda*, 04 de março de 1921; "Evitemos o álcool", *A Lanterna*, 29 de janeiro de 1916; "Saneamento Moral", *O Internacional*, 11 de julho de 1925.

pela vivência diária. Essas noções serão apropriadas e utilizadas pelos militantes operários na luta contra a mesma sociedade que as forjou, ao denunciarem problemas e pregarem transformações com os próprios argumentos burgueses, o que, todavia, tornava-os amplamente aceitos.

Parceiro da degeneração física e moral, hereditária ou adquirida, o álcool produz um ser indesejado quer para patrões (apesar de todas as acusações em contrário dos trabalhadores⁴²), quer para operários, pois ineficaz para os propósitos de ambos - um trabalhador cordato, eficiente, por um lado, um operário combativo, atuante, de outro.

Ligas, associações, dispensários que muitas vezes compuseram o quadro das realizações denominadas hipócritas pelos operários, serão componentes da tentativa burguesa para tornar a sociedade um espaço ordenado, um meio asséptico, cuja expressão primordial será o Juquery. Opção concreta também para o problema do alcoolismo⁴³, essa vocação do hospício se acentuará a partir da década de vinte quando, com transformações do saber psiquiátrico, será a classe operária o alvo privilegiado das intervenções, com objetivos claramente eugênicos, que a nomeiam como o espaço da transgressão ou como o grupo propenso, por excelência, ao desvio social (os movimentos grevistas de 1917 a 1919 não podem ser desprezados nesse processo). Mais e mais o Juquery será espaço de "depósito de detrito" social⁴⁴.

⁴² Cf. George Rosen, *Da Polícia Médica à Medicina Social*, Rio de Janeiro, Graal, 1980, p. 321.

⁴³ "Notícias Diversas: as vítimas do álcool", *Folha do Povo*, 14 de maio de 1909: "Atirou-se ontem, às seis horas da tarde, do Viaduto, Ernesto Grossiglio, solteiro, 42 anos e que foi gerente de uma farmácia no bairro Ipiranga. Ernesto enlouquecera há cerca de seis meses, devido ao abuso de bebidas alcoólicas. Recolhido ao hospício de juqueri, de lá saiu inteiramente são, entregando-se novamente ao vício da embriaguez. Reduzido a viver dos socorros dos últimos amigos, passava amargurados dias de miséria. Atualmente achava-se em tratamento no hospital Humberto I, donde evadiu-se para por termo à existência". Cf. Bosi, *op.cit.*, p. 109.

⁴⁴ M. Clementina P. Cunha, pp. 165-210. Sobre a existência de irrecuperáveis vítimas do álcool, ver

Mesmo tematizado como um mal amplo, de toda a sociedade, do qual nem a classe dominante estava preservada, a abordagem feita do alcoolismo enfatizando-o como parceiro da miséria - tema da predileção dos trabalhadores - facilitará a circunscrição do combate aos alcoólatras em torno da classe operária, desde o princípio do século XX, o que se acentuará com o passar dos anos⁴⁵.

Nesse processo há a "criação" e a separação do "bom trabalhador" de tipos chancelados como marginais, proporcionadas tanto por realizações de associações educativas e assistenciais⁴⁶, implementadas por leigos e profissionais da área de saúde (em contato direto com a população e maior ou menor acesso aos aparelhos do Estado, dependendo de sua constituição e objetivos), quanto pelo discurso militante dos trabalhadores, marcado de forma nítida pelo apreço à ciência, da mesma forma que estas citadas associações, que a imprensa operária criticava por seus nexos com a classe dominante:

"Que se fabrique caninha para bêbados está bem, mas para operários é que não!"⁴⁷

A tentativa de realizar um corte profundo, separando a classe trabalhadora dos alcoólatras, reflete este esforço de segregação feito ao logo do tempo para definição por parte significativa do próprio

"Alcool e Tabaco", *O Amigo do Povo*, 22 de novembro de 1903. Ver também sobre a proposta hospitalar de solução para o problema de tratamento de alcoólatras: "A vol d'oiseau...", *O Parafuso*, 21 de abril de 1920; Evaristo de Moraes, *op.cit.*, pp. 109-136.

⁴⁵ Moraes, *op.cit.*, p. 125: "Nos palacetes como nos casebres, o pernicioso efeito da alcoolização se faz sentir pela mesma forma"; "Alcool, Jogo e Farra!", *O Internacional*, 1º quinzena de setembro de 1925.

⁴⁶ Uma instituição desse tipo (de âmbito nacional) é analisada por Madel T. Luz, *Medicina e Ordem Política Brasileira*, Rio de Janeiro, Graal, 1982, pp. 173-188.

⁴⁷ "Irmãos Trabalhadores!", *A Plebe*, 19 de julho de 1919.

operariado, de quais eram os que podiam ser chamados trabalhadores, e quais aqueles que não mereciam esse título e deviam ser expurgados. A eleição do álcool como "o maior obstáculo criado pelos nossos inimigos para obstar o nosso caminho", no mesmo texto que separou de forma tão incisiva "proletário" de "alcoólatra"⁴⁸ traduz como a cristalização de idéias políticas (a autora do texto é a libertária Isabel Cerruti, que assina Isa Ruti) dão-se de forma simbiótica com a definição da auto-imagem esculpida, através dos anos, pelos operários: homens sóbrios, conscientes e vigorosos lutadores.

Mas, entre a idealização pura e simples da bebida como instrumento burguês e do operário como um ser oposto ao bêbado, outra informação aparece, sutilmente, traindo a autora desse artigo eminentemente político: se trabalhador e álcool são incompatíveis, por que ele seria "o maior obstáculo criado pelos nossos inimigos para obstar o nosso caminho"? A incompatibilidade não garantiria a distância?

A fragilidade da separação do operariado destes indivíduos "marginais" no interior da ordem urbana industrial, está em ambos serem filhos despossuídos do capitalismo, assediados pela penúria. O alcoólatra seria o irmão indesejado que militantes trabalhadores queriam fazer desaparecer mas, também, a prole malquista, que saberes e intervenções burguesas procurariam eliminar. Em meio a idealizações e práticas, insistindo em denunciar esta fragilidade, irrompe o social, onde até mesmo o número de remédios como depurativos e revigorantes que têm a palavra vinho como parte de seu nome e essa bebida (ou a aguardente) entre os seus ingredientes, é extremamente significativo⁴⁹.

⁴⁸ *Idem, Ibidem*, os grifos são meus.

⁴⁹ Cf. como exemplo "Farmácia Cosmopolita", *Folha do Brás*, 23 de dezembro de 1900; "Vinho de Caju" e "Despesia", *A Lanterna*, 24 e 25 de outubro de 1903; "Licor de Tayuyá de São João da

Contudo, serão os próprios jornais ligados aos trabalhadores que apontarão o uso da bebida não apenas como um costume da sociedade como um todo (como indica o caso dos remédios), mas como hábito de uma classe - a operária. Se as pregações e instituições burguesas foram denominadas simulacro de preocupação com o alcoolismo, o que dizer daqueles que, combatendo este vício, fazem anúncios de bebidas alcoólicas ?⁵⁰ A resposta pode ser dada pelos próprios operários, que em 1903, nos primórdios de uma luta que se revelaria longa, traduzem de maneira simples e direta a dimensão política e o aspecto de sucesso parcial que essa luta, à parte as mudanças de comportamento obtidas na sociedade, conseguirá concretizar até meados dos anos 20:

"Nós, nesse macabro concerto, formamos uma *exceção* - a *maioria* dos anarquistas são antialcoólicos. *Ao menos* entre os militantes e os simpatizantes *mais chegados* não se poderá encontrar um bêbado"⁵¹

Barra", *O Parafuso*, 31 de março de 1920.

⁵⁰ Entre vários: *O Rebate*, 11 de novembro de 1897; *A Lanterna*, 13 de janeiro de 1904; *O Livre Pensador*, 23 de dezembro de 1906.

⁵¹ "Da Propaganda", *O Amigo do Povo*, 06 de dezembro de 1903. Os grifos são meus.

BURGUESES E OPERÁRIOS:

A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL DO ANTIFASCISMO

SOCIALISTA ITALIANO

SÃO PAULO, 1923-1934

JOÃO FÁBIO BERTONHA*

Introdução

No decorrer dos anos 20 e 30, um confronto em especial marcou a coletividade italiana de São Paulo: o havido entre fascistas e antifascistas. De fato, fascistas e antifascistas disputaram, por anos a fio, os corações e as mentes dos italianos locais, deixando profundas marcas na vida da coletividade e gerando a elaboração, pela historiografia, de diversas análises que procuravam dar conta de explicar essa situação vivida pela colônia¹.

Tais textos sobre a ação do fascismo e do antifascismo italianos no Brasil são de grande importância, permitindo-nos visualizar a intensa luta que se travava na comunidade italiana de São Paulo naqueles anos. Uma limitação é visível, porém, nesses textos: é mais fácil extrair deles informações sobre o discurso e as propostas dos grupos fascistas e antifascistas (o que, sem dúvida, é importante, mas não basta) do que

* Doutorando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ Cf. Ângelo Trento, *Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil*, São Paulo, Nobel/Instituto Italiano de Cultura, 1989, e nossa dissertação de mestrado: "O antifascismo socialista italiano de São Paulo nos anos 20 e 30", Campinas, UNICAMP, 1993.

efetivamente levantar dados sobre a repercussão desse discurso e dessas propostas entre os italianos de São Paulo. Como conciliar a nossa necessidade de investigar a repercussão do fascismo e do antifascismo entre os italianos de São Paulo, se as fontes mais imediatamente disponíveis, os jornais fascistas e antifascistas, não fornecem - segundo uma linha historiográfica mais tradicional - informações diretas sobre isto? Uma contradição aparentemente intransponível se instaura entre necessidade e possibilidade.

Tal contradição deve, porém, ser relativizada. As informações constantes nos jornais devem, claro, ser contrapostas e complementadas ao maior número possível de outras fontes, mas é importante notar que elas são relevantes e que nos fornecem indícios de como as idéias fascistas e antifascistas foram absorvidas na São Paulo dos anos 20 e 30. É na tentativa de demonstrar isso que esse artigo foi escrito. Para o melhor aproveitamento do texto seria conveniente, porém, explicar, antes de mais nada, quem são os antifascistas cuja representatividade social estamos estudando.

Tal tarefa é realmente prioritária quando sabemos que não existia um movimento antifascista único, mas sim uma série de grupos antifascistas com propostas e origens diversas. Nesse sentido, destacamos que os antifascistas estudados nesse texto são os ligados ao socialismo italiano. Tais socialistas - divididos entre o grupo de Piccarolo e Mariani, ligados à "Concentrazione Antifascista" de Paris e o grupo do conde Frola - foram de fundamental importância na luta antifascista no Brasil, sendo dignos, portanto, de um estudo mais detalhado. Será a repercussão das idéias desse grupo, vista a partir de seus jornais (como o *La Difesa* e o *Il Risorgimento*) que será vista neste trabalho.

Dessa forma, o artigo se desenvolverá visando a delimitação da capacidade de influência dos socialistas em direção aos diferentes grupos

sociais que formavam a coletividade italiana nos anos 20 e 30 (burguesia industrial, classes médias e operariado) e a definição de sua real base social. Também levantaremos algumas informações sobre a relação do grupo com os políticos brasileiros. É nossa pretensão que este texto colabore para demonstrar a viabilidade de estudos desse tipo, enriquecendo e ampliando uma realidade histórica que apenas começamos a delinear.

O antifascismo socialista e o operariado

Ao nos debruçarmos sobre a luta dos antifascistas italianos em São Paulo surge imediatamente uma questão: até que ponto os esforços antifascistas para atingir as centenas e centenas de milhares de italianos que viviam em São Paulo foram bem sucedidos? Ou, em outras palavras, até que ponto o discurso desses antifascistas teve repercussão popular?

Em primeiro lugar, deve-se ter claro que os objetivos dos antifascistas no tocante à formação de uma base popular parecem ser dúbios: de um lado, procurava-se salvar do fascismo a colônia italiana como um todo, recolocando-a no estado de concórdia e amizade que havia antes que esse resolvesse conquistá-la². Ao mesmo tempo, porém,

² Essa visão da colônia como um local de concórdia no período pré-fascista é manifesta em diversos momentos nos jornais antifascistas. Cf., por exemplo, "I consoli del fascismo", *Il Risorgimento*, 18 de julho de 1929 e "Colônia italiana e bivacchi fascisti", *La Difesa*, 22 de abril de 1928.

são emitidos sinais de preocupação com a causa dos trabalhadores³, sendo dirigidos apelos específicos em direção a eles.

E como teria sido a recepção, no caso dos operários de origem italiana⁴, às propostas desses antifascistas? É praticamente impossível ter conclusões definitivas a partir de fontes tão limitadas nesse aspecto, como os jornais, mas, se nos restringirmos a eles como fonte informativa, teremos evidências de uma penetração muito escassa da propaganda antifascista no seio do operariado. Para demonstrar isso, vamos examinar o relacionamento de cada um dos grupos antifascistas com o operariado. E isso em dois níveis: na relação com os organismos do movimento operário em São Paulo e com o proletariado propriamente dito.

Iniciemos pelo grupo Piccarolo, no qual identificamos pouco ou nenhum relacionamento com o operariado. De fato, à parte algumas menções a "operários" nas listagens e subscrições dos jornais, há pouquíssimos indícios de qualquer articulação deste grupo de antifascistas com organismos e associações de origem operária em São Paulo. Claro que a adesão dos operários poderia ter-se dado de forma direta, mas o fato é que simplesmente não há sinais de adesão maciça e concentrada de operários em torno dos jornais e organismos desse grupo

³ Cf. "Unione Democratica Italiana di San Paolo - manifesto ai lavoratori italiani nel Brasile", *La Difesa*, 2 de setembro de 1926 e "Grupo Socialista Giacomo Matteotti", *La Difesa*, 25 de janeiro de 1931. Ainda nos anos 30, a LIDU paulistana promoverá uma série de cursos específicos para os operários, ministrados por Piccarolo, Mariani, Cilla e outros. Cf. "LIDU - Il programma dei corsi di cultura", *La Difesa*, 27 de junho de 1931 e "La ripresa dei corsi di cultura operaia", *L'Italia*, 1 de maio de 1932.

⁴ Não se esqueça, a propósito, o fato de o grosso do operariado paulista ser, ainda nos anos 20, majoritariamente de origem italiana, o que demonstra a amplitude do objetivo a que os jornais antifascistas se propunham. Veja-se, a propósito, Sheldon Maram, *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário no Brasil*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, e Michael Hall, "Italianos em São Paulo", *Anais do Museu Paulista*, 29, 1979.

de antifascistas.

Com o grupo de Frola, a situação, ao menos em parte, se modifica. Frola, coerentemente com sua política de associar todas as forças na luta contra o fascismo, tem um contato muito maior que Piccarolo com os organismos operários. Começam a aparecer no *La Difesa* na gestão Frola, de fato, anúncios de organismos como a União dos Trabalhadores Gráficos, União dos Canteiros e outros, e surgem sinais de alguma colaboração entre esses órgãos e o *La Difesa*⁵. Frola procurou abrir, portanto, a base de apoio dos trabalhadores ao jornal e isso é relevante.

Essa mesma abertura é identificável no grupo Mariani entre 1930 e 1934. De fato, Mariani, Cilla e os outros líderes da segunda fase da Concentrazione no Brasil percebem, motivados por acontecimentos locais e internacionais, a necessidade de ampliar os contatos com outras forças políticas e sociais no intuito de combater o fascismo. Isso se transmutou num contato muito maior com os organismos operários de São Paulo⁶. Essa mudança de rota da Concentrazione no Brasil é tão inesperada que os concentracionistas que antes, na fase Piccarolo, mal mencionavam os conflitos operários, agora se envolvem nesses conflitos a tal ponto que são acusados de neles tomar partido⁷.

⁵ Ver a participação do *La Difesa* em um comício pró-Sacco e Vanzetti em 1927. Cf. "Comizio per Sacco e Vanzetti", *La Difesa*, 22 de maio de 1927.

⁶ Os jornais *La Difesa* e *L'Italia* (versão diária do *La Difesa* surgida nos anos 30) passam, de fato, a servir de instrumentos para organismos operários como os sindicatos dos têxteis, dos gráficos e dos padeiros. Cf. "Unione dei Lavoratori Grafici", *L'Italia*, 2 de fevereiro de 1932. Surge também uma "Coluna Operária" no *L'Italia* e são bem mais frequentes as notícias sobre comícios operários. Cf. "Movimento Operaio", *L'Italia*, 13 de janeiro de 1933.

⁷ Cf. "Una rettifica", *L'Italia*, 10 de março de 1932, onde alguns operários acusam o jornal de apoiar

Vemos, assim, como o antifascismo de Frola e o de Mariani ampliam de forma substancial os contatos com o movimento operário paulistano. Ainda assim, não há sinais de adesão direta e maciça de operários de origem italiana ao antifascismo desses grupos. Aumentam, sim, as menções a "operários" nas listagens e subscrições do *La Difesa* (o que indica, a nosso ver, um maior sucesso de Frola e Mariani entre os proletários de origem italiana), mas não ao ponto de alterarmos nossa visão anterior: os antifascismos de Frola e Mariani tem menor dificuldade para atingir os operários de origem italiana de São Paulo que o de Piccarolo, mas, ainda assim, não conseguiram estimulá-los suficientemente para que sua participação desse uma maior base de massa ao antifascismo.

Nessa altura, convém esclarecer um ponto. Ao colocarmos que os operários ítalo-brasileiros não parecem se interessar pelo antifascismo professado pelos socialistas italianos de São Paulo, não queremos concluir, a priori, que eles não se interessavam pela questão do fascismo ou do antifascismo em São Paulo, ou que eles tenham se fascistizado e, por causa disso, recusado a mensagem do antifascismo. Ainda não temos dados empíricos suficientes para afirmar nada disso. Tudo o que podemos dizer, à luz do material pesquisado, é que os socialistas italianos de São Paulo não conseguiram entusiasmar o suficiente os operários de origem italiana para que estes tivessem uma participação mais ativa no movimento, de forma a transparecer isto nas páginas do jornal.

Posto isso, resta buscar o porquê dessa situação. No caso do grupo Piccarolo, entendemos que duas observações sobre a maneira como o *La Difesa* do período de Piccarolo (1923-1926) e o *Il*

a Federação Operária de São Paulo e a resposta do jornal em "Federação Operária de São Paulo - Uma Declaração necessária", *L'Italia*, 13 de janeiro de 1933.

Risorgimento abordam as questões relativas aos trabalhadores podem nos esclarecer um pouco sobre o porquê dessa aparente indiferença. Em primeiro lugar, é interessante notar a sua concentração de "críticas de classe" no contexto italiano. De fato, não só as críticas em relação aos conflitos capital x trabalho no Brasil são praticamente inexistentes, como a situação brasileira é apresentada até como rósea frente à italiana⁸, o que reflete tanto o fato de grande parte dos articulistas do jornal estarem no exterior, como nos indica uma grande complacência com a burguesia paulista, sobre a qual voltaremos a fazer referência ainda nesse texto.

Já o segundo ponto digno de nota é uma observação sobre o teor do discurso que aparece nos jornais ligados a Piccarolo. Ele parece ser mais um discurso sobre os operários que efetivamente para os operários. É uma posição bastante imbricada com o pensamento e a ação que eles imaginavam dever ter - a "ação educativa" no lugar da ação sindical direta, o "pacifismo" frente ao Brasil, etc - e moderada a tal ponto que parece ter levado ao menos parte dos leitores à irritação, como demonstra a seguinte carta:

"Professor, mas para ensinar materialmente a verdade (...) o bom senso nos encaminha direto ao ponto (...) com retórica e similares tão difíceis para o ignorante nós passamos nele o conto do vigário. Não precisamos das palavras triviais, grossas e inúteis daquele jornal, mas de canhões, bombas, metralhadoras e fogo para demolir o universo e reconstruí-lo perfeito e igualmente justo. Com isso, queira suspender a assinatura de //

⁸ Cf. a coluna "Nel fronte unico", *Il Risorgimento*, 1 de maio de 1929, onde se escreve que no Brasil as greves são possíveis (dá-se o exemplo dos tipógrafos) e que se uma greve como essa ocorresse na Itália, os grevistas já estariam presos ou apanhando.

Risorgimento ao meu endereço. A.V., Rua 21 de abril, Braz"⁹

Entendemos, portanto, que o discurso dos antifascistas ligados a Piccarolo era dissociado da realidade brasileira e excessivamente teórico, de tal forma que não respondia aos anseios e necessidades do proletariado de origem italiana na São Paulo dos anos 20. Isso parece ter conduzido, se não a uma aversão, ao menos à indiferença da maior parte dessa população à sua propaganda.

No caso do grupo Frola, a mesma preocupação de não interferência nos assuntos brasileiros que identificamos no tocante a Piccarolo permanece: Frola também faz pouca ou nenhuma referência às lutas operárias no Brasil¹⁰ e as suas posições políticas, por mais radicais que pudessem parecer perto do socialismo ultra-reformista e do excesso de moderação de Piccarolo, não abandonavam a classificação de socialismo moderado. É nossa hipótese que essa dissociação da realidade brasileira e a defesa de um socialismo moderado num ambiente pouco apto a aceitá-lo¹¹ foram fatais para o esforço do socialismo italiano de São Paulo (seja o de Frola seja o de Piccarolo) em atingir os operários.

⁹ Cf. "Urge un'opera educativa", *Il Risorgimento*, 1 de agosto de 1929. Note-se, aliás, que o italiano utilizado na carta é bastante simples e com erros (o que indica uma origem popular do remetente) e que o leitor vai contra tanto as infinitas discussões e teorias do *Il Risorgimento* como as grosserias e xingamentos do *La Difesa* no período Frola ("aquele jornal").

¹⁰ A única exceção ("Il fascismo invade le fabbriche di São Paulo", *La Difesa*, 29 de janeiro de 1928) se refere às fábricas italianas de São Paulo submetidas ao fascismo.

¹¹ É nossa impressão que o predomínio anterior do anarco-sindicalismo no seio do operariado ítalo-paulista deve ter gerado, entre estes, um sentimento difuso antifascista (difícil de avaliar e confirmar devido à ausência de registros) e uma resistência a associações com os socialistas ítalo-brasileiros, o que ajudaria a explicar - caso se confirme a hipótese - o seu isolamento frente aos operários. Sobre o predomínio do anarco-sindicalismo entre o proletariado paulista no início do século XX, ver Michael Hall, "Urban Labor" In M. Conniff (org), *Modern Brazil: Elites and Masses In Historical Perspective*, Lincoln, University of Nebraska Press, 1989, e Sheldon Maram, citado.

A confirmar essa hipótese de que os sucessos e os fracassos do antifascismo em relação ao proletariado estão intimamente relacionados com sua abordagem do problema social nos anos 20 e 30 está o grupo Mariani. Como ressaltado antes, ele e seu grupo abandonam o isolacionismo de Piccarolo e abrem as portas de seus jornais a alguma divulgação das lutas operárias no período¹². Não é por acaso, pois, que seu grupo parece ter uma penetração maior entre o operariado: falando uma linguagem mais próxima e abordando os problemas mais diretamente relacionados a esse operariado, seu grupo conseguiu uma maior presença que os grupos de Piccarolo e Frola¹³.

Ressalte-se, nesse ponto, que não chegamos a defender que o grupo Mariani tenha conseguido uma popularidade maciça entre os operários de origem italiana. Tudo o que podemos afirmar é que a popularidade do grupo Mariani entre os operários parece ter sido um pouco maior, sem nada que indique uma base popular operária maciça. Isso coloca o grupo Mariani no mesmo nível dos outros grupos.

Descartada a hipótese de que o operariado fornecesse o núcleo da base popular do antifascismo, resta a questão: quem, então, eram os

¹² Ainda assim, o jornal mantém seu caráter de órgão do antifascismo, criticando especialmente as condições de vida e de trabalho nas fábricas de italianos convertidos ao fascismo como Matarazzo, Crespi, Pirelli, etc. Cf. "L'agitazione degli operai tessili", *L'Italia*, 19 de fevereiro de 1932; "La pretese della Società fascista Pirelli", *L'Italia*, 29 de fevereiro de 1932; "La protezione ai lavoratori minorenni" *La Difesa*, 8 de março de 1932, entre outros.

¹³ Registre-se que o fato de Mariani ter uma penetração diferente no seio do operariado talvez reflita não só uma concepção diferente desse líder do antifascismo relativa à questão operária mas também uma diferenciação temporal: as dificuldades aqui apresentadas de Frola e Piccarolo em atingir os operários se referem aos anos 20, enquanto a ação de Mariani se dá nos anos 30, o que pode significar diferenças de contexto relevantes.

leitores dos jornais antifascistas? É uma pergunta difícil de ser respondida com algum grau de certeza, mas que merece mais alguma atenção de nossa parte.

O antifascismo socialista italiano e a burguesia industrial

Segundo Bruno Tobia¹⁴, nós não podemos fazer associações mecânicas do tipo "financiadores x = escolha política y", mas ele demonstra como as fontes financeiras de um movimento podem nos dizer muito sobre a penetração e eficácia política do mesmo, servindo de sólido indício da vitalidade das relações entre esse movimento e os destinatários de sua propaganda, ou seja, aqueles que ele pretende representar.

É nesse sentido - no de conhecer o significado e os limites do antifascismo - que procuramos trabalhar com as duas informações básicas, em termos de origem dos recursos financeiros do movimento, que aparecem nos jornais antifascistas, a saber, os anúncios e as subscrições. Avançar nas páginas de anunciantes do *La Difesa* e do *Il Risorgimento* a partir de 1928 é, realmente, uma experiência interessante, instrutiva e que pode nos ensinar muito sobre os antifascistas que estamos estudando.

A primeira característica que nos salta aos olhos quando examinamos as páginas de anúncios desses jornais é a ausência de grandes empresas, sejam elas brasileiras ou italianas. De fato, com exceção de algumas presenças esporádicas, não há grandes empresas anunciando em nenhum dos jornais antifascistas. Essa situação apenas

¹⁴ Bruno Tobia, "Il problema del finanziamento della Concentrazione d'azione antifascista negli anni 1928-1932", *Storia Contemporanea*, 9 (3), 1978.

nos confirma um dado já bastante visível quando trabalhamos com os materiais fascistas: o sólido e maciço apoio da poderosa elite industrial ítalo-paulista à ação do fascismo em São Paulo¹⁵ e a sua total negação do antifascismo¹⁶. Não se repetirão no *Il Risorgimento* e no *La Difesa*, assim, a multiplicidade de anúncios dos grandes grupos empresariais ítalo-brasileiros que povoarão a imprensa fascista nos anos 20 e 30 e mesmo os jornais do próprio Piccarolo do período anterior. Não será entre os Matarazzos e Crespis de São Paulo que os antifascistas encontrarão o seu Torquato di Tella¹⁷...

O fato de os membros da elite ítalo-paulista apoiarem vigorosamente o fascismo levou, como seria de se esperar, a profundas

¹⁵ Além de inúmeros dados nesse sentido, temos também uma confirmação de uma pessoa que viveu o período. D. Lélia Abramo, em seu depoimento a nós concedido em 17 de dezembro de 1992, ressaltou, de fato, a íntima ligação da burguesia ítalo-paulista da cidade de São Paulo com o fascismo. A questão parece ser, cada vez mais, não como os empresários de origem italiana reagiram ao fascismo mas por que reagiram favoravelmente. Uma nota: D. Cezira Curty, que participou das atividades do fascio campineiro nos anos 30 e que nos concedeu uma entrevista em 18 de maio de 1992, negou categoricamente a relação entre o fascismo e uma classe social específica em Campinas. Claro que isso era esperado de uma pessoa na sua condição de participante do cerimonial fascista, mas talvez seja um sinal de que a relação dos italianos com o fascismo tenha sofrido recortes diferenciados na cidade de São Paulo e nas pequenas comunidades de imigrantes italianos espalhados pelo interior do Estado.

¹⁶ Aparentemente, a mesma situação de apoio maciço da elite econômica ao fascismo se repetirá nos Estados Unidos. Cf., a respeito, Elena Aga Rossi e Philip Cannistraro, "La politica etnica e il dilemma dell'antifascismo italiano negli Stati Uniti: il caso di Generoso Pope", *Storia Contemporanea*, ano 17, número 2, abril de 1986.

¹⁷ A alusão faz referência a Torquato di Tella, grande empresário ítalo-argentino que teve papel fundamental no sustento da Concentrazione em Paris no final dos anos 20 e início dos 30. Cf. Bruno Tobia, *Op.cit.* e Thomas Child Cochran, *Capitalism In argentine culture: a study of Torcuato di Tella and SIAM*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1962.

manifestações, por parte dos antifascistas, contra essa elite. Tais manifestações variaram muito, porém, para cada grupo antifascista. Vejamos caso a caso.

O grupo Piccarolo perceberá desde cedo¹⁸ a ligação entre a burguesia industrial de origem italiana e o fascismo, e se manifestará contra ela. Abra-se um parêntese para ressaltar, porém, que a posição anti-"graúdos" (que é como os antifascistas chamavam os industriais de origem italiana) do antifascismo centrado em Antonio Piccarolo não se deveu a incompatibilidades ideológicas intransponíveis. Pelo contrário. Não apenas o *Il Risorgimento* evita associar de forma muito direta a burguesia italiana com o fascismo (considerando-a mais uma inocente útil nas mãos dos fascistas¹⁹) como transfere tal pensamento ao caso brasileiro. De fato, os grandes empresários italo-brasileiros de São Paulo, que ajudaram a sustentar os fascistas, são sim criticados, até por coerência de discurso (como negar ou ignorar um fato tão evidente como o apoio da elite ao fascismo?), mas essa crítica é muito leve, com os empresários sendo considerados também aqui vítimas inocentes do fascismo²⁰, atraídos por indolência e ambição²¹ e extorquidos sem dó²². A impressão que se passa é que o grupo de Piccarolo não consegue compreender o porquê de os "graúdos" não cederem seu apoio a eles, a despeito da moderação que eles já demonstraram ter, sendo seu esforço

¹⁸ "Lettera aperta ad alcuni "graúdos" protettori del fascismo", *La Difesa*, 15 de novembro de 1925.

¹⁹ Labriola, Arturo. "Dall'oligarchia all'fascismo", *Il Risorgimento*, 13 de dezembro de 1928.

²⁰ Eles seriam obrigados a aceitar os inúteis fascistas em suas empresas e ceder recursos, sob pena de prisão ou boicote. Cf. "Chediamo la protezione delle leggi brasiliane contro le insidie del fascismo", *Il Risorgimento*, Suplemento Especial, 26 de setembro de 1928.

²¹ "Le prime responsabilità. Ai maggiorenti della colonia", *Il Risorgimento*, Suplemento Especial, 26 de setembro de 1928.

²² Cf. "Rubrica del Combattente", *Il Risorgimento*, 30 de maio de 1929.

contínuo para chamar os "graúdos" à ordem e à racionalidade:

"Queremos falar das ajudas, dos encorajamentos e subsídios que o fascista encontrou entre a classe rica da colônia italiana; queremos falar daqueles que, aos aventureiros fascistas, mesmo aos que se apresentavam em vestes de assassinos, deram os meios para que se desenvolvessem. São coisas sabidas (...). Nós sempre insistimos sobre esse ponto e dizemos claramente aos maiores da colônia, àqueles que com seus capitais dão ao fascismo os meios para que este mantenha a sua propaganda: Prestem atenção na responsabilidade que vocês assumem"²³

O artigo "Al signor Graúdo" reforça ainda mais em nós a impressão de que o grupo de Piccarolo não entende o porquê de os "graúdos" não aceitarem a mão que eles mantêm estendida. Nesse artigo, se diz que, seja na Itália, seja no Brasil, os "graúdos" estão sempre do lado dos vencedores e que essa política talvez funcione com regimes liberais. Com governos de perseguição e ódio, porém, não darão certo: assim como o Kaiser e Napoleão caíram, o fascismo, pela lei da evolução histórica, cairá. E então "nós, antifascistas",

"(...) recordaremos que vocês foram instrumento tácito de perseguição. Recordaremos que vocês colaboraram na destruição da paz a tantos trabalhadores pobres, réus de haver um cérebro pensante. Recordaremos o seu servilismo frente a quem tinha as mãos manchadas no sangue dos irmãos. Recordaremos que vocês, ricos e independentes, teriam podido frear os abusos e eliminar as injustiças e, ao invés disso, foram desses atos cúmplices. Recordaremos que vocês protegeram desertores e delinquentes. Recordaremos tudo isto e ainda

²³ Cf. "Le prime responsabilità. Ai maggiorenti della colonia", citado.

mais"²⁴

Com essa recordação da culpa, as conseqüências seriam nefastas para todos. O jornal pede, portanto, por atenção e avisa: "Ainda há tempo de arrependimento!!!"

O grupo de Piccarolo, portanto, não apenas aceita a colaboração com a elite como a deseja²⁵. O fato de ele não conseguiu-la é um indicativo mais que precioso do quanto o fascismo teve receptividade entre essa burguesia ítalo-brasileira e de como não bastava um movimento ser moderado e defensor do nacionalismo italiano para ser simpático a ela. A rede de relações que leva os "graúdos" a apoiarem o fascismo parece ser, assim, mais complexa do que se imagina.

No tocante ao grupo Frola, os dados disponíveis indicam uma mudança de atitude com relação aos "graúdos". Os artigos não apenas se tornam mais violentos contra eles²⁶, como também mais diretos:

"Os graúdos, para satisfazer as suas tolas ambições, arrastariam as filhas para as alcovas dos imundos gerarcas do litório. Os graúdos são a causa principal da decadência moral e política da colônia. Habitados aos negócios mais indignos, mediante os quais enriqueceram, eles negociaram com o Judas fascista a honra da nossa gente e a entregaram em correntes. As sociedades italianas (...) se tornam igualmente antros de camisas negras. Culpa dos "graúdos" que com a traição

²⁴ Gavroche. "Il signor Graudo", *Il Risorgimento*, 16 de fevereiro de 1928.

²⁵ O que não é espantoso, dado o excelente relacionamento que Piccarolo sempre teve com esta elite. Cf. seu livro *Gli italiani nel Brasile (Dalla scoperta ai nostri giorni)*, 2 vs, São Paulo, sem editora, 1922/24.

²⁶ "La caccia al blasone", *La Difesa*, 3 de fevereiro de 1929; "Martinelli", *La Difesa*, 10 de fevereiro de 1929 e "Il prossimo crollo della Banca popolare", *La Difesa*, 24 de fevereiro de 1929, onde se critica violentamente os "graúdos" como usufruidores e sequazes do fascismo.

obtiveram as moedas e as coroas"²⁷

O grupo de Frola continua a relacionar o apoio dos graúdos ao fascismo com a questão da obtenção de títulos honoríficos²⁸ e reproduz o raciocínio do *Il Risorgimento* que explicava o apoio dos "graúdos" ao fascismo pela trilogia "indolência, ambição e medo"²⁹. Ele substitui, porém, "indolência" por "interesse":

"Os graúdos são todos fascistas. Parte por interesse, parte por medo, parte por ambição. Por interesse aqueles que tem relações com a Itália e submetem-se à extorsão para não serem prejudicados. Por medo porque muitos tem "rabo de palha" e temem que do passado surjam os fantasmas de suas culpas". Por ambição aqueles que, como o "Marquês do Guaraná" querem servir-se do fascismo, dos seus agentes, para subir na escala social."³⁰

Frola tem um pensamento, assim, menos suave no tocante aos "graúdos", identificando certos interesses (e não apenas a "indolência") que os levavam a ser fascistas. É fato que ele não sai de um padrão socialista de análise (ele não relaciona o apoio ao fascismo da burguesia ítalo-paulista com uma posição de classe, por exemplo), mas parece que

²⁷ "L'assalto alla Società Italiana di Beneficenza Umberto I", *La Difesa*, 14 de abril de 1929. Ver também Libero Battistelli, "Ancora la Crociera", *La Difesa*, 21 de julho de 1929.

²⁸ Ver, por exemplo, "Telefonate", *Il Risorgimento*, 7 de fevereiro de 1929 e "La Caccia al Blasone", citado.

²⁹ Ver "Le prime responsabilità. Ai maggiorenti della colonia", citado.

³⁰ Ver "La provocazione fascista. Le responsabilità dei "graudos" coloniali", *La Difesa*, 20 de janeiro de 1929 e "Colonia italiana e bivacchi fascisti", citado.

ele é um pouco menos tolerante com os "graúdos" que Piccarolo. Razão extra para não merecer o apoio desses homens, que sempre demonstraram, como já dito, suas fortes ligações com o fascismo.

A análise da relação dos "graúdos" com o grupo Mariani também nos confirma a força do apoio "graúdo" ao fascismo. Realmente, é interessante notar como os concentracionistas alteram, na sua segunda fase no Brasil, aquele padrão de tolerância que havia sido sua característica chave no período precedente, de domínio de uma pessoa que sempre havia tido boas relações com os industriais como Piccarolo. Os "graúdos" passam, de fato, a ser atacados diretamente e, pela primeira vez dentro do antifascismo, passam a ser nomeados. Surgem daí acusações diretas contra Matarazzo, Crespi e outros "graúdos"³¹ que são interessantes, na nossa opinião, por indicarem uma radicalização do pensamento antifascista no Brasil. Ao abandonarem o padrão anterior, os concentracionistas parecem estar respondendo, de fato, a uma constatação chave: nem com toda a moderação que haviam demonstrado eles haviam conseguido afastar os "graúdos" do fascismo. Sendo assim, nada mais lhes restava que radicalizar e partir para o conflito aberto. E foi o que ocorreu.

Vemos, portanto, que também não é na burguesia industrial que se deve buscar a localização da base popular do antifascismo socialista. Devemos retornar, pois, à questão que trabalhávamos inicialmente: a partir dos anúncios e subscrições, o que podemos apreender a respeito

³¹ Cf., por exemplo, "Percepismo e fascismo", *La Difesa*, 15 de fevereiro de 1931; "Tirapiiedi peggiori dei ladroni", *La Difesa*, 5 de setembro de 1931. Um outro artigo interessante é "I sistemi fascisti di Matarazzo e Crespi contro gli operai non dovranno prevalere in Brasile, paese libero e civile", *La Difesa*, 1 de agosto de 1931, onde se inicia uma crítica feroz contra Matarazzo, solidarizando-se com os têxteis em greve. O artigo é, porém, censurado, o que nos revela os estreitos limites em que os antifascistas trabalhavam quando desejavam entrar nas lutas operárias brasileiras: a censura governamental estava sempre sobre eles.

da base social do antifascismo socialista italiano de São Paulo?

As bases populares do grupo

O primeiro aspecto que nos chama a atenção é a presença maciça, dentre os anunciantes dos jornais antifascistas de representantes da pequena burguesia dos serviços de origem italiana: são escritórios de advocacia, pequenas lojas e oficinas mecânicas e elétricas, alfaiatarias, tinturarias, etc. A primeira conclusão que poderíamos tirar, portanto, é que o antifascismo tem uma sólida penetração entre a pequena burguesia do comércio de origem italiana de São Paulo.

Essa constatação esbarra, porém, num exame mais detalhado dos anunciantes. Percebeu-se, após acompanhar os jornais antifascistas por um tempo maior, que a circulação dos anunciantes nesses jornais era mínima, ou seja, são os mesmos anunciantes que se repetem, edição após edição, número após número, o que é revelador.

Claro que esse dado, por si só, pouco significaria. Ao cruzarmos, porém, a lista dos anunciantes com a dos subscritores do jornal e com a de militantes antifascistas houve uma coincidência apreciável e reveladora tanto da dedicação como dos limites desses homens.

A dedicação de indivíduos como os comerciantes Giuseppe Scarrone³², do Rio de Janeiro, Achile Robba (também da Associazione

³² Giuseppe Scarrone é um típico militante que mereceria um estudo biográfico mais sério. Emigrado há anos no Brasil, desenvolveu uma febril atividade antifascista, participando de Congressos e Associações, escrevendo - por conta própria - livretos e opúsculos antifascistas, etc. Também fez uma curiosa experiência cooperativa em sua indústria - "Fabrica Nacional de Vidros" - repartindo o lucro com seus operários e clientes. Mereceria, de fato, uma atenção maior. Sobre ele, além de contínuas

Combattenti Italiani Liberi em 1929), Giuseppe Cerrutti e Giovanni Giacobbe; dos advogados Bertho Condé (contínuo defensor dos antifascistas nos processos na justiça brasileira) e Gudulo Bornacina; dos mecânicos/artesãos Miguel Chiara e Vertua Chiodaroli, dos alfaiates Francisco Rizzaro e Primo Batistoni; dos médicos Gabriel Covelli e Francesco Finocchiaro (membro de várias associações antifascistas) e de tantos outros merece ser recordada e revivida como um tributo a homens que mantiveram a fé naquilo em que acreditavam, ano após ano, sem esmorecer jamais frente às pressões e problemas.

Nossa admiração pela fidelidade desses antifascistas só cresce quando temos em mente as inúmeras dificuldades e pressões que eles sofriam para manter a sua militância. De fato, não apenas eles viviam sob contínua vigilância do Consulado e da Polícia, mas também eram submetidos a toda uma série de artifícios destinados a tornar a vida difícil: eram-lhes negados postos de trabalho³³ e serviços consulares³⁴, obrigando os antifascistas a lutar muito para sobreviver³⁵. Suas empresas e micro-empresas também sofriam campanhas de boicote

referências esparsas, "Per avere una cittadinanza", *La Difesa*, 8 de maio de 1926.

³³ Angelo Trento, *Do outro lado do Atlântico*, citado, pp 360 a 363, menciona como Piccarolo, Felice Orlandi e outros professores e jornalistas antifascistas foram afastados, por pressão consular, das escolas e jamais onde trabalhavam. Em "Pax...fascista", *Il Risorgimento*, 16 de março de 1928 também se descrevem os artifícios e manobras destinadas a fazer os antifascistas perderem seus empregos e negócios.

³⁴ O caso de Felice Campolonghi, irmão do presidente da Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo, Luigi Campolonghi, a quem foi negado o passaporte para se unir ao irmão na França, mobilizou a imprensa antifascista por um bom tempo entre 1928 e 1929. Não vinha de outra fonte, aliás, a posição do antifascismo de Piccarolo de que o consulado não devia ser fascista, mas italiano, atendendo a todos os conacionais que o procurassem.

³⁵ Angelo Trento, *Op.cit.* p. 361, mostra casos de antifascistas como o de Bixio Picciotti (arquiteto que teve que trabalhar como apontador no porto de Santos), que tiveram de aceitar trabalhos humildes para sobreviver.

promovidas pelo Consulado, o qual tentava negar aos antifascistas os meios de subsistência:

"Sempre pensei que houvesse italianos demais - ou, pelo menos, indivíduos que tem um sobrenome etimologicamente italiano - anunciando no *La Difesa*. Ninguém pode impedir tal coisa, é verdade. Mas não seria patrioticamente útil chamar a atenção dos bons compatriotas para que nunca comprem nada das empresas que anunciam no *La Difesa*? Eu poderia transcrever os nomes aqui, mas o senhor não os publicaria. Convide, ao invés disso, como o senhor sabe fazer, seus numerosos assinantes a gastarem, de vez em quando, alguns tostões comprando um exemplar do *La Difesa* a fim de recortarem todos os anúncios, aprenderem-nos de cor e evitarem comprar dos anunciantes."³⁶

Essas perseguições atingiam, às vezes, uma linguagem direta e ameaçadora. Giovanni Giacobbe, militante antifascista, recebeu, por exemplo, a seguinte carta anônima:

"Aviso

Para o seu bem e de sua família. Fique atento em relação a anunciar naquele jornal; é muito perigoso e contra os seus interesses.

amigo da casa"³⁷

Ser um antifascista era, portanto, um ato que trazia represálias consideráveis, o que ressalta ainda mais a coragem e o desprendimento

³⁶ *Il Piccolo*, 28 de abril de 1928. *Apud* Angelo Trento, *Op.cit.*, p. 362. Os antifascistas, por sua vez, lançarão um contra-boicote em relação aos produtos das empresas fascistas.

³⁷ Cf. "Le armi dei villi", *La Difesa*, 25 de abril de 1926.

desses homens que anunciavam e colaboravam com os jornais antifascistas. Ao mesmo tempo, porém, que revela homens de tenacidade e convicções admiráveis, a confluência de nossas listas revela os estreitos limites em que a propaganda antifascista girava: eram sempre os mesmos homens que anunciavam no jornal e que trabalhavam por ele. Os indícios dos limites da penetração da propaganda antifascista são, pois, evidentes.

O exame da atuação de Francesco Frola no fim dos anos 20 torna esse quadro um pouco menos negro: Frola consegue um aumento brutal do número de anunciantes e especialmente do de subscrições para o *La Difesa*, parecendo conseguir extrapolar os estreitos limites em que a propaganda do jornal se debatia no período Piccarolo.

Essa situação de maior contato do jornal com as massas italianas de São Paulo é um indicativo precioso de que havia um espaço para a atuação do antifascismo em São Paulo, espaço este que a maior atividade de Frola conseguiu, ao menos em parte, preencher. Não devemos, porém, perder o bom senso e superestimar essa situação: é verdade que o número de italianos antifascistas parece crescer bastante com Frola, mas também é verdade que as centenas ou milhares de subscritores que aparecem no *La Difesa* sob Frola continuam representando pouco frente à massa de dois milhões de italianos ou descendentes³⁸ que viviam em São Paulo no entre-guerras.

Como resultado, podemos concluir, ao menos no estágio atual das pesquisas que se desenvolvem sobre o tema, por uma penetração muito limitada do antifascismo tanto em relação aos italianos da pequena burguesia urbana quanto em relação à colônia italiana como um todo.

³⁸ A estimativa vem de Ricardo Seitenfus, *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos Blocos - O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Cia Editora Nacional, 1985, parte II, capítulo 3.

Houve, sim, provas de muita dedicação individual e de sinais de alguma relevância em certos setores da vida colonial. Nada, porém, que justificasse um otimismo como o de Frola e Piccarolo³⁹, para quem o antifascismo era uma força viva e pujante dentro da colônia italiana.

Falamos anteriormente em "relevância em certos setores da vida colonial". Por esse termo traduza-se Maçonaria. Esta, de fato, jamais se furtou de apoiar o antifascismo, sendo conveniente examinar esse apoio com um pouco mais de atenção.

A Maçonaria

As relações dos líderes antifascistas com a Maçonaria eram antigas. Piccarolo era um notório maçom desde seus tempos na Itália, tendo liderado os elementos maçônicos italianos de São Paulo, em meados dos anos 10, na formação de um Grande Oriente autônomo, sendo também presença contínua nas atividades e trabalhos desenvolvidos pelas lojas maçônicas de São Paulo no início do século⁴⁰.

Frola também tinha uma boa relação com a Maçonaria. Esta relação parece ser menos intensa que a de Piccarolo, mas ainda assim

³⁹ Cf. "Nel fronte unico", *Il Risorgimento*, 1 de abril de 1928; "Nella Pattumiera", *La Difesa*, 8 de janeiro de 1928; "La propaganda in Italia (Istruzioni Pratiche)", *La Difesa*, 5 de fevereiro de 1928 e "La Banca Popolare contro il Brasile", *La Difesa*, 10 de março de 1929, entre outros.

⁴⁰ Algumas das informações a seguir foram extraídas de Ângelo Trento, *Op.cit.*, pp. 365-366. Para obras de Piccarolo defendendo a Maçonaria, ver Livio Zambeccari - *Apóstolo da liberdade na América e na Europa*, São Paulo, Tipografia Rossolillo, 1935, e *La massoneria e l'Indipendenza Brasiliana*, São Paulo, 1922.

era - apesar das objeções de Piccarolo⁴¹ - sólida e duradoura⁴². Apenas Mariani, entre os principais líderes do antifascismo, parece ter uma ligação menos forte com a Maçonaria.

De qualquer forma, é interessante acompanhar a trajetória das lojas maçônicas de São Paulo no tocante ao fascismo e ao antifascismo. Com o advento do fascismo na Itália e com o início da sua campanha anti-maçônica, as lojas maçônicas pertencentes aos italianos de São Paulo primeiro eliminaram os fascistas de seu seio, passando depois a apoiar decisivamente o antifascismo de Piccarolo: foi com subscrições das lojas Andrea Costa e Guglielmo Oberdan que o *La Difesa* se sustentou entre 1923 e 1925; o *Il Risorgimento* foi mantido principalmente com fundos da loja Aquila Romana; a maioria das subscrições aos jornais se origina, ano após ano, das lojas maçônicas; eram os maçons que financiavam as viagens de Frola⁴³, etc.

Essa situação de apoio maçom também é evidente em aspectos além-financeiros: as reuniões do Partito Repubblicano Italiano e da Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo aconteciam sempre no templo maçônico da Rua José Bonifácio, onde também estava localizada a redação do *Il Risorgimento*; eram feitas cerimônias conjuntas dos órgãos antifascistas com as lojas maçônicas⁴⁴, era nas lojas da Maçonaria que Frola

⁴¹ Piccarolo, *Il fenomeno Frola*, São Paulo, sem editor, 1934, pp. 73 e seguintes, acusa Frola de não ser um verdadeiro maçom de fato, mas apenas de se passar por tal para usufruir dos recursos da organização.

⁴² Cf. seu romance *La strage di Firenze*, São Paulo, Casa Editrice Libertà, 1926, reedição de uma edição italiana mais antiga, onde Frola condena a violenta campanha do fascismo contra os maçons.

⁴³ Cf., por exemplo, "Frola recebido pela Maçonaria Brasileira", *La Difesa*, 23 de dezembro de 1926; "Vargem Grande accoglie trionfalmente l'on. Frola", *La Difesa*, 3 de junho de 1928 e "L'on. Francesco Frola applauditissimo a Jahú ed a Bariry", *La Difesa*, 23 de setembro de 1928.

⁴⁴ Cf., por exemplo, os artigos "LIDU", *Il Risorgimento*, 1 de junho de 1928, e "Commemorazione Massonica dell'On. Giovanni Amendola", *La Difesa*, 25 de abril de 1926.

discursava quando de suas viagens pelo interior⁴⁵, etc. O relacionamento desse grupo de antifascistas com a Maçonaria é, pois, mais que evidente⁴⁶.

Note-se, aliás, que a imprensa fascista vai se aproveitar desse inegável apoio maçom⁴⁷ aos antifascistas para apresentar o antifascismo como uma maquiavélica conspiração organizada e dirigida pela seita secreta e perigosa que era a Maçonaria⁴⁸. Os antifascistas novamente terão que responder a isso, ressaltando os excelentes serviços prestados pela Maçonaria à Itália⁴⁹ e deixando claro, para todos e especialmente

⁴⁵ Cf., por exemplo, "Dai nostri corrispondenti", *La Difesa*, 9 de dezembro de 1926; "Le giornate di Rio dell'on. Frola", *La Difesa*, 30 de dezembro de 1926, e "La nostra propaganda nell'interno - Una magnifica giornata antifascista a Piracicaba", *La Difesa*, 19 de maio de 1927.

⁴⁶ É interessante notar como os indícios de apoio maçônico direto aos jornais antifascistas flutuam conforme o líder que está no comando. No *La Difesa*, isso é muito claro. Quando da gestão de Frola e Piccarolo, o apoio maçônico é aberto e claro. Na gestão Mariani (que consta não ser maçom), porém, os sinais desse apoio desaparecem, o que é relevante por indicar as dificuldades do antifascismo em formar uma sólida base de apoio em São Paulo.

⁴⁷ Esse apoio, aliás, não é restrito ao caso brasileiro. Franco Andreucci, *Il Movimento Operaio Italiano - Dizionario Biografico 1853-1943*, Roma, Riuniti, 1975, vai nos revelar a substancial presença maçônica no seio da Concentrazione enquanto Maria de Lujan Leiva, "Il movimento antifascista italiano in Argentina 1922-1945" In B. Bezza, *Gli italiani fuori d'Italia*, Milano, Franco Angeli, 1983, nos indica como, também na Argentina, grande parte dos expoentes de vários partidos e associações antifascistas eram maçons.

⁴⁸ Cf. o discurso do cônsul Mazzolini durante a comemoração da fundação do fascio, realizada no teatro dos salesianos de São Paulo em março de 1928, em "Nel fronte unico", *Il Risorgimento*, 1 de abril de 1928, e para uma crítica de caráter mais amplo, as insinuações fascistas de que todo o dinheiro da Concentrazione proveria de fontes maçônicas, procurando descaracterizar o seu esforço para atrair recursos e apresentá-los como agentes a serviço de forças secretas anti-italianas. Cf., a respeito, Bruno Tobia, *Op. cit.*, pp. 425 e seguintes.

⁴⁹ Cf., por exemplo, "La nostra italianità e quella di certi signori", *Il Risorgimento*, 1 e 16 de agosto

para aqueles maçons que aderiram ao fascismo, a incompatibilidade entre a "horda fascista" e a Maçonaria⁵⁰

Essa presença apreciável de maçons na luta antifascista em São Paulo não deve, porém, ser superavaliada. Pela sua baixa consistência numérica e pelo seu próprio caráter de associação secreta, a Maçonaria nunca poderia ter fornecido o apoio de massa que o antifascismo necessitava para decolar. Eles forneceram uma base intelectual e material que, a nosso ver, foi de importância fundamental na manutenção de um pensamento e de uma ação antifascista na São Paulo dos anos 20 e 30. Isso não nos autoriza, no entanto, a superestimar essa participação. Mesmo com o apoio maçônico, o antifascismo continuará, ao que tudo indica, com uma base popular restrita e politicamente frágil e isso deve ser destacado.

Ligações dos antifascistas com os políticos brasileiros

As primeiras questões a serem respondidas nesse sub-item são simples e óbvias: havia ligação dos antifascistas socialistas italianos com políticos brasileiros? Em caso afirmativo, que políticos eram estes e o que essa colaboração significou para o movimento?

A primeira questão é de fácil resposta: havia, apesar de todo o cuidado dos antifascistas em se mostrarem neutros frente à política nacional, alguns contatos com políticos brasileiros. Apesar disso, não se localizam contatos diretos com partidos políticos locais (à parte algum contato com o Partido Democrático de São Paulo⁵¹), mas sim com

de 1928.

⁵⁰ Cf. "Massoneria e fascismo", *Il Risorgimento*, 11 de julho de 1929.

⁵¹ Para a presença de representantes do Partido Democrático num funeral antifascista em 1927, cf.

homens: Evaristo de Moraes, Nicanor do Nascimento, Azevedo Lima, Agripino Nazareth e outros que sempre aparecerão como convidados nas cerimônias dos antifascistas ligados tanto a Frola como a Piccarolo⁵².

O apoio desses homens ao antifascismo socialista italiano de São Paulo (o qual parece ter sido mediado, em grande parte, pelas lojas maçônicas⁵³) apresenta variações no decorrer do tempo (1926, por exemplo, é um ano de intensa colaboração entre Frola e Evaristo de Moraes, enquanto em outros anos essa colaboração é menor) mas é inegável⁵⁴. Esta é, de fato, a única ponte⁵⁵ que os socialistas italianos de

"Funebri", *La Difesa*, 13 de março de 1927 e o contínuo relacionamento de um importante antifascista - Bertho Condè - com o Partido Democrático. Ver Bertho Condè, *Sugestões ao Primeiro Congresso do Partido Democrático em São Paulo*, São Paulo, sem editora, 1926. Note-se, aliás, que não é de se estranhar a existência de algum tipo de relacionamento entre o Partido Democrático e o socialismo italiano de São Paulo: O Partido Democrático defende, em essência, um reformismo social que se aproximava bastante dos ideais reformistas da maioria desses antifascistas. Sobre o Partido Democrático, ver Vamirch Chacon, *História dos Partidos Políticos*, Brasília, Editora da UnB, 1981 e Maria Lígia Coelho Prado, *A Democracia Ilustrada (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934)*, São Paulo, Ática, 1986.

⁵² Cf., por exemplo, "Dai nostri corrispondenti", *La Difesa*, 9 de dezembro de 1926; "Le giornate di Rio dell'On. Frola", *La Difesa*, 30 de dezembro de 1926; "La commemorazione del Terzo Anniversario dell'assassinio di Matteotti", *La Difesa*, 5 de junho de 1927, entre outros.

⁵³ A mesma situação transparece na Argentina: Ronald Newton, "Patria? Cuál Patria? Italo-argentinos y germano argentinos en la era de la renovación nacional fascista, 1922-1945", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 7, 22, setembro/1992, demonstra como eram as redes de lojas maçônicas que permitiram aos fuorusciti entrar em contato com seus pares argentinos.

⁵⁴ Ainda no final da década de 1930 estas relações, ao menos no plano intelectual, permanecem: Evaristo de Moraes vai prefaciar os livros *A economia espontânea do povo: a cooperação livre e O Trabalho e o Salário* de Frola, e Piccarolo vai prefaciar o livro *Os Judeus* de Evaristo de Moraes.

⁵⁵ Note-se que tanto o grupo de Piccarolo como o de Frola procuram manter aberta essa ponte com os socialistas reformistas brasileiros. No período Mariani, porém, os sinais de contato desaparecem, o

São Paulo conseguiram fazer na sua luta contra o fascismo (ao menos no período que estamos estudando⁵⁶) e é de interesse, portanto, que estudemos melhor estes personagens, com ênfase no mais relevante deles, Evaristo de Moraes⁵⁷.

Evaristo de Moraes, advogado e maçom, nasceu em 1871 e labutou nas causas abolicionista e republicana na adolescência. Militou nos frágeis partidos operários e socialistas do fim do século XIX e início do XX, os quais esperavam obter conquistas através da ação política do proletariado e o sufrágio universal, e denunciou a exploração e as condições de vida e de trabalho dos operários, pregando a legislação social, direitos trabalhistas e a criação de cooperativas de consumo para resolver a questão social.

No início do século XX, continuou a acumular sucessos na carreira de advogado e a agitar nos meios socialistas reformistas do Rio de Janeiro, defendendo a legislação social para o trabalhador e a mudança social pela propaganda e pelo sufrágio universal. Com tal plataforma, candidatou-se a deputado em 1918, pelo Partido Socialista.

Em 1920 funda, ao lado de outros socialistas reformistas como Nicanor do Nascimento, Maurício de Lacerda e Agripino Nazareth, a sessão brasileira do grupo Clartè⁵⁸, criando um grupo fortemente

que pode indicar uma percepção diferente no tocante à formação de alianças com forças políticas locais, da parte de Mariani e Cilla.

⁵⁶ Conforme o já observado antes, Frola tinha mais livre trânsito entre as esquerdas e parecia ir se aproximando mais e mais da extrema esquerda no decorrer dos anos 30, o que lhe possibilita ampliar os contatos com forças brasileiras semelhantes.

⁵⁷ As informações biográficas sobre Evaristo de Moraes foram extraídas de Evaristo de Moraes Filho, "Introdução" In Evaristo de Moraes, *Reminiscências de um rábula criminalista*, Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Brighiet, 1989.

⁵⁸ As informações a seguir foram retiradas de Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, "O grupo Clartè no Brasil: da Revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho" In Arnoni Prado, *Libertários no*

reformista e estatizante. Em 1925, funda um novo Partido Socialista; em 1928 ajuda a criar o Partido Democrático e em 1929 entra na Aliança Liberal contra Washington Luís.

Nos anos 30, finalmente, Evaristo de Moraes e seus colegas do Clartè e da luta antifascista encontrarão um meio de implementar suas idéias: o novo governo varguista, preocupado com a questão social. Eles se tornarão membros proeminentes do Ministério do Trabalho (Evaristo de Moraes, por exemplo, ficou no Ministério de 1930 a 1932 e foi responsável por parte da legislação trabalhista. Só rompeu com Vargas por sua tendência autoritária) e assim ficarão por anos.

Essa aliança, segundo Hall e Pinheiro, não é de surpreender: o regime tinha poucos laços com os trabalhadores urbanos e pouca experiência na legislação trabalhista que se pretendia impor. Já os "ex-clartistas" há muito procuravam um regime que oferecesse uma administração "científica" do problema social e reformismo. A aliança foi, pois, natural.

Os antifascistas brasileiros a quem os antifascistas italianos davam tanto crédito e atenção acabaram, portanto, como funcionários de um regime com claros componentes fascistas em sua constituição como o de Vargas. Uma ironia da história, que revela a singularidade da luta antifascista italiana no Brasil.

A colaboração entre esses socialistas reformistas brasileiros e os antifascistas socialistas italianos não surpreende, dado que suas concepções de luta e de transformação social eram semelhantes. Resta, porém, descobrirmos se esta colaboração rendeu ao antifascismo italiano de São Paulo algo mais sólido que simples palavras. Em resumo: a

colaboração com estes socialistas reformistas trouxe ao antifascismo o apoio político de que ele tanto necessitava?

A resposta é não. O apoio dos socialistas reformistas brasileiros rendeu poucos dividendos aos antifascistas italianos e isso por uma razão muito simples: sua própria base de apoio era frágil em excesso para que eles pudessem oferecer ajuda a alguém.

Segundo Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro⁵⁹, houve diversos fatores que inviabilizaram o surgimento de verdadeiros partidos reformistas no Brasil da República Velha: a intransigência da burguesia, a repressão, o clima asfixiante da República Velha, etc. Tais fatores serviram para impedir o surgimento de um partido socialista capaz de aglutinar os socialistas reformistas brasileiros. Eles tentaram, é verdade, formar esse partido por todos os anos 20 e seu fracasso demonstra, mais que tudo, a inviabilidade do reformismo no Brasil da Primeira República.

A fragilidade dos socialistas reformistas no Brasil dos anos 20 está, pois, mais que clara. Sendo tão frágeis politicamente, não é difícil entender como seu apoio ao antifascismo pouco significou. Não se repetirá no Brasil a bem sucedida incursão antifascista ao mundo oficial como ocorreu, por exemplo, na Argentina (aprovando leis contra o fascismo no Parlamento) por meio do apoio das estruturas políticas locais⁶⁰. O antifascismo socialista italiano do Brasil verá mais uma vez negado, portanto, seu sonho de atingir o governo brasileiro, com todas as implicações daí decorrentes.

⁵⁹ Cf. nota 54.

⁶⁰ Cf. Maria de Luján Leiva, *Op.cit.*